

Manoel Lins

O canto da
eterna esperança



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Evandro Sena Freire
José Montival Alencar Junior
André Luiz Rosa Ribeiro
Andrea de Azevedo Morégula
Adriana dos Santos Reis Lemos
Francisco Mendes Costa
Guilhardes de Jesus Júnior
Lucia Fernanda Pinheiro Barros
Lurdes Bertol Rocha
Ricardo Matos Santana
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti
Samuel Leandro Oliveira de Mattos
Silvia Maria Santos Carvalho

Manoel Lins

O canto da eterna esperança

Antônio Lopes
(Pesquisa, seleção, organização,
edição e notas)

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2017

Copyright ©2017 by ANTÔNIO LOPES

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Alencar Júnior

REVISÃO
Maria Luiza Nara
Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M266 Manoel Lins: o canto da eterna esperança /
pesquisa, seleção, organização, edição e notas
Antônio Lopes – Ilhéus, BA: Editus, 2017.
384 p.: il.

ISBN: 978-85-7455-451-8

1. Manoel Lins, 1937-1975. 2. Escritores
brasileiros – Biografia. 3. Escritores brasileiros –
Bahia. 4. Contos brasileiros – Bahia. I. Lopes,
Antônio. II. Título.

CDD 928.693

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORIA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Nota de justiça

Este livro é um trabalho de muitas mãos. Faz-se impecável, portanto, agradecer aos que se associaram ao nosso projeto: mostrar um pouco do que Manoel Lins foi e do que poderia ter sido. A ajuda foi diversa, no limite das possibilidades de cada colaborador. Mas todos demonstraram igual interesse em trazer aos nossos dias o cronista, contista, advogado, jornalista, professor, dirigente da OAB, jogador de futebol, militante político, profissional datilógrafo e bebedor de cerveja Manoel Lins.

Pelo volume da contribuição, destacam-se:

Celso Castro (diretor da Faculdade de Direito da UFBA), Ivone Cavalcante Lins, Jorge de Souza Araujo, Linsmar Sampaio Lins, Manoel Lins (sobrinho), Naomar Almeida Filho (Reitor da UFSB), Ramiro Aquino e Solenar Nascimento (arquivista da UFBA).

Também foi importante a participação de:

Aleilton Fonseca, Amail Sampaio Lins, Anamar Sampaio Lins, Carlos Eduardo Sodré, Carlos Magno de Andrade, Cyro de Mattos, Eduardo Lins, Rafael Briglia, Gabriel Nunes, Gutemberg Kruschewsky Sá, Ivone Fialho, Joelena Maria Sousa Torres Lins, José Adervan de Oliveira, Laura Ganem, Luiz Américo Lisboa Jr., Marcelo Ganem, Marcelo Lins, Márcio Mendonça, Maria Luzia de Mello, Marilde Lins Pereira, Milena Sanjuan, Pedro Augusto Lins, Raimundo Garcia, Raimundo Tedesco, Tiago Sanjuan (gerente administrativo da OAB-BA) e Tica Simões.

Por último, mas não menos importante, cumpre agradecer à EDITUS – EDITORA DA UESC, sem cujo apoio, obviamente, este trabalho não teria chegado a termo.

Alguém já disse que o biógrafo, em geral, é admirador do biografado – e este caso não foge à regra. Com Manoel Lins, espécie de irmão mais velho, convivi por, pelo menos, curíssimos 16 anos, do fim dos anos cinquenta até sua morte, em 1975. Em Buerarema, frequentamos, principalmente, o Bar Pingo de Ouro, sem prejuízo de nossas aulas no Ginásio Henrique Alves (ele, professor de francês; eu, com desculpas aos meus alunos, de matemática). Assim, parece-me de justiça que os eventuais leitores sejam advertidos: este trabalho é uma espécie de canção de amigo, sem espaço para os defeitos de Manoel – se é que defeitos ele tinha, do que muito duvido.

Os textos a seguir são, em maioria, do livro *Menino aluado* (1968). Outros, dos semanários SB –Informações e Negócios e Desfile, outros, ainda, da coleção particular de Linsmar Sampaio Lins (por certo, alguns inéditos).

A exemplo de “A longa jornada do herói grotesco”, da antologia *O moderno conto da região do cacau* (organizada por Telmo Padilha), vários textos ficaram de fora desta seleção, por fugirem à unidade da obra. Mas me pareceu pertinente publicar o prefácio que Lins escreveu para o livro Canto de presença (1973), de Carlos Válder do Nascimento, seu aluno de Direito Constitucional, hoje renomado tributarista.

Devido ao andar do tempo, houve necessidade de pequenas alterações nos escritos, revisão e adaptação ao novo Acordo Ortográfico, mas nada que mudasse a essência do pensamento do autor.

(A. L.)

Sumário

| | |
|------------------------------|----|
| Da cerveja à hidrolitol..... | 11 |
| Pensamento vivo..... | 15 |
| A voz na hora turva..... | 23 |
| Gravado no coração | 27 |

IDENTIFICAÇÃO

| | |
|---|----|
| <i>Alguns documentos pessoais que ajudam a identificar Manoel Lins.....</i> | 33 |
|---|----|

| | |
|------------------------------|----|
| A Coisa | 37 |
| O menino aluado | 41 |
| O guerreiro vencido..... | 45 |
| O camelô do pau d'arco..... | 49 |
| O homem e o mar | 53 |
| Os brotos em flor..... | 57 |
| Oelixir da juventude | 61 |
| Natal de um homem só | 65 |
| Desejos | 69 |
| Bartolomeu era Flamengo..... | 73 |

O SECUNDARISTA

| | |
|---|----|
| <i>Do Ateneu Sul Baiano, em Buerarema, à conclusão do Curso Ginásial, em Salvador</i> | 77 |
|---|----|

| | |
|----------------------------------|-----|
| Convite do lavrador | 81 |
| Inverno | 85 |
| A cidade em construção..... | 89 |
| Porto Seguro | 93 |
| Coisas do céu | 97 |
| O amor de Maria..... | 101 |
| Sonho de uma Noite de Natal..... | 107 |
| Todo homem tem um caminho | 111 |
| A lição das águas | 115 |
| Hiroshima: nunca mais | 119 |

PREPARADO PARA A GUERRA

| | |
|--|-----|
| <i>Manoel Lins no CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) do Exército Brasileiro.....</i> | 123 |
| Ah, as mulheres... | 127 |
| O menino do apito | 131 |
| Atributos de dona Cremilda | 135 |
| O poeta Firmino..... | 139 |
| O honesto senhor Tramanca | 145 |
| O ofício de escrever | 149 |
| Coração tem razões | 153 |
| O desesperançado Terêncio..... | 157 |
| Do México a Itabuna | 161 |

O ADVOGADO

| | |
|--|-----|
| <i>Documentos referentes ao exercício da advocacia</i> | 165 |
| A jovem do sorriso azul | 169 |
| Necessidade de escrever | 173 |
| Por que me ufano do meu País..... | 177 |
| Meu jornal..... | 181 |
| Balões | 185 |
| O menino engraxate | 189 |
| Às jovens do Pontalzinho..... | 193 |
| Coisas de bar..... | 197 |
| Nosso medo | 201 |

CODINOME: MACUCO

| | |
|--|-----|
| <i>Manoel viveu a maior parte de sua vida em Buerarema, onde deixou muitos amigos e admiradores.....</i> | 205 |
| O dom de escrever | 211 |
| Discurso à moça rica que dorme | 215 |
| Sonhos, telefone e fada | 219 |
| Os construtores da aurora..... | 223 |
| Soluções..... | 227 |

“TOMANDO ESTADO”

| | |
|--|-----|
| <i>Em Itabuna, o advogado Manoel casa-se com a professora Ivone.....</i> | 231 |
|--|-----|

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Passeio à infância | 235 |
| Uma vez Flamengo | 239 |
| Estabilidade..... | 243 |
| Ano Novo | 247 |
| Cantiga da volta..... | 253 |
| Esses cabeludos incomprendidos..... | 257 |
| Mundo, vasto mundo | 261 |

O ESCRITOR

*Manoel Lins, em 1968, lança o livro de estórias
curtas Menino aluado, em Itabuna*

| | |
|-----------------------------------|-----|
| As moças em flor..... | 269 |
| A presença inevitável..... | 273 |
| Sábado faminto de poesia | 277 |
| A reconstrução | 281 |
| O sedento | 285 |
| Campinho | 289 |
| Vida e morte de Pedro Macuco..... | 293 |
| O preço de uma vida..... | 297 |
| O cronista viaja..... | 301 |
| Jornais que sangram | 305 |
| O viúvo | 309 |
| Depois do Carnaval | 313 |
| O trabalhador rural..... | 317 |
| Os homens vazios..... | 321 |
| A notívaga muriçoca..... | 325 |
| Um bicho solitário | 329 |
| Tranquilamente | 333 |
| Manoel, o confinado | 337 |
| Minha histórias | 341 |
| A Indesejada | 345 |

A SÚBITA TRAGÉDIA

A Indesejada colhe Manoel Lins em 1975, aos 38 anos (mais dois meses e cinco dias), em plena ascensão pessoal e profissional.....

CONSIDERANDOS

*Amigos, colegas e familiares de Manoel Lins, em oportunidades diversas, ao longo desses 40 anos, praticearam a ausência do cronista*357

A Manoel, com saudade
Maria Otávia Sampaio Lins.....359

Brincando com os pássaros
Eduardo Anunciação361

“Só tenho tristeza”
Rafael Briglia363

Buerarema em construção
Linsmar Sampaio Lins364

Primeiro o texto; depois, o autor
Ramiro Aquino366

A última viagem
Gabriel Nunes368

Desce mais uma!
Antônio Lopes370

De Manoel, lembrança ou fantasia
Naomar de Almeida Filho372

Buerarema contristada
Ivo Celso Fontes375

O ÚLTIMO BILHETE

*Cansado, o cronista pede férias, sem saber que o Destino lhe programara licença definitiva*377

Oração por Manoel
Jorge de Souza Araujo379



Da cerveja à hidrolitol¹

O bueraremense Manoel (Sampaio) Lins nasceu em União dos Palmares, Alagoas, a 4 de fevereiro de 1937.² É o quarto dos dez filhos de D. Maria Otávia Sampaio Lins e seu Ildefonso Carvalho Lins. Os outros irmãos, por ordem decrescente de idade, são: Ernandi (quatro vezes prefeito de Buerarema), Aureni, Maílde, Ildemar, Ernoel, Amail, Linsmar, Anamar e Marilde. Note-se como são incomuns quase todos os nomes.

A certidão de nascimento de Manoel Lins guarda curiosidades: além do atentado que o cartório perpetrhou contra a forma vernacular *Manuel*, o assento só foi feito em 1948 (quando ele tinha 11 anos!), e consolidou um erro que a “vítima” carregaria pelo resto da vida: ter nascido em União/AL, local inexistente, para o IBGE. O município chama-se União dos Palmares. Por fim, seu nascimento (segundo informações da família) deu-se a 3 de fevereiro, mas no registro foi anotado o dia 4 – e assim ficou.

Aos cinco anos presumíveis, mudou-se de União dos Palmares para Buerarema, com a família. Na florescente vila, seu Ildefonso e D. Otávia fundaram a loja de tecidos Empório do

¹ Bebida gasosa, provavelmente fabricada em Niterói/RJ, indicada, empiricamente, contra ressaca. Historiadores registram que, nos anos sessenta, na Rua da Conceição, em Niterói, um bar exibia uma placa com os dizeres: “Se o álcool te atrofia, hidrolitol te alivia”. A bebida, em Itabuna, era disponível apenas no Café Pomar.

² As raras publicações sobre Manoel Lins (O moderno conto da região cacauera/Telmo Padilha e Itabuna, chão de minhas raízes/Cyro de Mattos) o dão como nascido em Buerarema, em 4 de julho de 1937, num evidente equívoco.

Sul. O estabelecimento funcionou, inicialmente, ao lado da residência dos Lins (no Campinho, que o cronista tornaria conhecido); depois, na avenida Barão do Rio Branco (hoje Paulo Portela), esquina com a Siqueira Campos.

Manoel fez os estudos primários em Buerarema, no Ateneu Sul Baiano, do Pastor José de Freitas Ramos, e prestou exames de Admissão (uma espécie de vestibular para ingresso no Curso Ginasial) em 1949, no Colégio Dois de Julho, em Salvador.

Ali, fez as duas primeiras séries, a terceira no Colégio da Divina Providência, em Itabuna (Buerarema só teria o Ginásio Henrique Alves funcionando a partir de 1954) e concluiu o primeiro ciclo secundário (era assim que se dizia) cursando o último dos quatro anos no Colégio Batista Alagoano, de Maceió, em 1953.

Na época, após o Ginásio, o aluno escolhia entre os cursos Científico, Clássico e Normal (formação de professores – na verdade, de professoras, pois os homens, em geral, não seguiam tal profissão). Manoel Lins optou pelo Clássico, de currículo adequado a suas aspirações de advogado.

Em 1954, por motivos não apurados, ele não se matricula em nenhuma escola. No ano seguinte, volta ao Colégio Dois de Julho, para a primeira série do Curso Clássico. Em 1956, transfere-se para o lendário Colégio Central da Bahia, onde cursa a segunda e a terceira séries.

Não há registro de matrícula durante os anos de 1958 e 1959, especulando-se que ele trabalhava para se manter (sua família não era propriamente dita rica), além de preparar-se para entrar na faculdade. Um empecilho, por certo, era o CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva), tarefa que concluiu em setembro de 1958. Lins era, portanto, 2º Tenente R/2 da Infantaria do Exército (do que nunca fez alarde). Mas fez, nesse meio, pelo menos, um amigo para o resto da vida: o itabunense

se administrador de empresas Márcio Mendonça, seu colega na mesma Arma, a Infantaria do Exército.

Presta Vestibular para a Curso de Direito da Universidade Federal da Bahia, em 1960. Optou por francês, como língua estrangeira, e se deu muito bem: obteve nota 7, a melhor das quatro matérias (as outras eram português, latim e sociologia). Teve, por pouco mais de um ano, um colega que ficaria mundialmente famoso, o futuro cineasta Glauber Rocha (o diretor de *Terra em transe* abandonou o curso em 1961).

Em 1964 – o ano que só morreria em 1985 (e que algumas pessoas querem ressuscitar) – colou grau como bacharel em Direito. Em sua turma de 54 formandos estavam, dentre outros nomes hoje muito conhecidos, o historiador e poeta Fernando da Rocha Peres, da Academia de Letras da Bahia.

Após a formatura, volta a viver em Buerarema, ensinando francês no Ginásio Henrique Alves e iniciando sua carreira de advogado, em Itabuna – para onde o DNER (de que era funcionário desde os tempos de estudante) o transferiu. Na terra de Firmino Alves, o envolvimento com os meios jurídico e cultural foi imediato: fez-se advogado do Sindicato dos Bancários, passou a ensinar Direito Constitucional na Fespi - Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (em lugar do professor Soane Nazaré de Andrade, de mudança para Salvador), casa com a professora Ivone Cavalcante (que acrescenta Lins ao nome de solteira), milita na Ordem dos Advogados e na Sociedade Itabunense de Cultura, escreve nos jornais, projeta um livro sobre Buerarema. E exerce duas de suas mais notórias especialidades: bebe cerveja e faz amigos. No começo da tarde, era comum vê-lo no Café Pomar, a beber hidrolitol.

7

Manoel Lins
O canto da eternidade

Pensamento vivo

Assessência do pensamento político e humanista de Manoel Lins é resumida a seguir: trechos de duas entrevistas ao SB – *Informações e Negócios*, uma sem assinatura (1968), outra dada a Jorge de Souza Araujo, na edição de 23 de março de 1975 (exatos 17 dias antes da morte do cronista), além do artigo “Missão e função da literatura”, publicada no livro *Menino Aluado* (1968).

A seção se completa com uma lírica reminiscência do amigo e colega Carlos Sodré, que muito contribui para entender a posição do biografado perante o meio em que (lamentavelmente, por pouco tempo) viveu.

Missão e função da literatura

O papel decisivo da literatura, em nossa época, é ajudar todos a conhecer a realidade, para transformá-la, na medida das necessidades humanas. Isso vale para qualquer setor da arte. A arte tem uma missão social e uma função ética. É necessário ao escritor que tenha algo a dizer aos outros homens; que este algo esteja fundado na vontade de apresentar problemas essenciais de nossa época; que tenha capacidade para fazê-lo e coragem para não distorcer a verdade apreendida no conhecimento de uma realidade social objetiva. É necessário, fundamentalmente, colocar o Homem no centro de tudo e defendê-lo, com tenacidade, da alienação, do absurdo, do desespero, do nada.

A alienação do homem ao seu próprio trabalho deve ser atacada como um dever. Jamais entregar-se à falsificação e à mistificação de uma realidade frustrada e moribunda, sem mostrar caminhos que permitam o reencontro do homem com seu ser. Em todo regime social agonizante, os artistas, de modo geral, têm dificuldades para captar a realidade, por ambígua, confusa e cambiante. A maioria deles está divorciada da sociedade. Sem horizontes, individualistas, buscam consolo no mundo dos sonhos. Há um desencontro entre o homem e a sociedade, como caráter próprio do sistema capitalista de produção.

Por não possuírem um instrumental teorético adequado para a análise e compreensão da sociedade, vazada em termos científicos, muitos escritores ficam perplexos ante o mundo e não encontram sua expressão artística, terminando por preterir a realidade incognoscível. Representar este mundo em vir-a-ser, em sua totalidade, é difícil para uma literatura atônita. Não é fácil representar uma sociedade inacabada, em luta com seus problemas, em evolução, corrigindo-se, transformando-se sem cessar e feita de todos esses conflitos e relações de interdependência. A literatura que objetivou isto ainda não obteve resultados melhores, porque, às dificuldades inerentes ao conteúdo, somam-se ainda as dificuldades formais. Daí serem poucas as obras que conseguem atravessar a peneira do tempo.

A literatura, ou melhor, a arte, não reflete somente o real; ela participa pró ou contra algo. O artista confrontado com uma dada realidade vê-se obrigado a deixar o secundário e apegar-se ao essencial. Saber o que é o essencial, consciente ou inconscientemente, é tomar posição. É a atitude do artista diante da vida que se exprime nessa escolha; é a perspectiva em que ele se coloca para julgar o mundo, é a sua concepção do mundo. Na escolha de muitos escritores de nossa época, o homem que vive e luta na sociedade é afastado para plano secundário. Na cogitação deles, entram apenas a morte, o sonho, o ser abstrato, o mito etc.

É a arte rejeitando o humano. A função básica da arte consiste em ajudar e em servir, em representar o homem em suas múltiplas relações com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo. É necessário a todo aquele que deseja ser escritor não só dizer a verdade mas tomar partido pela vida, contra a morte, em favor do futuro e do progresso. Sua profissão de fé deve ser: “Já que as coisas estão assim, assim não permanecerão”.

A missão da literatura é dar aos homens uma visão clara da realidade a fim de ensejar-lhes um sentimento de que podem mudar a face do mundo, e não se deixar sucumbir por um sentimento de impotência. A função da literatura consiste em reconhecer, servindo ao homem, a existência de uma realidade objetiva, e esforçar-se para representá-la. Servir à verdade e estar de acordo com o real. Missão social e função ética da literatura confundem-se num mesmo objetivo: servir ao homem.

O escritor deve perceber a realidade não como o caos, e sim como a sede de uma luta entre o que nasce e o que morre. O tema não se esgota aqui. O caráter do artigo não permite maiores dissertações. No mais, convém lembrar àqueles que querem escrever que, ao observar a realidade, saibam distinguir entre a casa demolida e o edifício em construção. Só o homem desprovido de consciência histórica pode compreender o mundo como um campo em ruínas.

“O artista é testemunha do seu povo, de sua época”

A arte para você está em função da necessidade de denúncia, participação ou pesquisa no gênero?

Eu digo na apresentação de *Menino aluado* que o artista é uma testemunha, assistindo e depondo sobre o que assiste. Testemunha do seu povo, de sua época. Contudo, ele não

é mero espectador, participa. Confrontado com uma realidade, vê-se obrigado a deixar o secundário e apagar-se ao essencial. Aí ele toma posição. É a atitude do artista diante da vida que se exprime na sua escolha. Não há um artista que não seja participante. Mesmo aqueles que fazem “a arte pela arte” participam, embora seja uma participação reacionária, conservadora, antiartística, se aprofundarmos o assunto, pois a arte deve ser sempre vanguardeira, sob pena de se esclerosar.

E a pesquisa?

Quanto à pesquisa ela é válida, à medida em que o artista não a torne seu objeto, seu conteúdo fundamental. Vai-se cair na pesquisa pela pesquisa. Não se pode ignorar que forma e conteúdo são pedaços de um só momento. Não se pode separá-los em compartimentos estanques. A grande diferença entre a literatura dita socialista e a capitalista é que aquela possui um conteúdo novo numa forma velha, e esta utiliza um conteúdo velho em formas novas. A pergunta envolve temas de alta indagação, o que impossibilita maiores digressões, pela angústia do espaço. Em suma, a arte, para mim, funciona como veículo de participação e denúncia.

Qual sua experiência pessoal em relação ao leitor?

A melhor possível. Os leitores são generosos demais comigo. Tenho recebido provas de simpatia de gente que nunca vi, mesmo fora daqui, o que muitas vezes me comove e me dá consciência de que faço algo de útil ao próximo. Procuro também comunicar-me com o leitor. Uso uma linguagem simples, porque sou um homem simples e gosto de escrever para as pessoas simples. Não faço concessões de linguagem. Se me permite um autoelogio, direi que é mais difícil escrever fácil. O fácil é escrever difícil.

Como considera o escritor ou o artista de modo geral, num país como o Brasil?

O artista representa a *intelligentzia* de uma nação. Num país onde o operariado só agora começa a definir-se como classe, cabe ao intelectual, ao artista, que apreende com mais nitidez a realidade, uma participação, no sentido de transformá-la, para que se possa viver com dignidade. É bom que se diga que os intelectuais não têm faltado nessa luta de todo o povo pela sua libertação pessoal e de roda a nação dos males do subdesenvolvimento, de cuja superação depende uma vida mais digna para todos.

Que acha da crônica, como gênero literário?

No corre-corre do mundo moderno, a crônica vai ocupando um lugar de destaque. A discussão sobre sua posição no gênero literário não afeta seu grande prestígio atual. Hoje, lê-se mais o conto, a historieta, a noveleta, do que mesmo romance. Aliás, diga-se de passagem que não se pode eternizar os gêneros literários em romance, conto e novela. O mundo tem evoluído.

Lins, a literatura morreu?

Ainda não. Parece que morreu o gosto pela leitura.

Quando você começou a escrever?

Desde os 13 anos comecei a rabiscar alguma coisa, que, por felicidade, sumiu. Coisas horrorosas, vistas de hoje. A minha primeira tentativa foi aos 15 anos, quando violentei a gramática (naquele tempo havia muita preocupação com isso) para escrever um conto sobre futebol, tema de um concurso de uma revista esportiva da época. Não mandei o conto, para minha tranquilidade.

Você crê, como o contista e poeta argentino Jorge Luís Borges, que a Censura é producente à criação literária, no sentido de forçar o artista à pesquisa e à sutileza de interpretação ou expressão do fato social?

É uma tese tipicamente fascista, porque traz em seu bojo a justificação da Censura. No meu entender, a única censura válida é a peneira do tempo. Daí resistirem Machado, Dostoievski, Cervantes, Proust, Salomão e outros. Rui Barbosa, por exemplo, foi revitalizado por força das circunstâncias, se bem não se enquadrar como membro da confraria literária. Dizer que a Censura é producente à criação literária, nos termos da pergunta, é desacreditar da inteligência dos outros. Sinal dos tempos...

Você possui, sem dúvida, uma das mais sólidas culturas em nosso meio. Sabe, portanto, que existe também aqui, consequência, talvez, do que ocorre em todo o País, o vazio cultural, ou até mesmo a incultura, em termos quase absolutos. Terá sido por essa razão que você preferiu dedicar algum tempo somente à sua banca de advogado?

Discordo do elogio. Em determinadas épocas da história a cultura se retrai (cultura aqui entendida como “pessoas que fazem arte”, pois a cultura em si mesma continua a ser elaborada, só que em ritmo de retrocesso) e esse retraimento, por força de circunstâncias que não cabe comentar aqui, provoca uma queda no padrão cultural do país. No Brasil atual esse vazio cultural sofreu muito, principalmente com o retraimento dos estudantes. Quanto a mim, o problema é de necessidade econômica. A literatura, como dizia Pedro Macuco, não enche barriga de ninguém. Ademais, o tempo está mais pra urubu do que pra canário belga.

Como artista, você se define engajado progressivamente em alguma ideologia?

Eu não sou artista não, meu irmão. Sou bandido...

Você separa o Manoel artista do Manoel homem, ou eles formam um único bloco?

O que se busca é justamente o homem total. Mesmo que se queira, não se pode separar o cidadão do artista, mesmo que use pseudônimo. Se o artista tenta separar-se do homem ele se torna uma massa amorfa, desligado da realidade do seu tempo, da sua gente. Na minha postura filosófica, acho inconcebível a torre de marfim. O artista está visceralmente ligado. Não depende dele. A fuga do artista-homem é sintoma de impotência para apreender os dados que a realidade lhe oferece. Por medo, ele se refugia na sua condição de artista e se isola da humanidade. Não pode ser um artista, na sua expressão mais pura. É um “intelectual” – não esqueça de botar as aspas.

Você teve, ou tem, influências a apontar?

Gostaria que você dissesse que sofri influências de Graciliano Ramos e Machado de Assis, os dois maiores escritores brasileiros, na minha opinião.

Manoel, você é político?

Sou. E quem não o é? Não sou político partidário, porque as alternativas oferecidas pelo sistema institucional vigente não favorecem a participação de todos os que desejam, de uma forma ou de outra, contribuir para o desenvolvimento do País. Mas, em tudo que se faz há um ato político, uma forma de participação, que pode ser negativa também. Aquele que, para exemplificar, diante de

um quadro de miséria, de fome e violência, fecha os olhos, pratica um ato político negativo. Tomou posição com isso, posição política, ao lado dos que concorrem para a miséria, a fome e a violência.

A voz na hora turva³

Haverá dia em que, refeita a sociedade em bases mais humanas, a poesia em si mesma será dispensável. Ela se confundirá com as coisas e com o próprio gesto humano. Hoje, a poesia, como qualquer forma de conhecimento, é mais do que necessária.

Daí, saudar-se com efusão o surgimento de um novo poeta.

Abstraindo-se a concepção mesquinha de que o poeta é um louco, convém ressaltar que não podem nem devem arrogar-se poeta os que, momentaneamente, versem por ambição de prestígio social ou para enganar a última amante. A esse respeito, relembre-se o testemunho consciente do poeta Drummond:

³ Prefácio que ML escreveu para *Canto de presença*, de Carlos Válder do Nascimento.

“Entendo que a poesia é negócio de grande responsabilidade e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea falta de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é mesmo um ser à mercê das inspirações fáceis”.

O poeta, como o herói de Malraux, quer dar a cada um dos homens (que a miséria, a violência e a angústia existencial desesperam e aviltam) a possessão da própria dignidade.

Num mundo em que a consciência do homem está atrasada em relação ao ser das coisas, o papel decisivo de todo artista é, na hora turva que passa, ajudar o homem a conhecer a realidade, para transformá-la, na medida das necessidades humanas.

Dir-se-ia que, em *Canto de presença*, o novo livro desse promissor poeta Carlos Válder, predomina uma poesia de caráter eminentemente individualista. Engano. Alguns arroubos metafísicos do poeta não superam a presença do seu canto existencial, voz do homem que busca o seu próprio ser, mas com as vistas voltadas para o dia a dia do seu irmão.

Impregnada de conotações existencialistas, a poesia de Válder é ajustada na luta pela superação do homem fragmentado e promoção do homem integral. Denunciando o desespero da condição humana no mundo em que vivemos, Carlos Válder rebela-se contra a realidade corrompida.

Com uma preocupação estilística elogiável, Carlos Válder, em *Canto de presença*, fixa, desenganadamente, um marco na poesia de hoje.

Enfim, é bom recordar ao poeta, sem querer apon-
tar-lhe caminhos, esta verdade dura, mas inelutável, de Paul Ba-
ran⁴: os limites da cura do espírito do homem são fixados pela
doença da sociedade em que ele vive.

⁴ Provavelmente, o ucraniano Paul A. Baran (1909-1964), pensador marxista, e não o polonês Paul Baran (1926-2011), “pai” da internet. Curioso é que os dois morreram no mesmo dia e local: Palo Alto (Ca-
lifórnia), 26 de março, com diferença de exatos 47 anos.

7

Manoel Lins
O canto da eternidade

Gravado no coração

*Carlos Eduardo Sodré**

Certa manhã, possivelmente do ano 1965, no ônibus que nos conduzia de Buerarema para Itabuna, deparei-me com um jovem alourado, olhos azuis-celestes, camisa de colarinho aberto, de onde pendia uma gravata de nó frouxo, baixada aquém do pescoço. Cumprimentou-me de forma cortês e, quanto o percurso fosse curto, entabulamos, Manoel e eu, conversa donde logo o “situéi” na família Lins, filho do velho Ildefonso e de D. Otávia, irmão de Ernandi (que era meu colega da Rádio Jornal de Itabuna: eu, repórter, ele, locutor), ficando sabendo que aquele Manoel havia sido repórter do Jornal da Bahia e se formado em Direito na capital, de onde viera para começar sua militância advocatícia.

Minha ida a Buerarema, àquela época, se dava com alguma constância. Além de curtir os folguedos próprios da juventude, tinha a companhia de uma bela flor margarida, morena nativa por quem me enamorara, e também dos diletos amigos Carlinhos Magno, Jólinson Rosário e Paulinho Ramos, colegas no Colégio Estadual de Itabuna e companheiros de Diretoria do seu Grêmio Estudantil Antônio Balbino – que presidi por quatro anos. Com eles estendia longas conversas sobre nossas ideias políticas e, principalmente, sobre as reformas de base, tema obrigatório nas discussões de nossa geração.

Em Itabuna, passamos – Manoel e eu – a nos encontrar com crescente frequência. Àquele tempo, estudante, o buscava para conversar derredor do Direito, muito haurindo do seu reconhecido saber. Também, muito contribuiu para aprofundar e consolidar a amizade, o jornalismo que eu ensaiava e ele – com belas crônicas no tabloide dominical *SB-Informações & Negócios* – ajudava a fazer sucesso editorial, também, deve-se reconhecer, pelo talento notável de Nelito Carvalho. Nele, também, cheguei a assinar alguns pobres textos. Além disso, tendo sido eu quem muito estimulou Ernandi Lins a ser candidato a prefeito de Buerarema, a política nos tornou muito mais próximos, eis que, igualmente, meu pai disputava naquele ano de 1966 a prefeitura do vizinho município de Itapé – lutas que muito se assemelhavam pois visavam derrubar duas *feras*: Paulo Portela, em Buerarema, e Fenelon Santos, em Itapé, que tivemos que enfrentar em batalhas cruas, duríssimas, mas vitoriosas. O bate-papo diário, regado a dúzias cerveja, diariamente, ao lado de Gerson Souza, Rarau, Muniz, Gabriel Nunes, *Boinho*, Zé Maria Gottschalk e outros, tornava ainda mais próximas as nossas relações que duraram até o fim de sua curta vida.

Como advogado, ele logo passou a referência de profissional sério e eficiente no patrocínio dos interesses da larga clientela que conquistou, em defesas no cível e trabalhista e, por vezes, em porfias na área criminal. Também advogou e prestou consultoria em direito administrativo e eleitoral a extensa clientela, de prefeitos, vereadores e líderes políticos.

No foro, tanto na justiça comum como na trabalhista, firmou conceito de rara credibilidade, respeito e admiração. De magistrados e serventuários. Sua palavra era acatada com irretocável respeito. Testemunhei isso no cotidiano forense, vezes sem conta. Tanto quanto acompanhei as suas incursões tão brilhantes quanto exitosas

nos tribunais de Justiça e do Trabalho do Estado. Ali, também projetou as luzes do seu admirável talento, escrevendo ou falando.

Advogou intensamente e auferiu meios que lhe fizeram constituir um patrimônio nem tão amplo quanto o seu trabalho competente e concorrida advocacia teriam permitido (argentário fosse, ou, pelo menos, não houvesse sido tão desprendido), nem tão pequeno que não representasse um legado razoável deixado à família. Mercê do conceito que tinha e do momento econômico em que se deu o seu desempenho profissional, se fosse vocacionado, o que não era, para amealhador de riquezas materiais, nenhum outro profissional do seu tempo granjearia maior fortuna financeira. Só que optou por não ser “escravo do vil metal”.

No começo dos anos setenta, mudou seu escritório para o então moderno edifício Cabral, na avenida do Cinquentenário. Foi justamente para junto da minha oficina laboral, onde eu trabalhava em parceria com o nosso querido colega Osvaldo Barbosa Chaves, igualmente seu amigo. Ali, ficamos juntos muito tempo, até quando Deus o chamou para o seu Reino, em abril de 1975.

Em dado momento, resolveu concorrer a uma vaga de Juiz do Trabalho. Ponteou a lista de aprovação. Só que registro insólito no órgão de segurança vigorante na época (período da ditadura militar), por conta do que o mesmo considerava impróprio, do ponto de vista idológico-policial, “recolhido” em anotações a partir da vida estudantil universitária, ou – quem sabe – de suas bem-humoradas crônicas jornalísticas, foram a base do voto à sua inscrição.

Era homem de posição política definida e firme: alinhava-se inarredavelmente entre os *progressistas*, os quais, na “classificação ideológica” ditos de esquerda, hoje considerada uma classificação *démodée*. Jamais negou ou escamoteou esse posicionamento.

namento, conquanto, devido à natureza afável que assinalava seu temperamento, se relacionasse entre os que defendiam posições diferentes ou opostas de maneira extremamente cordial.

Em 1975, ele acompanhava os contatos que se faziam em torno de minha ida para o Cerin, uma espécie de Subsecretaria Regional da Casa Civil do Governador (à época, o Prof. Roberto Santos). Acompanhava e torcia. Foi justamente naquele momento que, certa tarde, por volta das 17h, à frente do Ed. Lopes Cabral, onde se localizavam os nossos escritórios, que ele, “do nada”, me convidou para ir capital, de “carona”. Perguntei-lhe a que hora seria a viagem e ele me disse: “assim que passar em casa e tomar café”. Argumentei que seria melhor viajarmos no dia seguinte por volta das quatro ou cinco da manhã, não enfrentando os desconfortos e riscos de fazê-lo à noite.

Ele insistiu, e eu lhe disse: “Se mudar de ideia, me chame”. Ele foi só, num fusquinha (deixando o Opala Cupê, mais seguro, que possuía), sentiu sono em Santo Antônio de Jesus, pernoitou e retomou a viagem às 5h, usando a estrada Cachoeira e S. Félix a Santo Amaro, justamente para cortar a BR-324 (Bahia-Feira) num ponto que o livrasse do tráfego intenso de então (a rodovia ainda não era duplicada). Quando já divisava a estrada principal, atravessou a linha férrea que “cortava” a estrada Santo Amaro/324, num acidente fatal.

Eu, que não o acompanhei, embarcara num voo Varig, por Ilhéus, chegando a Salvador, onde ele não chegaria. Mal pisei o solo da capital, soube da tragédia, avisado pelo nosso querido e comum amigo, Noêmio Peixinho, o que me fez retornar incontinenti a Itabuna, para o último adeus ao colega pranteado por toda a nossa comunidade de então.

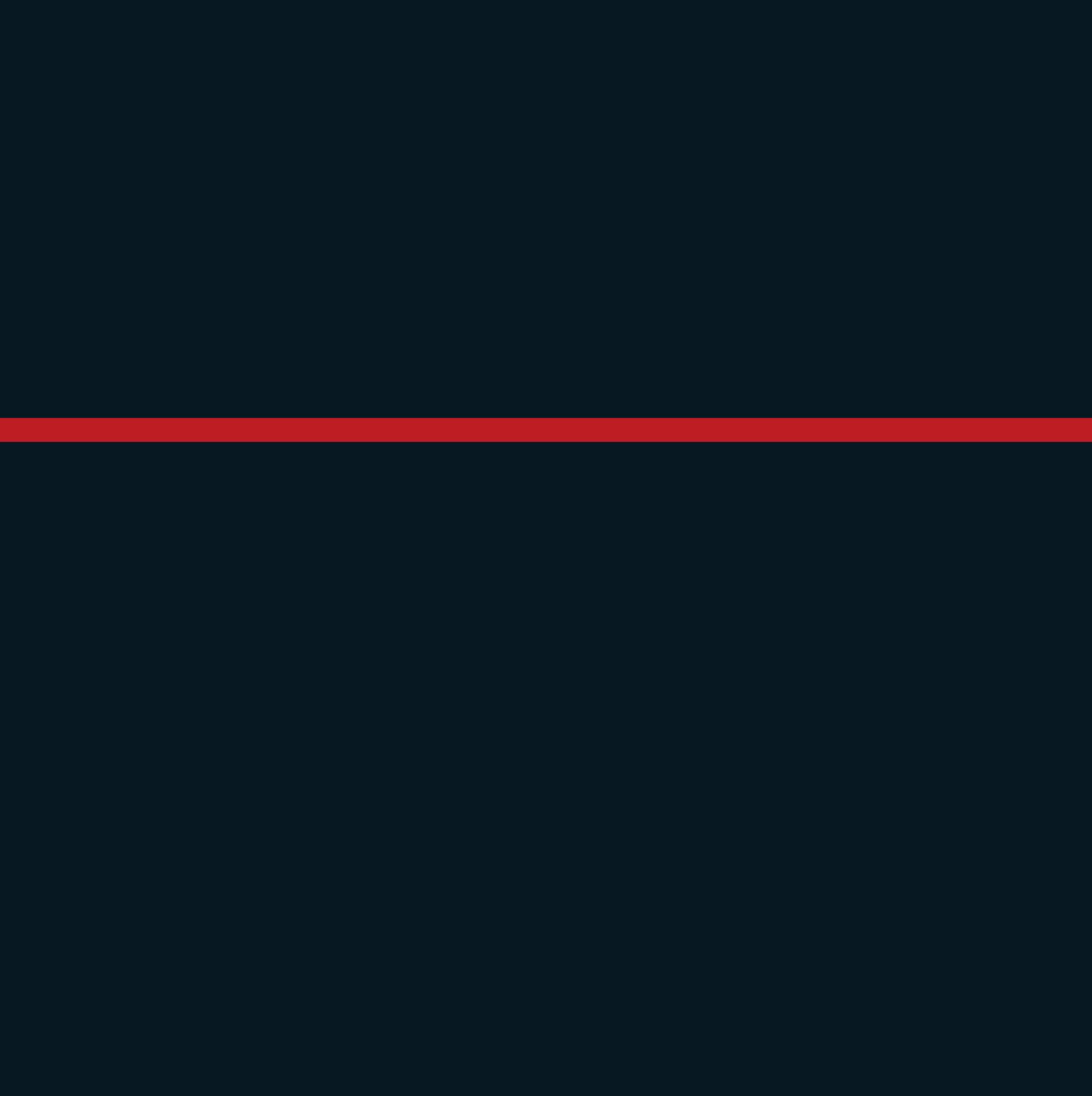
Como outros, discurai à beira do seu túmulo. A emoção tomava a todos nós, mas, ainda assim, pude dizer que “Manoel Lins escondia, atrás de sua simplicidade e candura, uma

cultura invejável, um caráter retilíneo, compostura, coerência e honradez. E, sobretudo, grandeza humana inexcedível”.

Poucos dias depois, vi numa livraria uma frase impressa num cartão que dizia “Trabalhe como se a vida fosse eterna e viva como se a vida fosse terminar amanhã”. Desde então, lá se vão mais de 40 anos, é o lema que adotei. Pensando nele, pensando em mim.

No meu escritório de advocacia, pedi ao meu dileto compadre, o artista plástico Renart, que fizesse uma placa, em bronze, na qual homenageio alguns advogados. Manoel Lins está ali, gravado. Como para sempre no meu coração!

*Advogado e servidor público estadual



Identificação

Alguns documentos
pessoais que ajudam a
identificar Manoel Lins.



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ESTADO DA BAHIA



COMARCA DE ITABUNA

DISTRITO DE ITABUNA

Síris e educativo
Síris e de sejar
ATLAS

CERTIDÃO relativa dada e passada a
pedido verbal de Manoel
Sampaio Lins
na fórmula abaixo:

Eu, GERSON GOMES DE SOUSA, Oficial do Registro Civil da
Cidade de Itabuna, na fórmula da Lei, etc.

CERTIFICO que em meu cartório, existe o livro N. 2813 destinado aos
registros de nascimentos e dele á fls. 216 consta o termo sob N. 94.393 do nasci-
mento de Manoel Sampaio Lins
de côn Ildefonso Carvalho Lins ocorrido em União Estado de Alagoas
no dia 4 de Fevereiro de 1937 ás — horas, filho
de Ildefonso Carvalho Lins
e de Maria Otávia Sampaio Lins
tendo por avós paternos José Joaquim de Barros Lins
e Ana Ferreira de Carvalho
e maternos José Maurício Sampaio
e Rosalva Duarte Sampaio
Foi declarante Ildefonso Carvalho Lins e serviram de
testemunhas Antônio Geraldo da Silva
Oswaldo Soares de Almeida
Observações: Rey em 22-12-98

Era o que se continha em o teor do registro a cujo original me reporto e dou
fé, donde fielmente extraí a presente certidão que por estar conforme a subscrevo.
Data e passada nesta Cidade de Itabuna, aos 22 de novembro de 1937.

Eu,
Regist. Civil a subscrevi e assinei
gerson gomes sousa
A.E.-Itabuna 671-57

ERRO HISTÓRICO

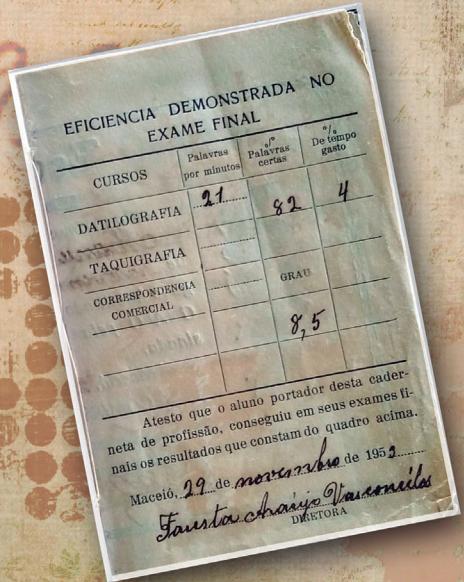
A certidão de nascimento consagrou o equívoco, ao registrar que ML
nasceu em "União". O nome do município é União dos Palmares.



N. 2
Nome do Portador Manoel
Sampaio Lins,
filho de Ildefonso L. Lins
e de M. Otávia L. Lins.
Nascido em Alagoas.
Data do nasc. 4 - 2 - 1937.

ASSINATURA DO PORTADOR

Manoel Sampaio Lins





A Coisa

Os telegramas falavam de morte. Os sinos
de todas as igrejas dobraram. Um clarim
distante tocou silêncio total.

APOCOI

Manoel Lins
O canto da eternidade

P
S
a

ACoisa⁵ surgiu inesperadamente, quando dia já havia vencido a noite. Chegou balançando violentamente as folhas das árvores. Mas não ficou só aí. Estendeu-se por toda a cidade. Penetrou os lares. O professor que dava aula sentiu suas palavras inúteis e os alunos mostravam-se distanciados. Os doentes pioraram.

A moça doente da casa cinzenta morreu. O velho mendigo não abriu a boca para pedir. O deputado sentiu estremecer seus alicerces. O operário perdeu seu dinheiro. Parecia que todos haviam perdido a voz, até o locutor radiofônico emudeceu. Velhos conhecidos não se cumprimentaram.

E a Coisa foi crescendo, crescendo, que até um menino valente chorou com medo. Casais brigavam e as conversas dos namorados eram trêmulas e indecisas. O correio trazia somente notícias tristes. Os telegramas falavam de morte.

Os sinos de todas as igrejas dobraram. Um clarim distante tocou silêncio total.

A tarde veio melancólica. E perguntavam, os que ainda falavam, que coisa era aquela. Ouvia-se vagamente falar que um sentimento de frustração invadira tudo. Os mais velhos lembravam assustados de outras coisas que aconteceram noutros tempos. Os homens conversavam baixo, medrosos. Os jovens ainda tentavam sorrir.

Depois veio a noite, envolvendo todos. E eu adormeci, pensando em ti.

⁵ Parábola: “a Coisa” é a ditadura militar de 1964. Veja-se que o cronista, no último período, põe na denúncia um toque de lirismo.

C

O menino aludado

No mundo conturbado de hoje, em que
as relações sociais são tecidas pela intriga
mesquinha, pelo golpe baixo e pela
hipocrisia, este menino só pode ser doido.

Disseram que estavas louco. Meio aluado, para ser exato. Eu te bendigo, menino doido. Alguém já disse que no mundo da bomba atômica não há lugar para crianças. E em verdade eu te digo: já não há lugar para os poetas, os santos e os loucos. Pois, malucos são todos aqueles que enxergam além do seu tempo: sabem ver a beleza das coisas e têm a bondade no coração. É por isso que eu te bendigo, menino aluado.

Na hora turva que passa, surpreende uma criança dizer que passarinhos estão saindo de sua cabeça. No mundo conturbado de hoje, em que as relações sociais são tecidas pela intriga mesquinha, pelo golpe baixo e pela hipocrisia, este menino só pode ser doido.

Pássaros saem da cabeça de um garoto, mas da cabeça dos homens só saem coisas ruins, nem ao menos um mísero besouro. Que tens na cabeça agora, gentil leitora, além dos lindos cabelos escorridos? Bobes? E tu, político, que preparamas a rasteira para o adversário? E tu, que botas água no leite? E tu, que pagas mal ao homem que te enriquece?

E tu, formosa senhora, pensa, acaso, nos teus filhos, no teu companheiro, na felicidade deles?

Estejais certos de que da cabeça deste menino só saem gorinhos, sofrês, sanhaços, canários, colibris e lindos curiós, que têm gosto de infância remota.

Quem, o doido? Ele, que ouve e vê pássaros saindo de sua cabecinha inocente, ou nós, homens de pouca fé e coração seco, de cujas cabeças não sai um só pensamento bom? Cidadãos egoístas da cidade, indiferentes, não temos

O m

menino aluado

tempo sequer para ouvir um canário cantar na mão. Homens tão aflitos com o custo de vida que nos esquecemos até de pensar nas mulheres...

Eu sei que o incrédulo leitor dirá que estou ficando louco. Onde já se viu sair passarinhos da cabeça de menino... Tolices. Rubem Braga contou, certa vez, o caso de um menino que nascera com o coração do lado de fora. Ninguém acreditou. E com razão. Estamos tão acostumados a ver as pessoas com o coração escondido, com o coração incapaz de um gesto humano ou, às vezes, sem coração mesmo, que nos surpreendemos quando se diz que alguém tem coração. Quanto mais um coração do lado de fora.

Para acreditar no menino que vê passarinho saindo da cabeça é preciso ter o coração do lado de fora. E tendo coração, é necessário que a gente tenha o sentido da poesia, o sentimento da vida. Eu te bendigo, pois, menino aluado.



O guerreiro vencido

Cada cadáver do inimigo custa aos Estados Unidos 250 dólares. Quantos hospitais, quantos colégios não se faria com tanto dinheiro...

Ahistória desse soldado americano comove e entristece a gente. História banal e frequente, dirão alguns. Nisto reside nossa perplexidade diante de um mundo confuso. Quem pode conhecer a extensa mágoa que invade o coração desse homem, profunda deceção que ele não soube guardar e conta, agora, a um jornal americano?

Um homem está em sua casa, são e tranquilo. Ao lado, sua mulher, que desposou há poucos meses, após longo noivado. Os dias correm felizes para os dois. De repente, esse homem é convocado para lutar no Vietnã. No fundo, ele não deseja ir matar seus semelhantes, participar desse monstruoso massacre que é a guerra no Sudeste da Ásia. Ele não quer ser chamado de covarde, nem que sua família sofra vexames. Está domesticado pela máquina publicitária. Segue saudoso, com esperanças de que tudo acabe logo e regresse aos braços de sua Betty.

Seu batismo de fogo foi uma emboscada de guerrilheiros, onde pereceram vários companheiros, incluindo Johnny, seu amigo de infância. Daí por diante, foi um inferno. Homens, mulheres e crianças trucidadas. Visão dantesca que seus olhos jamais esquecerão. Sofreu fome, sede e cansaço. Não raciocina sobre os motivos e os fins da guerra. Não percebia que a cada segundo seu país gastava 400 dólares. Cada cadáver do inimigo custa aos Estados Unidos 250 dólares. Quantos hospitais, quantos colégios não se faria com tanto dinheiro...

Sua alegria era contemplar, no intervalo de um para outro combate, o retrato da mulher, ou ler as cartas que

guerreiro vencido

falavam do grande amor que por ele ela nutria. Os meses foram passando e as cartas rareando. Um dia, há sempre um dia, uma granada de morteiro arrebentou suas pernas.

Regressa à pátria e encontra o lar vazio. A mulher fugira com um gordo comerciante, que havia obtido licença do serviço militar. Eis o prêmio que a pátria bem amada lhe dera por defender sua honra e instituições. Sem pernas e sem mulher.

O que pode um homem sem pernas e sem mulher? Que pode um guerreiro vencido? Só lhe resta jogar na cara do mundo a medalha que lhe deram por ter perdido a mulher e as pernas. Só lhe resta sentar numa cadeira de rodas e contemplar o mundo de hoje, onde homens e mulheres vivem numa farra monumental, desesperados e equívocos.



O camelô do pau d'arco

Casca de pau d'arco cura lombriga,
dor de cabeça, dor de dente, dor de
cotovelo, dor de veado, reumatismo,
câncer e mau olhado.

Cheguem todos, cheguem todos. A maior descoberta do século XX. Já aprovada por todos os médicos do mundo. Casca de pau d'arco, legítima da Bahia. Não aceite imitação. Não se deixe enganar pelos enrolões. Use a legítima e fabulosa casca de pau d'arco. É muito fácil, senhoras e senhores, fazer um chá e tomar. Quanto mais tomar, melhor. Quente, frio ou gelado. Não quero apenas vender. Meu desejo é contribuir para o desenvolvimento da medicina.

Um russo começou a tomar o chá e já está com 150 anos. Coveiro vai morrer de fome com essa extraordinária descoberta de nossa flora. Foi a casca de um pau d'arco que resolveu o problema de Chiquinho da Saboaria. Ele estava liquidado com a desfeita que lhe fez a mulher. Quase fica doido. Usou o pau d'arco e ficou bom. Já casou mais três vezes. Atenção, senhoras e senhores, à maravilha das ervas medicinais. Os americanos estão comprando toneladas. Aproveitem, enquanto não acaba. Senhoras e senhores, na época atual, um pacotinho de remédio custa um caminhão de dinheiro. Eu vendo um caminhão de casca de pau d'arco por um pacotinho de dinheiro, e não se trata de imitação. É pau d'arco legítimo, baiano, de primeira qualidade. Estou colaborando com o presidente para acabar com as doenças do povo. Aproveitem, que é hoje só. Amanhã estarei noutra cidade, levando a cura para milhões de pessoas...

Um pacotinho para este cidadão, dois para esta senhora, vamos ver quem quer mais... outra aqui... aquele senhor de chapéu... pronto...

Jamelô do pau d'arco

Comprem casca de pau d'arco em comprimidos, em injeções, em pílulas, em pó. Eu vendo o legítimo, cuidado com as imitações...

Está acabando. Casca de pau d'arco cura lombreira, dor de cabeça, dor de dente, dor de cotovelo, dor de veado, reumatismo, câncer e mau olhado. Em São Paulo, curou um menino cego; em Minas, fez um aleijado andar. Ninguém mais vai morrer. Morte agora só de bala.

Casca de pau d'arco cura tudo e todos. Não tenha mais gripe nem resfriado. Cura amores contrariados, mulher infiel, menino chorão, marido farrista e vizinho chato. Cura também língua de mulher faladeira. Aproveitem, enquanto a polícia não vem.

0

o homem e o mar

Ele contempla a eternidade do
mar e a efemeridade da vida.
Apenas. A fugacidade das coisas.

O *homem* e o *re*

Manoel Lins
O canto da eternidade

mahr

Devolverá o mar os seus mortos? O homem pensa sentado sobre a pedra e a água bate-lhe no peito. Seu pensamento é água e sal, sal e água, sol e areia. E nada perturba sua incerteza. Longe, sua amada mergulha na profundezas do mar, num infinito adeus. As ondas chocam-se no rochedo e molham seus pés, seus braços, seu corpo, seus olhos. Ele é, apenas, uma dúvida postada sobre o desespero do mundo. Nada lhe importa. Ele contempla a eternidade do mar e a efemeridade da vida. Apenas. A fugacidade das coisas.

Perto, bela mulher marca a praia com passos, deixando cicatrizes na areia, que a onda logo desmancha. O mar enfurecido molha seus cabelos, outrora acariciados pela morta querida, num doce e sufocante murmúrio.

Na sua frente, ele vê a eternidade e o instante. O homem e o mar. Diante do mar, de mais belo e generoso, há somente a inteligência do homem, que tudo abarca, mesmo a contemplação da beleza e da eternidade.

De repente, não mais, estremece ante a vitória do homem sobre a natureza. Da eternidade da vitória. Ele é apenas um ponto na imensidão do espaço, mas é como se fora um deus, minúsculo deus, que comprehende todas as coisas, inclusive sua própria impotência diante do mar e das coisas, a fragilidade da vida e a solidão dos bichos.

Nisso reside sua beleza maior e ele espera que o mar devolva os seus mortos, por que é tempo de esperar.

eterna esperança

7

55

0

Os brotos em flor

Ver uma mulher bonita parece, para
nós, humildes contribuintes, uma
dádiva da municipalidade, que deseja
nos tornar a vida mais amena.

Afinal, Félix Mendonça⁶ resolveu florir o jardim fronteiriço à prefeitura. Em pleno inverno. Dizem que a estação fria pode trazer graves prejuízos à circulação, à pele, aos cabelos. É preciso tomar alguns cuidados. Os entendidos explicam que o frio prejudica a boa circulação, porque, para guardar o calor interno do organismo, os vasos se contraem e isto diminui o afluxo sanguíneo. A pele do rosto fica em geral ressecada e partida sob esse efeito. Pode, ainda, o frio, originar o aparecimento de pequenas rugas, o que serve para assustar as mulheres que já passaram dos trinta. Mas, como as mulheres, em geral, levam dez anos para sair dos 25, não há tanto perigo. Deixemos o assunto aos dermatologistas e quejandos, e vamos ao que nos interessa.

Dizíamos que a prefeitura, num gesto louvável, resolveu florir o jardim da praça. Se o leitor quiser testemunhar, dê uma voltinha por lá num domingo à tarde e veja os brotos em incessante desfile.⁷ O sortilégio municipal tem hora certa. O domingo à noite é outra boa hora.

O jardim fica repleto de flores de minissaias e meias compridas, à moda das camponesas europeias. Nem o frio e a chuva tiram a comunidade masculina dali. Tem cada flor que é capaz de dar dor de cabeça em alfinete. Elas passam alegres, despreocupadas, distribuindo sorrisos e cum-

⁶ O engenheiro Félix Mendonça era secretário de Obras Públicas no governo de José de Almeida Alcântara, de 1961 a 1962. Em 1963, elegeu-se prefeito de Itabuna, iniciando longa carreira política.

⁷ Observe-se o *jeu de mots* que o cronista faz a seguir. “Flores de minissaia” e “flores de todas as idades” são achados líricos preciosos. A propósito, “broto” é gíria da época, para jovem.

rotos flor

primentos, indiferentes à sorte dos casanovas que se postam às margens da passarela. As moças em flor são assim, dizia o velho Braga, seres sem complicações, imagens amáveis da vida, mera paisagem, sem fundo, sem problemas.

Com tantas preocupações que nos assaltam, e tantos problemas que carregamos, ver uma mulher bonita parece, para nós, humildes contribuintes, uma dádiva da municipalidade, que deseja nos tornar a vida mais amena. Dá até vontade de votar em Félix...

Os bancos compridos, onde sentamos e derramamos nossas amarguras coletivas; na relva do jardim e, principalmente, as flores de todas as cores e idades, nos dão um instante de abandono, um momento de repouso espiritual, que são, talvez, os belos instantes da vida. No mais, é a poesia, que cai fina como a chuva:

Oh, quem me dera não sonhar mais nunca,
nada ter de tristezas nem saudades.
Ah, pudesse eu, jamais, me levantando,
espiar a janela sem paisagem,
o céu sem tempo e o tempo sem memória!
Que hei de fazer de mim que sofro tudo,
anjo e demônio, angústias e alegrias,
que peco contra mim e contra Deus!
Às vezes me parece que, me olhando,
Ele dirá, do seu celeste abrigo:
“Fui cruel por demais com esse menino...”
No entanto, que outro olhar de piedade
curará neste mundo as minhas chagas?⁸

⁸ “In” *Elegia quase uma ode* – Vinícius de Moraes, 1943.



O elixir da juventude

Bebeu um vidro inteiro do remédio
e se sentiu forte como um touro, um
Hércules redivivo.

Euma piada bem velha, do tempo do Ronca. Velhíssima. Quem não quiser ler, por favor, vire a página. Não estou aqui para aborrecer ninguém. E sou mau contador de anedota, reconheço...

Trata-se da história daquele sujeito que gastou o que tinha e o que não tinha para ficar mais moderno, mais jovem. Rejuvenescer, em suma.

Viajou pela Europa e Oriente (médio, grande e pequeno), por tudo que foi lugar. Onde sonhasse que existia algum remédio, tocava pra lá, em busca da mocidade. Tomou chá de pau d'arco, geleia real, pó de pirlimpimpim, banho de folha de manjericão e todo tipo de droga terminada em *cina*; frequentou candomblé e sessão espírita; provou de tudo que foi raiz, até da raiz quadrada. Só não usou a raiz cúbica porque tinha implicância com ela, desde a escola. E nada.

Certo dia, apareceu-lhe um sábio russo, Embromoff, com diversos vidros de uma garapa vermelha (não era por menos que ele era russo), afirmando que algumas doses daquele maravilhoso elixir dariam ao nosso herói o retorno à juventude, com vinho, mulheres e música.

Comprou várias unidades, ante a irresistível propaganda. O velhinho já contava, na ocasião, com 80 bem vividos janeiros. Leu a bula e ficou satisfeitíssimo. O leitor perspicaz já sabe o porquê da satisfação do, com licença da palavra, octogenário.

A bula, sabem, cura mais do que o remédio. Engoliu a primeira dose e sentiu que voltava aos seus maduros 50 anos. Tentou logo, no embalo, procurar chamego com uma viúva, no que foi repelido. Partiu feito um raio para um brotinho, que o mandou tomar chá de amendoim e sumiço...

Já não sabia como empregar tamanha energia recuperada. Ensaiou um longo e vã discurso sobre o tema de que o amor não tem idade – mas sua cara de velho não correspondia a sua alma tão jovem.

Ninguém entendia que remoçara. Repetia sempre que “quem vê cara, não vê coração”, até concluir que isto era balela, invenção de algum cidadão desocupado. Já gastara bem uns dois mil cruzeiros em suas tentativas de conquista, quando resolveu partir para a ignorância: bebeu um vidro inteiro do remédio e se sentiu forte como um touro, um Hércules redivivo.

Passava por uma rua, quando viu a garotada batendo bola. Não perdeu tempo. Entrou no “baba”, para alegria da meninada. As mães, perplexas, acorriam ao portão e comentavam, umas com as outras: “Que velhinho mais sapeca!” Corria mais do que um coelho assustado, dava cambalhotas no ar, pegava queda de braço e pinhão à unha, empinava arraia, fazia mil e uma piruetas.

As comadres começaram a dizer que o velho estava maluco e caduco. Não se incomodava. Deu até um show de iê-iê-iê numa festa, tornando-se o máximo em ridículo. Bem que no início era engraçado, mas depois foi ficando chato, objeto da gozação da turma. Afastavam-se dele, perdia amigos antigos.

Foi aí que imaginou que o efeito do remédio estava passando, por isso decidiu “radicalizar”, aumentando a dosagem: tomou todos os vidros do elixir da juventude que ainda restavam, de uma só vez. Virou bebê, pegou sarampo e bateu a caçuleta.



Natal de um homem só

Uma cigarra cantava anunciando
morte. Que passos conduziram
seus descaminhos?

Tecida de angústia e abandono é sua Noite de Natal. Em casa, bicho solitário, coloca o papel na máquina, para escrever algum bilhete, carta, poema, qualquer coisa sobre este dia. A Festa Magna nada lhe comunica, só torna mais densa sua solidão.

Que pode um homem em sua mais profunda solidão? Que mágoa tange o homem para o abrigo doméstico na noite de Natal? Sem amigos, sem mulher. Fora, vozes coletivas entoam tristemente uma canção que deveria ser alegre: a canção do nascimento do Menino Jesus. Fora, era a festa, a luz.

Era também Natal, quando ela partira. Uma chuvosa e inquieta noite de Natal. Uma cigarra cantava anunciando morte. Que passos conduziram seus descaminhos? Lembrava-se da despedida. Adeus, ela dissera. Felicidades para você, se é que lhe importa, ele respondera. Nunca mais notícias, nem saudades. Agora, era um homem só.

Colocou uísque no copo e assomou à janela do apartamento. Embaixo, carros trafegavam em alegria alcoolicada. Alguém o cumprimentou e ele respondeu, sem entusiasmo, absorto, o pensamento longe.

Feliz Natal, Feliz Natal. Era uma jovem conhecida, que morava no edifício vizinho. Vestida de calça Far West,⁹ camisa branca de homem, os cabelos esvoaçando, era

⁹ Uma das pioneiras da hoje popular calça jeans, anterior à norte-americana Levi's. Foi lançada em 1956, pela empresa Alpargatas, com um tecido azul, muito resistente, chamado "brim coringa".

toda a beleza humana, a vida que passava. Viviam perseguindo um ao outro com olhares, mas sem coragem. Ela conhecia seu problema e se intimidava. Era um amor que se forjava de recusas e desencontros.

Ele adorava seu andar, belo andar de oferenda. Porém o que mais o atraía nela era sua tristeza distraída. Era um belo instante da vida que açoitava seus olhos de solidão.

Estava só e triste. Acompanhou a jovem amiga com um olhar de súplica e esperança. Era sua saída, sua estrela-guia na Noite Santa.

Com um pressentimento, passos adiante, ela voltou-se. Uma profunda ternura invadira seu coração de moça. Despertado de sua reflexão madura, acenava para ela, num reconhecimento. E gritava Feliz Natal, Feliz Natal! Por instantes, ela parou e sorriu, um largo sorriso de dádiva, também gritando Feliz Natal, Feliz Natal!

O sorriso dela apaziguava sua angústia e fazia desmoronar sua solidão. Pôs outra dose no copo e aguardou que ela voltasse. Sua ex-mulher já era uma sombra perdida no pensamento. A vida estava ali, de volta, naquela jovem de longos e macios cabelos negros.

Longe, a cidade se irmanava na festa de luzes, entoando hosanas. Na toca doméstica, ele construía sua Noite de Natal de espera e solidão.

de um
em só

erna esperança

7

67



Desejos

... descansar o corpo cansado no
colo da amada, dizendo seu nome
num doce murmúrio.

Desej

Manoel Lins
O canto da ete

jos

Vontade de sair por aí, espalhando minha tristeza, colhendo saudades de um tempo que foi; pegar o violão sofrido de tantas noites de insônia e tocar baixinho uma dolente canção de amor; dormir no chão, no bom e sólido chão, que dá ao homem seu sustento; amar amor calmo e constante; caçar passarinho quando a noite parir a madrugada; andar, andar por aí como uma criança sem medo, pisando no orvalho dos campos amanhecidos; molhar os pés nas águas tímidas do regato; sentar beira-rio, abraçado pela sombra de frondosa árvore; viajar terras outras, marcando os dias iguais do país do nunca acontece; pescar no poço fundo traíras, robalos e a esperança fugidia; ter tempo para buscar um tempo melhor que este tempo mau, que não é meu tempo; beber copos de cerveja gelada, de corpo molhado de água do mar; conversar madrugada adentro conversas antigas; falar coisas que perderam o significado; ganhar um sossego de subúrbio em tarde de domingo; repetir à amada aquelas palavras deslembadas, mas que eram palavras meigas; ouvir tocar o sino da igrejinha, lento e calmo, na plácida tarde de domingo, imagem que ficou; perpetuar a infância empinando arraia, pegando pião na unha e jogando bola de gude; ouvir o canto do curió, que acentuava a tristeza do menino fugido da aula; descansar o corpo cansado no colo da amada, dizendo seu nome num doce murmúrio.



Bartolomeu era Flamengo

Era o que se pode chamar especialista em *O direito de nascer*. Sabia a história nos menores detalhes.

Bartolomeu estava de amores. Na verdade, ele era mais Flamengo. Maria, a escolhida, não amava ninguém, era de outras metafísicas. Bartô, contudo, insistia. Era o que se podia chamar um santo homem. Não dava trabalho à ordem política e social, não cobrava a próxima, respeitava a propriedade e os evangelhos. Não era contra nem a favor do governo, muito pelo contrário. Mas numa coisa ele era irredutível, ortodoxo, dogmático, radical – para usar expressões modernas: Flamengo. Sua única paixão, lá isso era. Dormia de pijama listrado. Listas vermelhas e pretas. Bartola era o fino do mau gosto.

Maria não ligava para o nosso herói. Ela era o encanto da família, endeusada no lar, por sua cultura. “Esta menina vai morrer de tanta cultura”, arengava a tia Marocas. Não perdia um número de *Capricho*. Assistiu à novela *O direito de nascer*, por três emissoras, em horários diferentes. Comprou também o livro, e era a primeira a chegar ao cinema, durante a exibição do filme sobre o mesmo tema. Era o que se pode chamar especialista em *O direito de nascer*. Sabia a história nos menores detalhes. E, durante as visitas, dominava as conversas, provocando lágrimas na plateia, ao relembrar o dama de Albertinho, etc. e tal. Era o exemplo vivo do nosso sistema educacional. Adorava Roberto Carlos, esquecia-me.

Mas seu sonho era o casamento. E, entre Alain Delon e Roberto Carlos, teve que se contentar com Bartolomeu Francisco dos Anjos. Enfim, dizia, há piores.

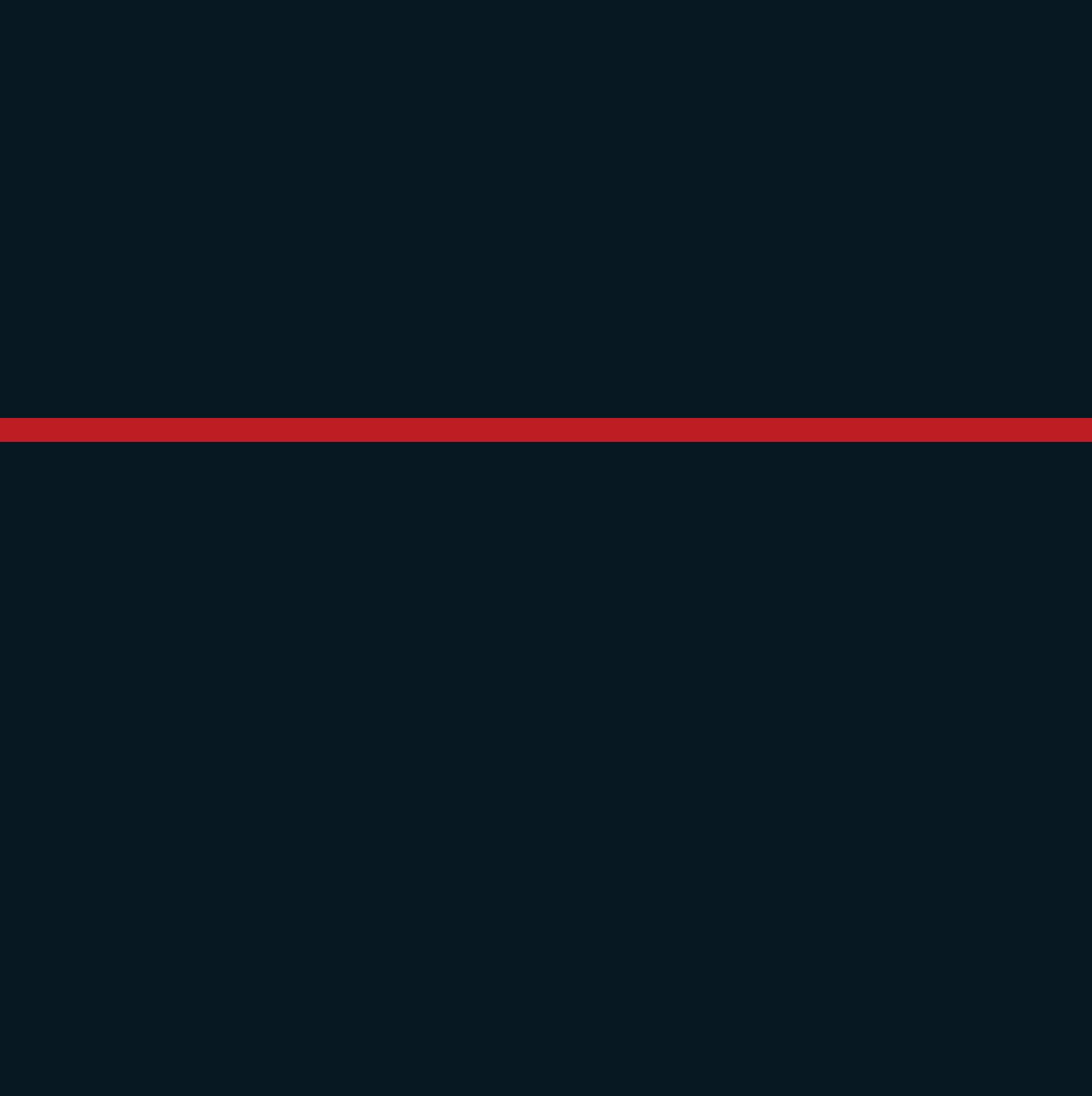
Havia, porém, um empecilho ao casamento: o velho Pereira, vascaíno de quatro costados. Jamais admitiria

em sua casa (Bartô iria morar na casa do sogro) um alucinado pelas cores rubro-negras. Como português muito honrado, fincou pé: “Só casa se passar sobre o meu cadáver”.

Uma herança de alguns milhões recebida pelo futuro sogro quebrou a resistência bartolomeuniana. Capitulou. Foi a maior derrota do Flamengo frente ao Vasco.

Um belo dia, pois todo homem tem seu dia e sua vez, a família assistia, reunida, a um memorável Flamengo e Vasco, às vésperas do casório. Lá pelas tantas, Rodrigues avançou pela esquerda, driblou dois adversários e centrou para Silva, em cabeçada espetacular, fazer o gol da vitória. Bartô não suportou. Num gesto de libertação, gritou, irreverente, livre, revolucionário: “Flamengo, tu é o maior!”. Morria o casamento, Bartô nascia de novo.

Esta história aconteceu e, como toda história, tem sua moral. Aliás, duas morais, dependendo do enfoque do leitor. Ei-las: não há dinheiro que compre certas consciências; ou, uma vez Flamengo, Flamengo até morrer.



O secundarista

Do Ateneu Sul Baiano, em
Buerarema, à conclusão do
Curso Ginásial, em Salvador.



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Colégio Estadual da Bahia

CIDADE DO SALVADOR

ESTADO DA BAHIA

CERTIFICADO DE EXAMES DE CONCLUSÃO DE CURSO CLÁSSICO

N.º 19

H. S.

Certificamos que *Manoel Sampaio Lins*,
filho de *Ildefonso Carvalho Lins* e *Maria Otávia Sampaio Lins*,
natural de *Alagoas*, nascido em *7 de Junho* de *1937*,
foi considerado aprovado em EXAMES DE CONCLUSÃO DE CURSO CLÁSSICO, nos termos da LEI ORGÂNICA DE ENSINO SECUNDÁRIO (decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942, modificada pelo decreto-lei n. 9.303, de 27 de maio de 1946), com os seguintes resultados, no ano letivo de 1946/47:

| | | |
|---------------------|--------------------|-----------|
| Português | alto sexto e nono | Média 829 |
| Latim | alto sétimo e nono | Média 487 |
| Grego | alto sétimo e nono | Média 34 |
| Matemática | alto sétimo e nono | Média 656 |
| Física | alto sétimo e nono | Média 522 |
| Química | alto sétimo e nono | Média 738 |
| História Natural | alto sétimo e nono | Média 862 |
| História Geral | alto sétimo e nono | Média 979 |
| História do Brasil | alto sétimo e nono | Média 646 |
| Geografia do Brasil | alto sétimo e nono | Média 834 |
| Filosofia | alto sétimo e nono | (709) |
| MÉDIA GERAL | | 829 |

Salvador, 7 de agosto de 1947.
(DIRETOR)



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
COLÉGIO BATISTA ALAGOANO
(WHITE MEMORIAL)

ALAGOAS

N.

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO GINASIAL

MACEIÓ

Certificamos que *Manoel Sampaio Lins*,

filho de *Ildefonso Carvalho Lins* e de *Maria Otávia Sampaio Lins*,
natural de *Alagoas*, nascido em 4 de fevereiro de 1937,
tendo em vista os resultados das provas prestadas no ano letivo de 1946/47 na série do Curso Ginasial,
é considerado habilidade no primeiro ciclo Secundário, nos termos da lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-leis números 4.244 de 9 de abril de 1942, e 8.347, de 10 de Dezembro de 1945).

Maceió, 3 de outubro de 1947

Jefredo Ferreira da Silva
(DIRETOR)

Isento de selo ex-*vi* do Decreto n.º 8.029, de 2-10-1945.

Modelo n.º 2
(Formato 22 x 33)





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Exmo. Sr. Prof. Dr. Diretor da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia

MATRICULE-SE

Bahia, 8 de março de 1960
DIRETOR

Manuel Sampaio Lins
(Nome por extenso)
filho de **Hélio José Carvalho Lins**
e de D. **Maria Olávia Sampaio Lins**, com 23 anos
natural do Estado de **Alagoas**, de 1937, tendo sido
de idade, nascido em 4 de **janeiro** de 1937, tendo sido
aprovado no Concurso Vestibular, vem, com os documentos exigidos pelo Regimento
em vigor, requerer a V. Excia. que se digne mandar matricula-lo na 1.ª série do
curso de graduação em Direito.

Pede deferimento.

Isenção legal de sello.

Sábado, 8 de março 1960
Data
ffp. Afundo faculdade Quaitá
Assinatura

Residência:

Ru. sete de Setembro 517

Telefone:

8553

A BOA ESCOLHA

À direita, embaixo, requerimento de inscrição ao Vestibular de Direito e a opção por francês – a melhor nota do exame, conforme o boletim acima.

UNIVERSIDADE DA BAHIA
FACULDADE DE DIREITO

Certifico que as fls. 16v. a 52 do livro de atas do Concurso Vestibular, desta Faculdade, consta que o Sr. **MANOEL SAMPAIO LINS** foi aprovado, de acordo com a Portaria Ministerial nº 516, de 21-11-1967, a Portaria nº 91, de 22-11-67, da Diretoria de Ensino Superior, e as Portarias nºs. 396 e 221, de 20-11-67, nº 212, de 22-12-1967, nº 27, de 21-12-69, nº 210, de 5-1-1970; Resolução do Conselho Universitário, de 6-8-1952; Lei nº 1.821, de 12-3-1953 e demais determinações em vigor, obtendo as seguintes notas:

| | |
|-------------|------|
| PORTRUGUÊS | 6,00 |
| LATIM | 4,50 |
| INGLÊS | — |
| FRANCES | 7,00 |
| SOCIOLOGIA | 5,00 |
| TOTAL | — |
| MÉDIA FINAL | — |

E, para constar, se passou o presente certificado.

Secretaria da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia

(A. Edelma)

Exmo. Sr. Prof. Dr. Diretor da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia

INSCREVA-SE
Bahia, 6 de Fevereiro de 1960
DIRETOR

Manoel Sampaio Lins, filho de Hélio José Carvalho Lins e Maria Olávia Sampaio Lins, nascido no dia 4 de fevereiro de 1937 no Estado de Bahia, tendo concluído o curso secundário de acordo com decreto-lei nº 4244 de 9/4/42 modificado pelo decreto-lei nº 9.803 de 27/4/66, cujo exame final realizado em 1957 no Colégio Estadual de Bahia, seção Central, neste capital, requer a V. Excia. apresentando os documentos exigidos, a sua inscrição no presente concurso vestibular sobre todas as condições estabelecidas no Edital e demais determinações legais, declarando optar pelo exame de francês.

Termo em que
Pede deferimento.

Salvador, 11 de janeiro de 1960
Manoel Sampaio Lins

Con

Invité do lavrador

Na casa, onde os buracos facilitam
a entrada da lua, os móveis poucos
dão para todos, pois ninguém se
envergonha de no chão se sentar.

Con-

Apareça qualquer dia, a casa está às ordens. Não é bem uma casa. De taipa, pode chamá-la choupana, casebre, palhoça. É meu rancho e dos amigos. Foi feito com muito barro, muito suor e muita cachaça. Foi um batalhão, num domingo pleno de sol. Você nunca ouviu falar em “batalhão”, menina da cidade? Não se amedronte, não se trata de guerra. Este batalhão é de paz; é um adjutório que os servos do campo se prestam mutuamente.

Nesse dia veio tanta gente... Maria Quintina, nega boa de tempero; Zé Fulô, com seu cavaquinho, Seu Nezo, Quinca de Dona Joaninha, Mané Oleiro e a filharada, até seu Ambrósio do Sindicato veio e jogou seu barro, pois não somos feitos do mesmo barro?

Primeiro, fincamos os mourões, depois amarramos as varas e lançamos o barro, com a sofreguidão e o amor dos que constroem o mundo. Jogamos o barro ao ritmo dos tambores e da cantoria da nossa gente. A alegria dos que trabalham para si inunda o momento. É a construção do sonho da casa própria para o irmão.

Venha, a casa é pobre, mas há lugar para outro irmão. Venha, pode ser que não haja comida, mas comermos uma jaca e sonharemos estar no grande banquete da vida, com nossos irmãos mais abençoados. Venha, aqui há sempre alguma coisa para ver: um enterro de criança, um menino sempre nascendo – os pobres são muitos, como suas esperanças – uma briga de facão, um rosto retalhado, um rio manso e branco que nos segue desde criança em nosso leito de dor, os amarelos frutos do meu Senhor, minha rocinha de meia com o patrão, os belos e inatingíveis girassóis da casa

vite do lavrador

grande, os mulungus que circundam a estrada e uma leve esperança nos olhos da gente.

Na casa, onde os buracos facilitam a entrada da lua, os móveis poucos dão para todos, pois ninguém se envergonha de no chão se sentar. Há uma folhinha que marca o tempo imemorial em que meu avô, e talvez o meu bisavô, honestamente, trabalhava a terra do avô, ou talvez do bisavô do meu Senhor. Terra, depois, alimentada pelo suor de meu pai, que legou-me, também, a terra alheia, para que eu provasse com meu trabalho que o homem engana o homem em determinada ordem social, pois a labuta milenar, minha e de meus antigos, só me deu oito filhos mirrados, doentes e analfabetos.

Venha, venha logo, quando puder, traga mais amigos, vamos formar um mutirão para que das entranhas dessa noite lenta e tenebrosa desabroche um amanhã de paz.

erna esperança



83



Inverno

Os pobres e as mulheres, eis que filosofo, se assemelham pelos séculos de submissão e resignação, mas a coisa está mudando.

Eis que é chegado o inverno, leitor. O sol que bate em nossas caras citadinas não desmente a chegada da época do frio. É um sol frio, por sinal, sem calor. Os lavradores pedem chuva, e, no momento em que escrevo, parece que ela está a caminho. Ninguém nega que é inverno. Olhe para os pobres e as mulheres. São os que mais sofrem com esta estação do ano.

Debaixo de vosso grosso cobertor, cidadão, a vontade é dormir, bem sei; ou fazer amor, coisa de que não discordo, muito pelo contrário. Ao amar, esquecerei dessa pobreza que tiritá de frio nas noites de inverno. Essa gente humilde, sem capote, sem pulôver e outros instrumentos contra o frio, o qual enfrenta com resignação e desesperança, ou com uma e outra cachacinha, para o agasalho interno.

Olhai como estão pálidas e tristes as mulheres. Cheias de roupa. O vento frio estraga sua pele, e elas não merecem isso. Qual o seu nome, meu Deus? Um pouco de infidelidade? Ora, Deus meu, as mulheres são hippies, fazem o amor e não a guerra. É da sua própria essência. Todo homem deseja que o diabo as carregue pra sua casa (dele, homem).

Por causa da beleza de Helena, duas cidades de antigamente se engalfinharam longos anos. Antigamente, os homens tinham mais vergonha. Brigavam pela beleza das mulheres. Hoje, brigam pelos mercados mundiais ou pelo petróleo do Oriente Próximo, Médio e Extremo...

O inverno é discriminatório. É uma estação onde não têm pouso os pobres e as mulheres. O verão, esta sim, é uma estação dos pobres e das mulheres. No tempo do calor, eles podem expor sua seminudez. Os pobres podem

Inverno

andar com a roupa que não têm e dormir sua miséria debaixo das marquises das lojas elegantes.

No inverno, as mulheres andam cobertas da cabeça aos pés. Escondem seus encantos. A minissaia perdeu a vez. Vai ficar de quarentena até o próximo verão. Na estação quente, as mulheres não podem nos enganar com sua indumentária. Elas demonstram vida, exibem beleza. O sol que bate em seus rostos dá-lhes vigor. Ficam mais ariscas, atraentes. São a nossa perdição. Os corpos bronzeados nas praias são espetáculos que a natureza nos oferece sem cobrar um tostão, num país onde os impostos tiram dos ricos, mas não ajudam os pobres.

Os pobres e as mulheres, eis que filosofo, se assemelham pelos séculos de submissão e resignação, mas a coisa está mudando. Há de chegar o dia em que eles governarão a terra. Peço apenas que não esqueçam deste modesto escriba, que passou a vida a endeusar as mulheres e a defender os pobres.

Debaixo de vosso invejável cobertor, lembrai, cidadão, que o inverno é contra a mulher, o pobre e o controle da natalidade.



A cidade em construção

Antes, a infância, pobre, mas linda,
mesmo triste. O pião, a arraia azul, o
doce de mamão e o bolo de chocolate.

Asemente germinou em cidade.¹⁰ Plantada e cultivada, urge contar uma história. A semente primeira engravidou a terra, pequena semente. Uma fazenda, no início; depois, a feirinha de Macuco, que mais tarde o pintor eternizaria na tela. Hoje, cidade, árvore humana de bons e maus frutos, de sandálias japonesas. Ontem, de pés descalços, banhados em sangue.

Diz-se que, ali, antigamente, um príncipe caçara macacos. Daí o nome primeiro. Raízes nobres rejeitadas, seu sangue é vermelho como dos primeiros que caíram a golpes de facão ou nas emboscadas das repetições. Os pioneiros, qual bandeirantes modernos, estupraram suas matas e, embalados pela música dos facões, cortando suas árvores virgens, fecundaram seu ventre.

Nasceram as primeiras casas e os primeiros varões. Na fúria da construção, tudo cortavam os facões: rostos, pernas, galhos, árvores. Perdoavam apenas os jequitibás respeitáveis, símbolos de um povo a quem abençoavam.

Depois, vieram os meninos, imperturbáveis e puros, num mundo imaturo que ainda não é do Homem. Guardados dentro de suas fronteiras, olhavam o mundo. Primeiro, a casa, o quintal, a vizinhança; depois, todo o vale onde reinava o Jequitibá, sólido e eterno. Seus limites se alargavam e ganharam o mundo, as grandes cidades.

Antes, a infância, pobre, mas linda, mesmo triste. O pião, a arraia azul, o doce de mamão e o bolo de

¹⁰ Buerarema.

Cidade em construção

chocolate. O banho de rio, o doce rio da infância, a quem sempre voltamos sem temer o *schistosoma*. O futebol no Campinho. A escola, a colega da escola e a descoberta da beleza das coisas. A descoberta da morte, também.

Tudo na cidade parece ser eterno. Os mesmos meninos jogam bola de gude há centenas de anos, empinam arraia e jogam pião. Nas noites de lua, há sempre um grupo de crianças cantando roda. Esta é uma cidade de meninos. Os forasteiros se espantam com o número de crianças. Sempre se espantaram, há séculos. Todos são meninos nesta cidade.

Não surpreendeu quando surgiu cidade. Ginásio. Prefeitura. Câmara de Vereadores. Clube moderno, moças tocando violão e dançando o *hully-gully*, apesar de opiniões contrárias. A luta do novo contra o velho. Já se fala em fábricas e grandes usinas, telefones chegando. A cidade não para, porque, como o mundo, ela está sempre em construção.



Porto Seguro

Aqui e ali, uma casa de barro, tosco
lar de miséria, quebra a monotonia
da paisagem sempre verde.

O cronista redescobriu o País. São 64 quilômetros de Eunápolis às raízes do Brasil, numa estrada de areia que o pequeno tráfego conserva em boas condições. A gentileza do funcionário do DNER nos conduz a Porto Seguro, na esperança de pisar onde Cabral e seus homens pisaram há mais de 400 anos. Sinto-me como um novo descobridor. Que descobrirei eu? Mata virgem, caboclos opilados, miséria, céu azul e uma névoa de desesperança no ar.

Não é porto, nem seguro, diz meu companheiro de viagem, num prosaísmo que repilo, seduzido pela aventura. As histórias da infância e as histórias da História se misturam, na esperança de rever fantasmas que certamente povoam as noites desoladas da região.

Aqui e ali, uma casa de barro, tosco lar de miséria, quebra a monotonia da paisagem sempre verde. Céu, mata densa, roçados, plantações de mandioca se alternam em monótonas e desoladas perspectivas, numa sucessão cromática em que o azul e o verde disputam o domínio da paisagem. A exuberância da mata em que se plantando tudo dá permanece à espera de quem ouça seu desafio.

Os paus de São Sebastião revelam a prática de ritos exóticos bem antigos, como antigos e sofridos são os anseios dos habitantes da região.

Na cidade, há alguma coisa no ar, um certo tom de nostalgia que já foi o encanto dos poetas românticos e que fica bem na terra secular. A cadeia, num forte antigo, como antigas são as igrejas, tudo tão antigo que parece continuar o País dormindo ainda, como antigamente.

O Vento Segundo

O vento frio que vem do mar bate em nossa tristeza citadina e, à noite, surgem as caravelas cabralinas trazendo fidalgos de antanho, que percorrem as ruas melancólicas e escuras, falando da morte que ronda a cidade esquecida e fechando os nossos olhos viajados de tantos lugares tristes.



Coisas do céu

Já se ouve falar em chuva de pedra
e chuva de sorvete, como aquele
coronel apelidou a nevada em Paris.

Tempos apocalípticos os que vivemos. Eis que do céu já não desce, apenas, a boa e humilde chuva, mas os sortilégios mais estapafúrdios possíveis. Houve tempo em que se dizia: “O que vem de cima é Deus quem manda”. Os jornais, agora, anunciam chuvas diversas.

Dizem que caíram (ou vão cair) na terra mil baratas, 560 vespas, 10 mil moscas, 13 mil bactérias, 120 ovos de rã, 875 amebas, milhões de unidades de fungos, enviados ao firmamento pela Administração da Aeronáutica e Espaço dos Estados Unidos da América. Estes são os estranhos passageiros do Biosatélite/1, colocado em órbita para estudar o comportamento de plantas e animais no estado de não-gravidade.

Os sábios ainda preveem que os insetos tenham se multiplicado ao extremo, pois são muito prolíficos. Poder-se-ia ter, agora, cerca de 13 milhões de bactérias, sendo que muitas dessas criaturas seriam mutantes.

Tudo isso cairá sobre vossas cabeças, leitores pecaminosos. Os tempos são chegados. “Mane, tecel, fares”,¹¹ eis a sentença divina.

Os homens passeiam no espaço infinito. Não só eles, mas macacos e cachorros. Já se ouve falar em chuva

¹¹ “Medido, pesado, dividido” – dístico surgido numa noite de orgia do rei Baltazar, filho de Nabucodonozor, em 539 a. C., que bebia vinho em taças de ouro roubadas do templo de Jerusalém. É o fim de tudo, a vingança inexorável do Deus do Velho Testamento. Baltazar morre naquela noite, e o Império da Babilônia sucumbe – Livro de Daniel, capítulo 5.

Pisadas do céu

de pedra e chuva de sorvete, como aquele coronel apelidou a nevada em Paris.

No Rio, Elmar namorava placidamente com Simone, na calçada, apesar dos conselhos da mãe (dela), quando o corpo de um ancião cai sobre eles. O rapaz sofreu fratura na coxa; a moça, traumatismo no crânio.

Antigamente, poderia vir do céu a asa de algum anjo distraído, ou mesmo xixi de passarinho. Mas os tempos são outros: chove demais aqui, chove de menos ali.

Que Deus, em sua infinita bondade, tenha pena de nós e nos mande pedaços de lua e estrelas fulgentes, para afugentar nossa tristeza.

C

O amor de Maria

A polícia cumpriu bem seu papel,
prendendo indiscriminadamente
os adversários da situação.

Maria sofria suas últimas quatro horas de felicidade. E, assim, descobria que a felicidade tem hora certa e cabe dentro do relógio. Felicidade cronometrada, a sua. Contada, vivida e sofrida nesses oito dias prolongados de três, que era o tempo previsto para a Força Federal guarnecer a cidade, febril com as eleições. Oito dias de felicidade, um instante.

As eleições este ano vão pegar fogo. De um lado, coronel Nenzinho prometia escolas, hospitais, estrada e honestidade; do outro, o gordo comerciante Tibúrcio prometia moralidade, estrada, hospital e escolas.

Difamaram-se as reputações mais ilibadas. A polícia cumpriu bem seu papel, prendendo indiscriminadamente os adversários da situação. A violência estampava-se nos olhos, nos braços, na língua do povo. Veio, então, a Força Federal e, com ela, o cabo Benedito José dos Anjos.

Maria era filha do lugar. Há 27 anos. Das Dores ou das Graças, talvez Maria da Purificação. Moça do interior, a idade chegando. Isolada, era ansiosa por conhecer o mundo. Seus limites não passavam da cozinha, da sala de jantar, do quintal, da janela da frente, onde se debruçava, sem esperança de arranjar noivo.

Cotovelo calejado de tanta espera, como dissera um poeta da terra. Seu mundo resumia-se no fogão, na panela engordurada, num cinema aos domingos, passeio no jardim, vez por outra.

Quando lia uma revista ilustrada ou via um filme americano, com rapazes simpáticos, apartamentos de luxo, carros do último modelo, sentia-se ausente da vida.

Amor de Maria

Nessa existência seca, monótona, sonhava, apenas, com um casamento. Imaginava-se cheia de filhos. Os rapazes eram poucos na cidade. Poucos e sem futuro. Muitos viajavam para São Paulo, em busca de riqueza, e voltavam, além de pobres, falando um estranho dialeto.

A chegada de um circo ou parque de diversões quebrava, aqui e ali, a placidez de sua vida. Escrava do cotidiano, seus sonhos não alcançavam mais do que um marido, filhos e distância das lamúrias da mãe doente. Para ela, o amor se esgotava aí.

Cabo Benedito era a libertação. Contava-lhe coisas da cidade grande. Os automóveis faiscantes, os grandes

O banho

clubes com piscina, os altos edifícios, apartamentos maiores do que a casa do coronel Nenzinho, televisão, sorvetes coloridos. O amor sem tabu, sem preconceito. A vida, que é um contínuo combate à morte.

E ele, valoroso cabo do Exército Brasileiro, lhe revelava o que ela desconhecia: sua própria vida, enclausurada, amarga, ressentida, prisioneira de convenções e preconceitos provincianos. Uma vida murcha, uma vida nunca vivida. A morte esmagando fiapos de existência. Um suicídio lento, consentido.

de Maria

O amor de Benedito era a libertação. Um hino à vida, a tudo que ela tem de bom e belo. Maria recusa os conselhos da família, pobre, mas honesta. Ela sabe o que está fazendo. Todo ser humano tem direito à felicidade, mesmo que não saiba em que ela consiste.

Mais quatro horas e ele partirá. Voltará. Prometeu levá-la. Para isso deixou a semente em seu ventre. Os ônibus partem, finalmente, embalados pela cantoria da soldadesca. Maria estende a mão, num adeus. No ventre, uma esperança; no olhar, uma dúvida.



Sonho de uma Noite de Natal

O menino, acompanhado da
multidão, percorria as ruas,
cantando hinos de amor e de paz.

Sonho

C olocou o sapato que não era seu debaixo da cama que não tinha. E adormeceu. O menino Jesus, engraxate de profissão, repousa seus mirrados onze anos encostado à cadeira de trabalho que tinha de meia com o gordo comerciante da esquina.

E em seu sonho de menino pobre sonhava felicidade. A multidão fervilha nas ruas, comprando tudo. Era uma festa de caras risonhas carregadas de embrulhos de diversas cores. Todos se cumprimentavam e se abraçavam, como se algo houvesse nascido. Entrou na loja e comprou uma importante árvore de natal. Os bolsos cheios de dinheiro, comprava presentes para os amigos. Uma bola para Zequinha, uma boneca para Mariinha, uma roupa nova para Zé Mulambo e, para si, uma cadeira de engraxate, novinha, só sua. Graxa, escova, tinta, tudo novo, tudo seu.

Os sinos repicaram, entoando hosanas e glórias a todos os homens de boa vontade. A estrela de Natal passeava no céu, trazendo o recado do Nascimento. Aleluia, aleluia, cantava o povo crente.

Os arautos, vestidos de dourado, tocaram as trombetas e, na praça, reuniram-se todos os engraxates, para a consoada. E do rio e do mar vieram enguias, robalos, carpas douradas, trutas, cavalas, atuns e róseos e saborosos pitus. Dos campos, mandaram pacas, perus recheados, frangos assados, perdizes e iguarias mil. Os vinhos mais caros rebentaram do chão. Encantados, os anjos desceram dos céus, trazendo estrelas nas mãos. Da Bíblia, saíram Baltazar, Melchior e Gaspar, ofertando ouro, incenso e mirra.

de uma Noite de Natal

A tristeza que existe em todos os exilados da sorte se dissipou. O menino engraxate espalhava bonanças. E com uma varinha de condão transformava o ouro, as joias, as pedra preciosas que lhe presenteavam em pão e rosas, que distribuía com o povo. Juntou-se aos amigos e encheu a cidade de alegria. Enfeitaram-na toda. As ruas atapetadas de flores ressendiam de perfumes primaveris. Árvores de Natal, fios de ouro, lâmpadas multicores, fulgorantes estrelas de cauda. De tudo isso estava repleta a cidade, e mais de alegria e ternura na Noite Santa.

Uma íntima e profunda alegria apossou-se do povo, que elegeu o menino seu Rei. Renasciam as esperanças do povo amargurado. O menino, acompanhado da multidão, percorria as ruas, cantando hinos de amor e de paz, distribuindo sapatos às crianças pobres, para que pudessem ter, ao menos, a ilusão de Papai Noel.

As autoridades constituídas já começavam a se preocupar com aquele menino, quando um pontapé de um bêbado circunstancial despertou o engraxate Jesus para seu Natal sem nenhuma alegria. Pelas janelas das casas ricas entrava um velhinho de roupa vermelha e barba de algodão. Duas lágrimas de descrença marcavam o rosto do menino. Longe, um galo cantou, sem nenhuma esperança. Era noite de Natal.

H
T

Todo homem tem
um caminho

O homem não pode subir na
parede, a não ser que seja louco
ou se transforme em barata,
como o personagem de Kafka.

A gente deve fazer o que gosta e o que sabe. Não vá o sapateiro além da meia-sola; fique o boêmio no bar e o padre na sacristia. O militar no seu quartel. O broto na janela, ornamentando a paisagem, que esta é sua missão, assim na terra como no céu.

Às vezes, nós queremos voar em espaço impróprio, plantar em terreno alheio. Há os que sabem ganhar dinheiro, tão somente; outros, fazem o diabo para conseguir o suado e minguado pão de cada dia. Cada ofício tem uma linguagem própria. Dir-se-ia, tem sua gíria.

A decepção e a queda. O homem não pode subir na parede, a não ser que seja louco ou se transforme em barata, como o personagem de Kafka. O homem simples deve lavrar a terra, apascentar as ovelhas, como os velhos pastores bíblicos, construir a casa, criar galinhas. E nunca se meter a brigar com a gramática ou brincar com o dicionário. Não deve jogar com as palavras. O único jogo recomendado é o jogo de damas, lento, sóbrio e burro como um camelo.

Para que fui buscar temas estranhos, peregrino de curtos limites? Não me interessa descobrir a pólvora, contento-me com sua serventia nos fogos de artifício, iludindo as estrelas de Deus.

A imaginação me tortura. Eis-me na tribuna, como um sonho de menino. Discurso cheio de circunlóquios. Pasmem. Eis-me verboso, verborrágico, verborreico. Peguem o dicionário que vou soltar outra: logomáquico. E, de lambuja, logorreico. Não procure esta, que é neologismo.

O homem tem um caminho

Nesta perlenga sobre o conúbio, entro em avença com o ledor, máxime porque o cônjuge supérstite é írrito se não convolar núpcias. Detesto os afenis que vituperaram a bínuba, senhora de caridosos amores, que não beija mas oscula, pela gravidade de sua situação. Se me falar em comborça, eu escrevo barregã, para não parecer tautológico.

Gasto minha tinta e papel para encher a paciência dos leitores, provocado por leituras de bacharel sobre problemas sentimentais que ganham dimensões jurídicas.

Volto aos campos pretéritos da poesia, onde as palavras soam mais amenas. Sou um humilde jornalista. Sempre fui. Minha máquina é honesta, jamais defendeu os poderosos circunstanciais a troco de trinta dinheiros. Nela me sinto como um verdadeiro e leal nadador, no instante em que dá uma enérgica, confortante e larga braçada contra a correnteza do rio. O homem que respeita sua condição humana vive sempre nadando contra a correnteza da vida. Nadando com respeito, seriedade e uma incontida esperança.

A

Alicão das águas

O povo flagelado, vestido como
se fosse a um baile psicodélico,
ouvia, aflito, as vozes dos gigolôs
da miséria coletiva.

Parecia um sonho, talvez pesadelo. A água não respeitava nem o sono do governador, que deve ser respeitado até debaixo d'água. Dir-se-ia que o Cachoeira queria lavar a cidade toda, castigá-la por seu trabalho diuturno ou, talvez, pela maldade escondida dos homens, que só o rio conhece e conta aos poetas na madrugada de lua cheia.

O Cachoeira era leito de dor e de miséria. Caminho obrigatório por onde passavam geladeiras, pneus, móveis, árvores, corpos de homens e animais, o desespero e o pavor de muitos. Estranha procissão de desesperanças. Os sete cavaleiros do Apocalipse cavalgavam em velozes corcéis negros sobre as águas de um rio furioso. O povo flagelado, vestido como se fosse a um baile psicodélico, ouvia, aflito, as vozes dos gigolôs da miséria coletiva. As “otoridades” estavam mais perplexas do que o povo. Atônicas e inertes. Só existia a água do rio em acrobacias mortais e a solidariedade do povo, que saía do céu e da terra, de lugares sem fim, salvando coisas e gente. O rio não respeitava ninguém. Farmácia, loja, bar, cinema. Até Lampião e Maria Bonita¹² foram tragados pelas águas, disparando pela Avenida do Cinquentenário, armados até os dentes, e seguidos de todo o bando, segundo presenciou Marcinho Mendonça, que está vivo e não me deixa mentir. Quando as águas baixaram, os políticos já discutiam quem seria o presidente da “comissão”. As mulheres “políticas”

¹² Figuras de um Museu de Cera, na Avenida do Cinquentenário, destruído pela enchente de 1967, segundo o citado Márcio Mendonça.

arengavam na distribuição dos víveres. Cada qual queria ser mais atuante. Era a usura da generosidade. No desvario da irresponsabilidade, o novo material da Telefônica foi destruído, numa zona onde a água demorou a chegar. As lágrimas dos pobres que perdiam o barraco aumentavam a fúria do rio. O Cachoeira ficou doido de pedra e, puritano, se arremessou contra o Marabá, não se incomodando com os fantasmas que ali bebiam seu último trago. Após o dilúvio, Noé pediu a palavra e falou com a multissecular experiência: “Despertai, homens de pouca fé! Mudai essa mentalidade de urubu, que só pensa em fazer casa quando chove, e, passada a tormenta, diverte-se sob o sol. A cidade precisa preparar-se para futuras enchentes. Faz-se necessária a criação de um organismo, constituído de técnicos e amigos da cidade, dispondo de planos previamente traçados, e material suficiente para enfrentar com certa mobilidade qualquer calamidade pública. Um organismo que tenha, de antemão, pelo menos, condições de abrigar as populações ribeirinhas, requisitar mantimentos e carros oficiais. Que tenha o comando da cidade durante a enchente. Que disponha de equipes de salvamento e de segurança pública, afastando das ruas os bêbados e os “turistas” que utilizam até carros oficiais. Que mantenha em ordem, tanto quanto possível, os serviços públicos essenciais. É hora de pensar nisso. Quem avisa amigo é. O prefeito pintou os postes da Cinquentenário, talvez, antecipando as alturas das águas. Deixai que os políticos se digladiem; a vós, amigos da cidade, cabe a tarefa restauradora.”

Assim falou Noé, quando o rio deixou um mar de lama na cidade. Parecia um sonho, talvez um pesadelo.



Hiroshima: nunca mais

Os gemidos dos mortos de
Hiroshima despertaram a
consciência dos Homens.

Hiroshima

ABomba explodiu no coração do mundo.¹³ O primeiro cogumelo ganhou dimensões apocalípticas. O Homem chorou. O homenzinho se extasiou com as conotações estéticas do cogumelo. “Cidade japonesa destruída por bomba atômica lançada pelos americanos” – era a notícia radiofônica que atordoava nossos ouvidos infantis.

Era 6 de agosto de 1945. Os bois recusavam o capim contaminado. Os pássaros voavam para longe. As conversas falavam da Bomba. Os olhos amedrontados, o cenho franzido, as mãos trêmulas, os nervos tensos, as esperanças diminuídas: era a humanidade de 6 de agosto de 1945.

No dia seguinte, morria outra cidade: Nagasaki. Não mais tempo de flores. Não mais tempo de crianças. Agora, tempo de espanto. Das cinzas de Hiroshima surgiu um intenso e dorido medo que ganhou o mundo. Medo da destruição total. Perplexidade em saber que o trabalho da inteligência humana poderia destruir a própria espécie.

Com sua inteligência, o homem desintegrou o átomo, criando amplas perspectivas de progresso para a humanidade. A política, a ambição do poder, a intolerância desumanizaram o homem, impelindo-o à própria destruição. Os gemidos dos mortos de Hiroshima despertaram a consciência dos Homens. *Remember Hiroshima. Hiroshima, mon amour.*

¹³ O cronista deplora o uso da bomba atômica norte-americana contra os japoneses. Observe o curioso jogo de palavras: o Homem que chora e o homenzinho que “se extasiou com as conotações estéticas do cogumelo”.

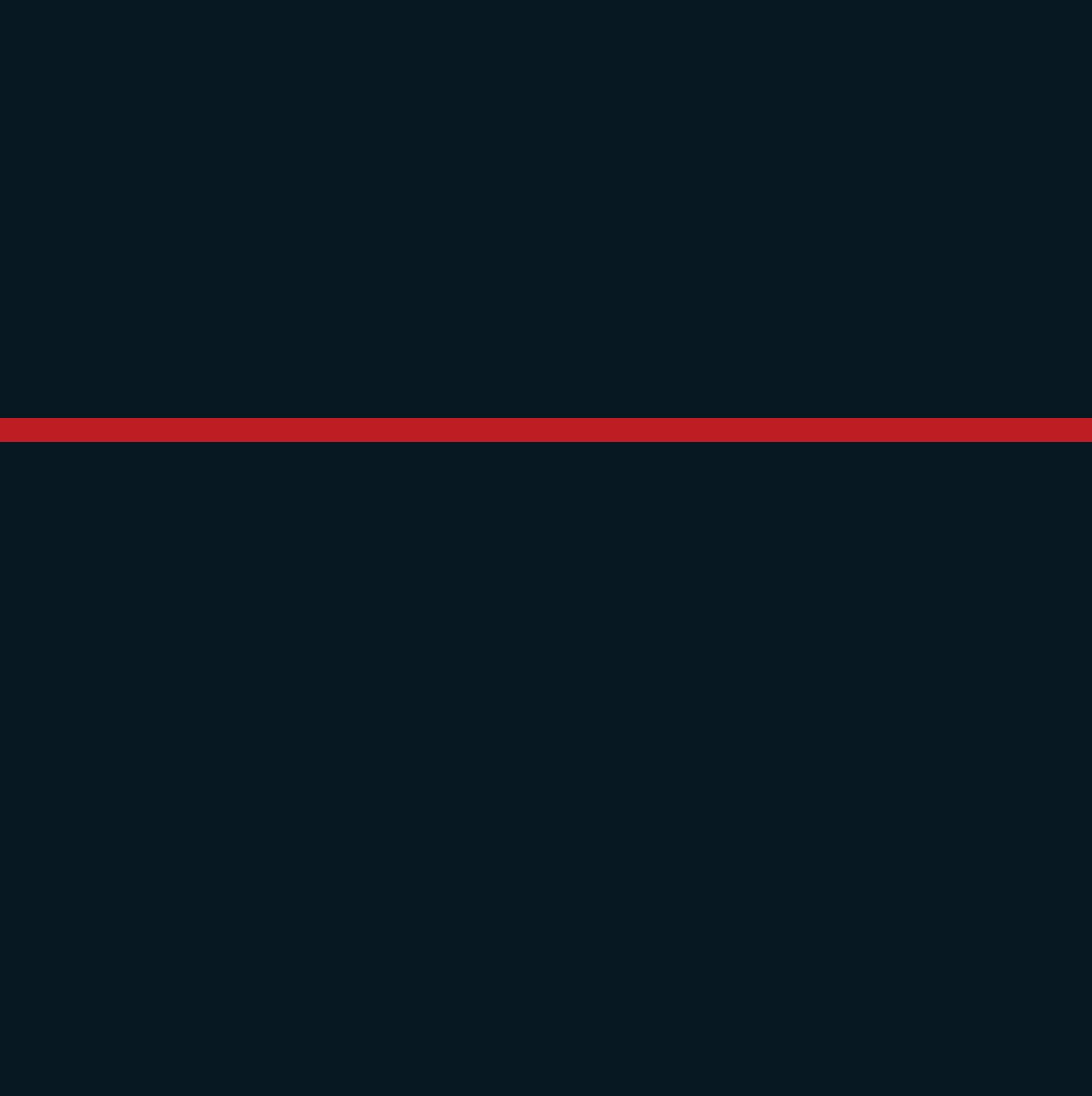
Hiroshima: nunca mais

Hiroshima, meu amor. Nunca mais Hiroshima. Mas os homenzinhos fabricantes de armas tentam abafar as vozes da paz.

Hoje, 6 de agosto, os olhos e o coração do Homem de consciência livre estão voltados para Hiroshima – destruída pela guerra, hoje símbolo da paz.

No teto do mundo, as grandes potências declaram que estão trabalhando no sentido de limitar o envio de armas ao Oriente Médio, enquanto os comerciantes retomam a velha corrida armamentista. Diariamente chegam a Israel e ao Egito carregamentos de armas. O comerciante precisa ganhar dinheiro. Esqueceu Hiroshima.

Em Hiroshima, hoje, o coração sangrando da humanidade vê uma área destruída pela bomba, conservada como memória do terror. Como símbolo, como advertência. Campo de lembranças dos dias maus. O coração do mundo morre um pouco, hoje. O americano chora também seus mortos na deslealdade japonesa de Pearl Harbor. Chora os mortos no Vietnã. Nas ruas negras e sangrentas de Detroit se matam, esquecidos de Hiroshima. O piloto louco que lançou a bomba grita, numa fantasia surrealista, pelas ruas de Nova Iorque: *Remember Hiroshima! Hiroshima, my love!, Hiroshima never!* – como um açoite no tempo e na memória do homem.



Preparado para a guerra

Manoel Lins no CPOR
(Centro de Preparação de
Oficiais da Reserva) do
Exército Brasileiro.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil,

Faz saber que MANOEL SAMPAIO LINS + + + +
é Oficial do Exército, do pôsto de 2º Tenente da Arma de Infantaria
da Reserva de 2a. Classe, a contar de 1º Dez 59, + +,
por Portaria do Ministro da Guerra n. 2312 de 6 de outubro +
de 19 60 , e por isso lhe confere a presente Carta-Patente confirmatória do gozo
das honras, direitos, regalias e vantagens inerentes ao pôsto, nos termos da Lei.

Brasília, D. F., 14 de junho

de 19 61 , 140º da

Independência e 73º da República.

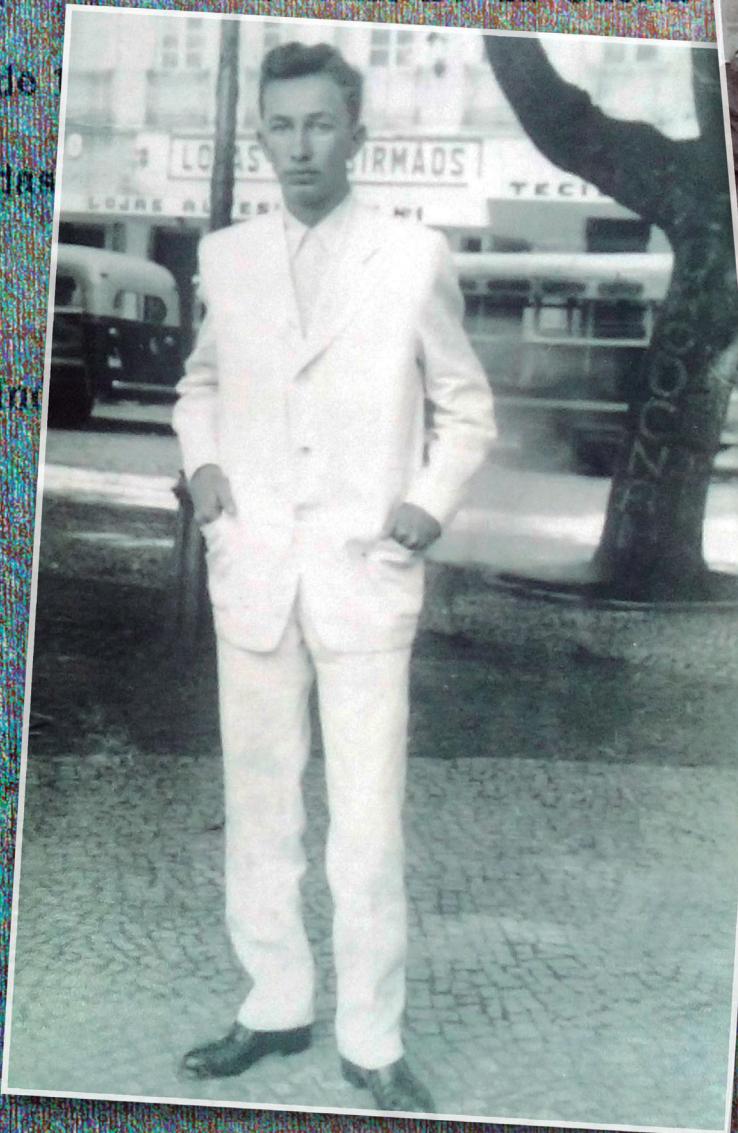
J. J. J. -
Marechal Odylo Denis



IRONIA DO DESTINO

ML é reconhecido como oficial da reserva do Exército por duas figuras sinistras – o folclórico político Jânio Quadros e o marechal Odylo Denis, grande conspirador do golpe de 1964.

Faz saber que **MANOEL LINS**
é Oficial do Exército, do posto de
da Reserva de 2a. Classe,
por Portaria do Ministro da Guerra



IMPROVISO

Lins na solenidade de formatura
do CPOR, com uma madrinha
escolhida na última hora, bem ao
seu estilo.

A

As mulheres....

A mulher do século XX é a mulher
emancipada dos preconceitos
provincianos e das tradições
reacionárias.

Ah

Falava-se de assuntos sérios. Preço do cacau, situação do mundo, eleições diretas, morte de Che Guevara – e a conversa ia bem regada pelo uísque que corria escocesamente, com alguma variação nacional.

Nesta base, o papo foi mudando para tema mais ameno e ao gosto do público em geral. Inevitavelmente, nos concentrarmos nas mulheres, matéria em que todos tinham sólidas e robustas opiniões pessoais. Ah, as mulheres, as mulheres, seu Pedro...

Brancas, pretas, mulatas, roxas, pardas, sa-ruabas, cabelo pixaim, clorótidas mulheres noturnas. Ah, as mulheres... Mulher feia comigo é na pedrada...

Ah, as mulheres... manhosas, formosas, sestrosas, dengosas, melindrosas. Mentirosas, derriçosas, maldosas, olorosas. Quem me ver abraçado com mulher feia, pode desapartar, que é briga...

Ah, as mulheres... bonitas, feias, passáveis, “enfim, há piores”, benzocas, “raimundas”, bonitinhas, mas ordinárias. Alguns com tantas, tantos sem nenhuma...

Ah, as mulheres... baixas, gordas, altas, pequenas, em forma de barrica, velhas, novas, maduras, balzaqueanas, brotos, brotinhos, brotoejas. É nos olhos das mulheres que eu vejo minha idade...

Ah, as mulheres... anjos ou demônios? Escravas ou rainhas? Meu bem, anjinho, benzinho, meu doce de coco, minha cara metade, pedaço de mau caminho. Amélia é que era mulher de verdade...

As mulheres...

Ah, as mulheres... vergonhosas, prudentes, pudicas, pudorosas, recatadas, pondonoras, sérias, comem o pão que diabo amassou. A gente sofre com mulher bonita, e há tantas...

Ah, as mulheres... casadas, solteiras, desquitadas, viúvas indefinidas, adulteras. O adultério é esquálido...

Ah, as mulheres... pérfidas, assanhadas, espevitadas, faladeiras, bisbilhoteiras, de vida fácil (fácil, hein? Vai lá, vai, vai ver o que é dificuldade). Lugar de mulher é na cozinha...

Ah, as mulheres... mulher, mulherão, mulheraco, mulherona, mulé, muié...

A mulher do século XX é a mulher emancipada dos preconceitos provincianos e das tradições reacionárias. O progresso libertará a mulher do fogão...

Ah, as mulheres, seu Pedro... se há sete mulheres para cada homem no Brasil, algum gaiato deve ter 14, pois estou sem nenhuma... Onde vou encostar minha solidão?

0

menino do apito

E foi um apitar sem fim. Entrou
pela manhã e saiu pela tarde,
estremecendo a terra, sacudindo os
céus, bulindo nos nervos da gente.

O m

No Natal, de presente, o menino ganhou um apito. O pai, operário em construção, dar-lhe-ia, por vontade, uma colher de pedreiro, instrumento de edificação. Filho de pobre precisa é aprender a trabalhar, filosofava, brinquedo é pra rico. Baldoíno, o menino Badu, construiu sua verdade em oito anos de vida. Ele nada esperava de Papai Noel, na desesperança de sua pobreza. Não tinha sapatos para colocar na janela, e o velhinho não se lembrava dos meninos descalços.

O pai, no montão de brinquedos da loja, passou a vista, medrosamente, por cima dos trenzinho, das bolas, das roupas de caubói, das metralhadoras de ar, dos soldadinhos de chumbo, que eram encanto da garotada. Comprou um apito no camelô. Um apito plástico, de uma caixa cheia deles. Um apitinho. Um apitozinho. Um apito sem grandeza, igual a tantos outros. Um despersonalizado apito. Se ao menos fosse um apito de chamar nambu... O menino, mesmo assim, recebeu a dádiva sorrindo.

E foi um apitar sem fim. Entrou pela manhã e saiu pela tarde, estremecendo a terra, sacudindo os céus, bulbido nos nervos da gente. Corria pela várzea, perseguindo a passarinha atraída pelo sortilégio do apito. Passeava pelos caminhos sua liberdade de menino pobre, peitinho negro e magro aberto ao vento. E assoprava o apito como um senhor dono dos ventos, das águas, do mundo. Até a locomotiva silenciava, emudecida pelo assvio do seu apito mágico. E se fez mestre, juiz e guarda. Só não se fez rei, pois rei já o era. Rei negro e puro. Rei da passarinagem. Os cortes no gancho do seu badoque atestavam sua supremacia. *Pipiripipi!* –

menino do apito

era o mestre marcando a cadência do samba na evolução do passista. *Priii!* – era o juiz anulando um régio gol de Pelé. *Pripri!* – era o guarda contendo o playboy na sua correria desvairada.

Cansado, encostou-se, ao fim da tarde, no portal da casa. E foi adormecendo, como um velho operário ao findar da faina. Adormecido estava. Repousando como um guerreiro fatigado. E dormindo sonhava que seu apito imitava os gorjeios de todos os pássaros. E com dois silvos longos reuniu a meninada do arrabalde. E, de cima do monte, trilava o apito no sedutor assobio que ecoava por todo o vale. E, fascinados pelos multiformes gorjeios, surgiam centenas de passarinhos, que seus companheiros iam agarrando. Curiós, gurinhos, pardais, sofrês, canários sabiás, pássaros pretos iam caindo nas mãos infantis. E grande alegria quando todos perceberam que não mais teriam fome. E o apito era venerado por todos como o Redentor. No rosto do menino em sonho resplandecia a felicidade. A mão apertava o apitolismã, de que ele era guarda e senhor.



Os atributos de dona Cremilda

Quando todos, solidários no
aborrecimento, concluímos que o
País não tinha mais jeito, ela chegou.

Já estava cansado de tantas caminhadas. De rua em rua, de repartição em repartição, de sala em sala, de carteira em carteira, no calvário dos que se aventuram a prestar concurso público ou encaminhar processo administrativo neste País.

Não quero nem falar das passagens demoradas e desesperantes pelos tabeliães. Afinal, suspirei de alívio, após três incessantes dias indo de um lugar a outro, arrumando os papéis, num nunca acabar de burocracia.

Apanhei todas as firmas devidamente reconhecidas, e fui fazer a inscrição. Um contínuo informou-me que a moça encarregada, dona Cremilda, chegaria logo, só ela poderia me atender. Notei um leve sorriso no canto da boca do informante, quando pronunciou o nome da funcionária.

Habituado e resignado, sentei-me, a esperar a onipotente dona Cremilda. Invejei seu poder. Quanto mais tardava, mais eu admirava sua força. Havia mais gente esperando. Esperando e resmungando. Todos dependiam dela. Perdi um encontro importante. Eu imaginava quantas pessoas não perdem o emprego, amizades, sessões de cinema, negócios, pelo atraso de uma dona Cremilda qualquer. Quando todos, solidários no aborrecimento, concluímos que o País não tinha mais jeito, ela chegou. Sapatos altos, cabelos negros curtos, jovem, bem dotada fisicamente, e com aquele sorriso que fez Napoleão perder a guerra. Desfez imediatamente a imagem de megera, de medusa, que criamos. Transformou-se numa pobre e indefesa mocinha que mora no subúrbio e ajuda os pais. Notei que todos os presentes sorriam e se esgotavam em préstimos e elogios à jovem. Um austero senhor de óculos de grau começou a cantarolar “Cremilda, são duas horas da

Os atrib
dona Cr

Autos de Cremilda

madrugada/ eu penso que alguma coisa lhe aconteceu...”¹⁴

Dona Cremilda examinou meus papéis com aquele ar indiferente dos que fazem um trabalho sem graça e sem esperança. Trabalho forçado. Seu lugar era na praia, dentro de um sumaríssimo biquíni, e nisto todos concordavam, ateus e cristãos, brancos e pretos, gente de todas as tendências filosóficas. Quando eu examinava a singularidade de um lobinho na ponta da sua orelha esquerda, por simples curiosidade científica (juro!), ela balbuciou, com lânguido olhar: “Falta apenas o exame oftálmico-otorrinolaringológico”.

Estupefato, berrei: “É o quê?”, exigindo respeito.

– Oftálmico-otorrinolaringológico, tartamudeou a deusa, ela própria ruborizada com o palavrão.

Confesso: não caí porque os reais atributos de dona Cremilda me sustinham em pé. Isto não era exame para um pacato cidadão de Buerarema, que, modéstia à parte, nunca fez mal a seu ningüém.

Todos entreolharam-se. Estabeleceu-se, imediatamente, uma discussão, uns achavam que era grego, outros que era latim, outros ainda que era português mesmo, que o governo anda inventando coisas, etcétera e tal, bam, bam, bam, caixa de fósforo...

Bem, vamos ficar por aqui, para encurtar a história. Depois, vou contar o bicho que deu com o doutor oftálmico-otorrinolaringologista...¹⁵

¹⁴ Versos de “Cremilda”, samba de Antônio Diogo, Manoel Passos e José Luís, gravado por Moreira da Silva, em 1945.

¹⁵ O texto de “continuação” não foi encontrado.

(

O poeta Firmino

A suavidade é a característica de uma
poesia que fala de estrelas, do chão,
do bom e seguro chão da infância...

Firmino Rocha é o grande poeta de Itabuna. Em terra de tantos poetas, ele alça voo lírico que surpreende os mais íntimos da poesia. A suavidade é a característica de uma poesia que fala de estrelas, do chão, do bom e seguro chão da infância, do Rio Cachoeira, o seu rio, de manhãs ensolaradas e rubras auroras, de meninas de tranças, da chuva fina e breve, das coisas simples, que parecem perder o significado para os homens-máquinas dos tempos modernos¹⁶

Todo poeta tem, digamos, seu carro-chefe. Um poema que se torna conhecido e ganha dimensões de perevidade.¹⁷ O de Firmino Rocha é este

Adeus luares de maio.
Adeus tranças de Maria.
Nunca mais a inocência,
nunca mais a alegria,
nunca mais a grande música
no coração do menino.
Agora é o tambor da morte
rufando nos campos negros.
Agora são os pés violentos
ferindo a terra bendita.
A cantiga, onde ficou a cantiga?
No caderno de números,
o verso ficou sozinho.
Adeus ribeirinhos dourados,

¹⁶ Referência óbvia ao famoso filme de Charles Chaplin (1889-1977).

¹⁷ Manoel Lins foi premonitório. Firmino obteve a “perenidade” dos grandes poetas, com esse texto imortalizado em bronze na ONU, em Nova Iorque.

adeus estrelas tangíveis,
adeus tudo que é de Deus.
Deram um fuzil ao menino.

Eis aí um grito, talvez um tanto nostálgico, contra a guerra, contra a violência, sob todas as suas formas. Firmino, usando expressão sua, “marca a palavra com lágrima de amor”. Não é um agitador social ou “metingueiro” profissional – mas tem uma lúcida e lírica visão da dura realidade do mundo.

O poeta Firmino, a quem não conheço, marca sua poesia com leve toque de protesto. É uma poesia de revolta, revolta no sentido entendido por Camus. Em “Rosinha não sabe”, ele nos dá uma demonstração desse protesto lírico e breve:

Ela não sabe
Rosinha não sabe
Pobre Rosinha
Se Rosinha soubesse...
Gritava no duro
Falava bonito
Fazia comício no Beco do Nada...

O que é que Rosinha não sabe? Rosinha não conhece, não apreendeu a engrenagem social de que ela é uma peça. Uma engrenagem que a esmaga e embrutece. Rosinha é operária, lavadeira, doméstica, talvez quebradora de concreto. É a moça pobre, interiorana, que o poeta vê com olhos de amor.

O poeta

A poesia de Firmino Rocha não ilude, não mistifica, não doura a sociedade, se bem que não a ataque com virulência. Há, evidentemente, quem veja escapismo em sua poesia: o poeta sonha seu mundo cheio de manhãs bonitas, montes molhados, solidões dulcíssimas. Criando seu mun-

Firmino

do, ele recusa o mundo em que vive. Já compararam o poeta ao santo. Em nosso tempo, o poeta há que ser, fatalmente, um lutador por um mundo melhor. A poesia de Firmino Rocha insinua um mundo onde as crianças receberão livros e pão para viver, nunca fuzis para matar.

SE

O honesto enhor Tramanda

Trocava as frases como trocava
as pernas, no regresso à casa,
após inúmeros goles, adiando o
suicídio para o dia seguinte...

De repente, sentiu-se um verme. Maltratado. Um objeto sem uso. Uma folha de papel em branco. Humilhado e ofendido. Personagem dostoievskiano. Pecador, culpado, culpado! Culpado!

Todos o olhavam com um riso de escárnio no canto da boca. Apontavam-no na rua, entre cochichos. Insuportável seu trabalho na repartição. Seu chefe chegara a chamá-lo de bobo. Besta, estúpido, tolo, burro, era um nunca mais acabar de qualificativos.

Vozes de zombaria povoavam sua noite insone. Quando conseguia dormir, o sono era pesado, duro, curto, entremeado de pesadelos. Era uma fera acuada. As paredes se fechando, apertando-o, sufocando-o.

Em casa, não tinha mais sossego, a mulher resmungava o dia todo. Os vencimentos não davam para as despesas, faltava tudo. E o palerma do marido encontra uma pasta cheia de dinheiro de um “gringo” e devolve, sem mais nem menos. As comadres da vizinhança tinham assunto para falar por um mês inteiro. Achavam agora o que há muito tempo vinham desconfiando: que o marido dela era meio biruta.

O “gringo”. Uma ligeira sombra de suspeita passou rápida pelo espírito de José Joaquim Tramanca. Na reparição, Tonico tivera opinião semelhante. “Você é uma besta, Tramanca. Achar uma pasta de dinheiro de um americano e devolver. Essa, não. Logo de um americano...” E arrematou: “Isso não foi mais do que uma devoluçaozinha do que eles nos carregam”. Tonico, o obífero, era metido a nacionalista e já respondera até a IPM. Gringo e americano são a mesma

este senhor Tramanca

coisa para o modesto funcionário nível 1. E sua mulher andava conversando com Tonico. Será? Será, meu Deus? – cismava seu Tramanca. Era bem possível, pois desgraça pouca é bobagem. A discussão foi “braba” nesse dia.

Entre as risadas dos colegas e os queixumes da mulher, Tramanca entreviu a possibilidade do suicídio, único, único caminho digno de um almirante batavo. Imaginou até uma inscrição funerária: “Aqui jaz um homem honesto. Morreu de desgosto, por isso”.

Entrou num bar, a fim de ganhar forças para o tresloucado gesto, como o denominam os rapazes da crônica policial. Entre um gole e outro, notou, pregada a uma porta do bar, um cartão que sempre se encontra em porta de bar, de autoria de Rui: “De tanto ver prosperarem as nulidades... o homem tem vergonha de ser honesto”.

Trocava as frases como trocava as pernas, no regresso à casa, após inúmeros goles, adiando o suicídio para o dia seguinte, quando pagasse a conta da “venda” de seu Manuel, que homem de vergonha não morre devendo.

De manhã, despertou com brutal ressaca, ante a tempestade desencadeada pela mulher. Mas Tramanca resolveu mudar de vida. Como início ia chegar atrasado à repartição, após 18 anos de serviços ininterruptos, sem nenhuma falta.

0 0

Ofício de escrever

Os que sonham com a glória
através das atividades intelectuais
só encontrarão desilusões.

Aos que teimam na aventura da literatura, as reflexões deste modesto escribe. Já meu avô alertava, em priscas eras: literatura não dá cobertor a ninguém.

Dante colocou na porta do inferno (ou do purgatório?) que deixassem de fora as esperanças os que entrassem. Talvez fosse um conselho aos iniciantes da literatura, posto que os que sonham com a glória através das atividades intelectuais só encontrarão desilusões.

O ofício exige, antes de tudo, desprendimento e renúncia às esperanças de fazer fortuna, uma constante no homem moderno. A história do intelectual pobre é bem antiga. Um homem não pode ser, ao mesmo tempo, poeta e vendedor de secos e molhados.

Mestre Graciliano Ramos registra, em um dos seus livros, um anúncio colocado num jornal por Amadeu Amaral Júnior, do seguinte teor: “Intelectual desempregado, Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, roupa velha, pão dormido. Também aceita trabalho”.

Dias mais tarde, prossegue o Velho Graça, Amadeu manda novo anúncio, diante do fracasso do primeiro: “Minha situação continua preta. Reitero o apelo às almas bem formadas: deem de comer a quem tem fome, uma fome atávica, milenária, deem-me trabalho. Escrevo poesias, crônicas, contos (policiais, psicológicos, de aventura, de terror, de mistério), novelas, discursos, conferências. Sei inglês, francês, italiano, espanhol e um bocado de alemão. Deem-me trabalho, pelo amor de Deus ou do Diabo”.

Rígio de escrever

É por isso, meu entusiasmado amigo, que não o aconselho a penetrar no doloroso campo da literatura. Continue, se possível, tendo como livro de cabeceira seu robusto talão de cheques. Ora, se compensa...

Porém, se você insiste, repare neste outro anúncio colocado, há dias, no *Jornal do Brasil*: “Poeta desempregado avisa a todos os proprietários de bares, boates, bote-cos e similares desta muito querida cidade do Rio de Janeiro, bem como aos amigos emprestadores, que, em virtude do atual estado de coisas e da forte crise financeira por que passa o País, resolveu suspender todos os pagamentos de seus débitos, até as coisas melhorarem”.



Coração tem razões

O judeu Philip Blaiberg sobrevive com o coração de um negro, Clive Haupt, numa prova inofismável de que o coração humano não tem preconceito.

Um velho de quarenta anos roubou o coração de uma jovem de vinte. Isto só era possível na literatura, até o Dr. Cristian Barnard. Os incrédulos leitores talvez não acreditem. No entanto, em verdade vos digo, do alto da minha compreensão: roubou, realmente. E não foi um gesto sentimental, tão somente. Foi um ato físico. Trocou seu velho coração por outro, de uma jovem na manhã da vida. O fato se deu num hospital da Cidade do Cabo, na África do Sul, e os jornais noticiaram com alegria este primeiro transplante. Mas Louis rejeitou o coração da jovem Denise.

As experiências de enxerto de órgãos humanos continuam oferecendo resultados parcialmente satisfatórios. Agora, no momento em que escrevo (terça-feira), o judeu Philip Blaiberg sobrevive com o coração de um negro, Clive Haupt, numa prova insofismável de que o coração humano não tem preconceito. Num gesto humaníssimo, o primeiro pedido de Philip, após o transplante, foi um copo de cerveja bem gelada. Diga-se de passagem que Philip não bebia, mas Clive era tarado por uma cervejinha. É por essas e outras que vem a pergunta chata: se Johnson estivesse para morrer e o mundo só dispusesse do coração de Ho Chi Min, os americanos aceitariam o transplante?

E como viveriam com um presidente de coração vietnamita? Acabaria a guerra ou continuaria mais feroz? Você já imaginou Hitler com o coração de Carlitos? Não haveria a Segunda Guerra Mundial, embora perdêssemos o grande ator.

O negócio vai pegar fogo. Breve, teremos casas especializadas no ramo. Coração de todos os tipos, a preço

ração tem razões

módico. Você, amiga leitora, que tem uma paixão recolhida pelo marido da vizinha, compra, em suaves prestações mensais, um coração romântico, que goste de morena como você, e manda transplantá-lo no vizinho. O comerciante que não consegue dizer não ao freguês do fiado, compra um coração de gerente de banco... e pronto!

O assunto vai revolucionar os costumes, a linguagem e outros etcéteras. Um sujeito machão, por exemplo, forte como um touro, que tenha enxertado um coração de moça: quando passar na rua e alguém gritar “aquele ali tem um coração de moça”, não será força de expressão.

Nos Estados Unidos já se fala na criação do Banco dos Corações de Vitela, para evitar que os candidatos humanos ao enxerto tenham que esperar a morte de um donador. Como o coração humano anda raiando a perversidade, tenta-se criar o homem com o coração de vaca. Aí, a coisa não pega. Imagine você visitar o amigo em quem se enxertou a vitela e receber como resposta do seu bom dia um *muuuu!*

E não é só isso, caro leitor. O admirável mundo novo lhe oferece o que você quiser. Você, dispondo de dinheiro não pouco, poderá ter os olhos de Elizabeth Taylor, os rins de Johnson, o rosto de Guevara, o fígado de De Gaulle, o coração de uma bezerra primeiro prêmio na exposição de Itapetinga. Não será mais um homem, é verdade, mas uma fantástica colcha de retalhos, ano 2000.

○

desesperançado Terêncio

Se mudassem os ribeirinhos,
outros viriam, fugindo da servidão
agrícola, morar na beira d'água.

O dese

A água vinha vindo, vinha vindo, vinha vindo a água, sem parar. A casa de Terêncio ficava no alto, e go-tejava, que teto de palha não é de muita confiança. A lama dentro da casa tornava o quadro mais sujo. Terêncio meditava. Ninguém esperava aquela cheia. Veio de repente. Parecia até coisa do Capeta. Em frente à porta, pingos molhavam a casa trabalhada pelas rugas acusadoras da cidade.

Fez a casa mais no alto, para evitar que algum dia o rio molhasse o seu lar, doce lar de quatro paredes de taipa e chão de barro batido. Agora, como que furioso, o rio magro e pedregoso inundava a cidade toda. Parecia querer engolir sua casa. Quem acreditaria, pela graça de Deus, que algum dia o rio preguiçoso e manso fizesse uma coisa daquelas?

Lembrava a advertência de sua velha comadre Januária, que lamentava os homens estarem mangando de Nosso Senhor, construindo suas casas na beira do Rio, após frequentes enchentes. Havia cerca de dois anos, aquela outra inundação. Tudo continuará na mesma. O governador prometera tanto, tanto, que ninguém acreditou em casa nova num local diferente, onde a água do Rio não chegasse. Depois, não adiantava. Se mudassem os ribeirinhos, outros viriam, fugindo da servidão agrícola, morar na beira d'água. É o único lugar onde pobre pode morar. Não precisa da inatingível água encanada. Ali, a mulher lava roupa e ajuda na despesa. O Rio é oficina, sanitário, ganha-pão.

Muitos deixaram as casas, no início. A mulher resmungava: "Povo besta. Num tão vendo que não há perigo, um rioxinho desses não é capaz de cobrir a ponte, quanto mais atingir as casas". O Rio ouvia e aumentava sua raiva,

esperança do Terêncio

lançando, num gesto de vingança, suas águas barrentas sobre as miseráveis casas de sopapo. Terêncio cismava. “Quando passar a enchente, vou fazer uma casa noutro lugar”. O filho menor dizia que era melhor que todos morassem em casas de tijolos, longe dos riscos das cheias, com água encanada, luz, sanitário, que não os obrigasse a fazer as necessidades fisiológicas na beira do Rio. Quimeras.

A mulher, quatro filhos, uma tosca mesa, esteiras na lama, dois caixotes seguravam as tábuas, formando a cama do casal, cujos gemidos de amor eram ouvidos pelos filhos, que dormiam na cozinha. E Terêncio com sua desesperança.

A casa já estava praticamente cercada pelas águas. Era uma ilha. Todas as outras já tinham sido engolidas pela ferocidade do Rio. Não se perturbasse, que as águas iam baixar, e viria o governo com roupa e comida. Todos os anos era assim. A mulher de Terêncio rezava, cada vez mais contrita.

A água vinha vindo, vinha vindo, vinha vindo a água sem parar. De Terêncio, só ficou a lembrança. Foram embora com ele os quatro filhos, a mulher rezando, sua mesa, as esteiras e a cama onde fazia amor. Sua desesperança, também.



Do México a Itabuna

Quantos anos dista um trabalhador
dos cacauais de Armstrong, o
astronauta que pisou na Lua?

A distância entre as cidades diminui. Agora, a gente já sabe o que está se passando no México, na mesma hora. É verdade que existe uma infinita distância cultural entre povos. Quantos anos dista um trabalhador dos cacauais de Armstrong, o astronauta que pisou na Lua? Mas isto são outros quinhentos.

Escrevo no momento da euforia da vitória sobre os tchecos.¹⁸ Uma impressão que me deixou o jogo e quero transmiti-la aos leitores que também apreciaram o detalhe. Uma impressão que revela quanto estamos desinformados.

Na conquista do gol da Tchecoslováquia, para tristeza nossa, Vladimir Petras, notável atacante tcheco, ao conquistar o primeiro e único ponto de sua equipe, ajoelhou-se no gramado, em ato de fervor divino, e persignou-se, agradecendo a Deus. Trata-se de um jogador de país comunista.

Por outro lado, em contrapartida a esse espetáculo inaudito, Rivelino, ao empatar a partida, deu um grito de vitória, erguendo os punhos cerrados, no melhor estilo stalinista.

Em matéria de religião, parece que o Senhor do Bonfim é mais “quente” do que o Menino Jesus de Praga, segundo estudos de José Maria Gottschalk.

Armando Nogueira, em sua coluna do *JB* de 27/5/70, conta que “um baiano ricaço de Itabuna, que veio ver o Brasil na Copa, arranhou a etiqueta do Hotel Camiño

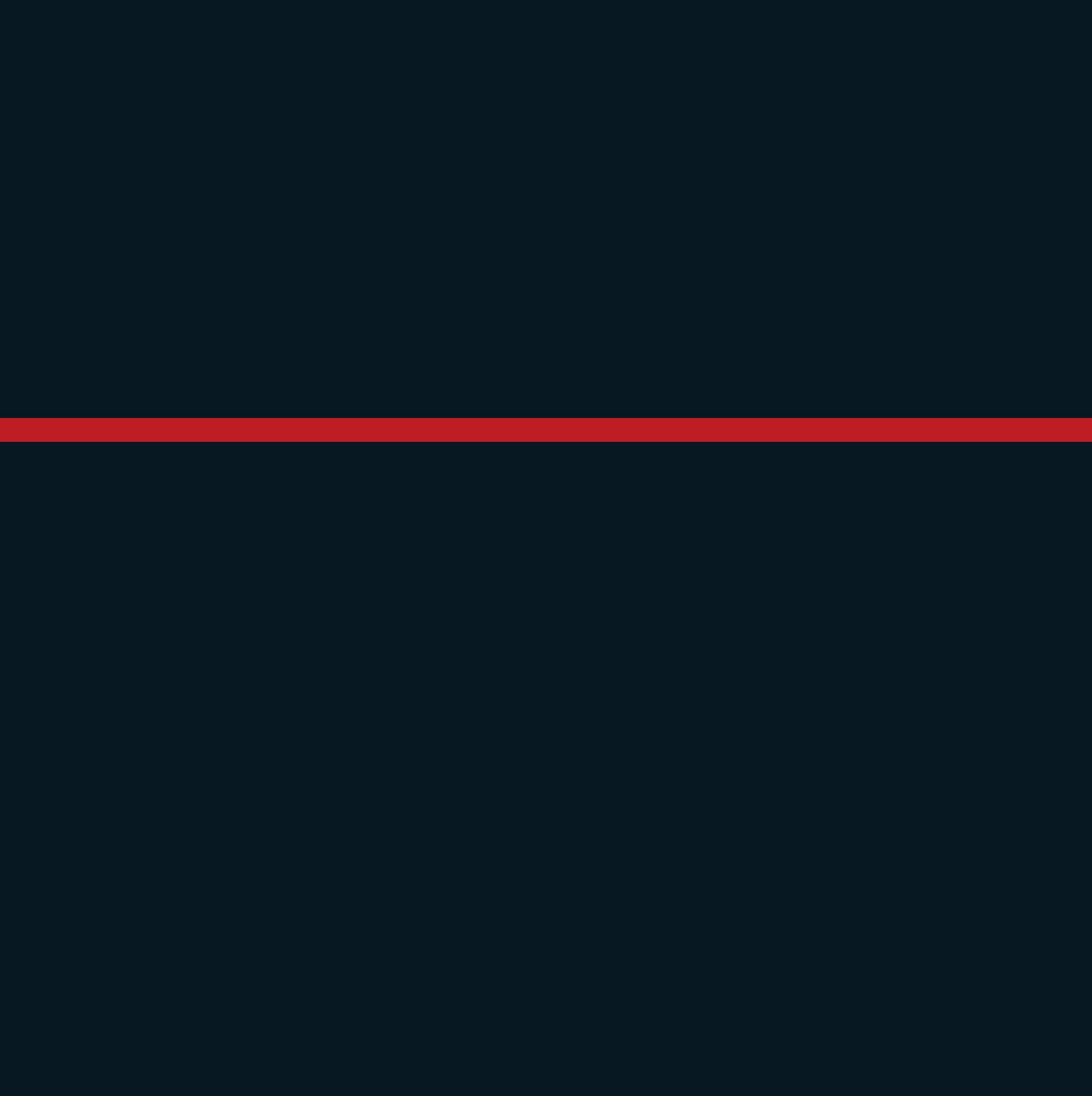
¹⁸ Brasil 4, Checoslováquia 1, gols de Jairzinho (2) e Pelé, além do citado Rivelino. Estádio Jalisco (Guadalajara, México), em 3 de junho de 1970.

México a Itabuna

Real: meteu-se em coloridos calções, desceu a planta *baja* e, em vez de mergulhar na piscina, mergulhou seus 120 quilos no lago artificial que fica à porta do hotel. Quando percebeu a gafe, era tarde: o hotel inteirinho já dobrava de rir”.

Nogueira não identifica o personagem. Contudo, logo que a notícia chegou aqui, começaram as especulações. Roberto Abijaude assevera, por “a mais b”, ter sido Riva Macedo, que, versátil como é, às vezes é confundido com Luigi Riva, da seleção italiana. Mas não é verdade, pois nosso Riva tem 134 quilos. Disseram também que foi Newton Maxwel,¹⁹ tirando onda de ricaço baiano. Na verdade, se foi Newton, ele fez para projetar Itabuna em dimensão internacional. Quem conhece ele sabe do seu patriotismo.

¹⁹ As figuras citadas pelo cronista eram muito populares em Itabuna, na época: José Maria Gottschalk (cronista esportivo), Roberto Abijaude (produtor rural), Rivadávia Macedo (empresário) e Newton Maxwel (fotógrafo).



O advogado

Documentos referentes ao
exercício da advocacia.

N.471

4 de fevereiro de 1966.

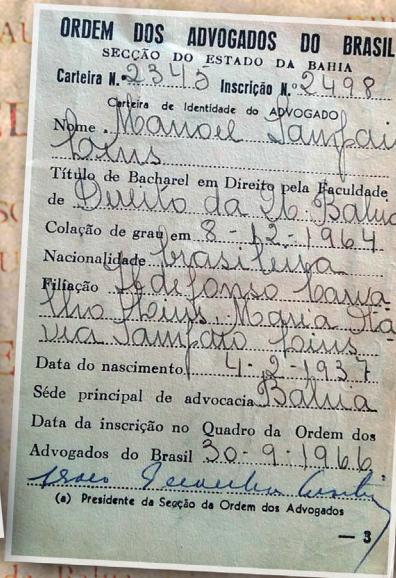
Senhor Diretor:

De ordem do Magnífico Reitor, cabe-me devolver a V. Excia., devidamente registrado nesta Reitoria, de acordo com a Portaria Ministerial nº 388 de 27/9/60, o diploma de Bacharel em Direito de MANOEL SAMPAIO LINS, diplomado por essa Faculdade. Apresento a V. Excia., os meus protestos de apre-

çõe.

Zitelmann de Oliva
Chefe de Gabinete

Exmo. Sr. Prof. Dr. Mário Barros
DD. Vice-Diretor da Faculdade de Direito
NESTA



Secretaria da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia,



CA DOS ESTADOS UNIDOS
UNIVERSIDADE DA BA

DADE DE

NO DA REPÚBLICA DOS ESTADO
TO PROFESSOR CATEDRÁTICO, DIRE

GRAU

EL

NSC

QU

E

D

IS

EM

M

D

DIDOS A



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
UNIVERSIDADE DA BAHIA

FACULDADE DE DIREITO

EM NOME DO GOVÉRNO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL:
EU, ADALÍCIO COELHO NOGUEIRA, DOUTOR EM DIREITO, PROFESSOR CATEDRÁTICO, DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE
DA BAHIA, TENDO PRESENTE O TÉRMO DA COLAÇÃO DE GRAU DE BACHAREL EM DIREITO, CONFERIDO NO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1964, AO SR.

MANOEL SAMPAIO LINS

NATURAL DO ESTADO DE ALAGOAS, FILHO DO SR. ILDEFONSO CARVALHO LINS E DE D. MARIA OTAVIA SAMPAIO LINS, NASCIDO EM 4 DE
FEVEREIRO DE 1937, E, USANDO DA AUTORIDADE QUE ME CONCEDEM AS LEIS EM VIGOR, MANDEI PASSAR-LHE O PRESENTE

DIPLOMA DE BACHAREL EM DIREITO

PARA QUE POSSA GOZAR DE TODOS OS DIREITOS E PRERROGATIVAS CONCEDIDOS A ÉSTE TÍTULO PELAS LEIS DA REPÚBLICA.

Secretaria da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia,

O DIRETOR DA FACULDADE

O BACHAREL



ASSINATURA DE RESPEITO

Diploma assinado pelo professor de Direito Romano, ex-promotor de Justiça, juiz em Itabuna, Ilhéus e Canavieiras, desembargador, presidente do TRE da Bahia, prefeito de Salvador e governador do Estado (na condição de chefe do Poder Judiciário), ministro do STF, poeta e prosador Adalício Nogueira.

EU, ADALÍCIO COELHO NOGUEIRA, DOUTOR EM DIREITO, PROFESSOR CATEDRÁTICO, DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DA BAHIA, TENDO PRESENTE O TÉRMO DA COLAÇÃO DE GRAU DE BACHAREL EM DIREITO

MANOEL SAMPAIO LINS



A jovem do sorriso azul

Ninguém sabe que mãos teceram
sua angústia e seus descaminhos,
ou armaram seu destino.

Escreveram que a jovem tinha o sorriso azul, e ela não se sabia lida pelo rapaz, na chuvosa tarde de setembro. Inquieta tarde. Em seu bojo, uma cigarra, perto, cantava, anunciando morte.

O rapaz, vítima da poesia, sorria, como quem encontra algo perdido e querido. Um mundo azul se desenhava, cobrindo o painel cinzento que era sua vida. Era tempo de azul. O céu, o mar, a terra e tudo que nela habita. Parecia que o azul adquiria substância de pureza. Decidiu não perder o minuto de beleza, correr para o sorriso azul, recolhê-lo para a memória. Dir-se-ia que estava louco. Viver com atenção, escolher os gestos, os caminhos, as palavras. Ver o sorriso azul e amá-lo. Sorriso visível, apenas, aos iniciados da poesia. O quarto, a cama, a moringa na janela, os livros guardaram a lembrança do instante da revelação. Prefiguração do encontro dos eleitos.

A busca. A policromia dos sorrisos formava um redemoinho; desfilavam, entre si, como uma fita cinematográfica, os sorrisos vários. Procurava a jovem do sorriso azul, sem se saber procurado. Rosa amargurada, sem presença na madrugada. Vencida rosa coberta de espanto e de sorriso-anil. Ninguém sabe que mãos teceram sua angústia e seus descaminhos, ou armaram seu destino.

A busca. Esteve nas praias, nos comícios, cemitérios, cinemas, montes e vales. De bar em bar, não chegou a nada. As mulheres desfilavam, fantasmas cobertos de mistérios. O buscador olhava, examinava os sorrisos de todas. Sorrisos diáfanos, minerais sorrisos de pedras, vegetais sorrisos de rosas e azaleias, iluminados de moças em flor.

A Jovem

em do sorriso azul

Quando o sol se escondia, inaugurando a noite, ele vestiu sua roupa dourada e partiu para o encontro a que não poderia faltar. Finalmente o encontro, depois de tantos crepúsculos. Ela sorria, translúcida. Ele, viajante de muitas luas, sorria. Os sapatos cansados de todos os caminhos. Na face cavada pelo tempo, a vala profunda do desencanto. Olhos nos olhos, percebeu que seus olhos azuis é que davam a cor ao sorriso da desejada. E jurou que, para conquistá-la, ao pai serviria sete anos e mais sete, como Jacó, pois muito amor havia.



Necessidade de escrever

Escreva mensagens de ternura
e esperança ao corações dos
homens cansados e vazios.

Necessida de escrever

Manoel Lins
O canto da eternidade

ade

ver

erna esperança

Há uma necessidade terrível de escrever. Diríamos até, necessidade orgânica. Então, amigo, se você não tem máquina, escreva a caneta ou a lápis, mas, sobretudo, escreva. Há uma série de perguntas esperando respostas, há uma multidão de acontecimentos a serem contados.

Todavia, amigo, tenha cuidado. Não escreva sobre marinheiros brincalhões ou solitários. Isto lhe fará recordar do menino que você foi, do menino que vestiu uma roupa de marinheiro e sonhou com um futuro feliz. Assim, você verificará que o sonho não se realizou, e sua infância se acabou, o que é muito triste.

Também não escreva sobre políticos. Você terá que usar demasiadamente palavras como desonestade, demagogia, irresponsabilidade e outras semelhantes, e isso é muito vergonhoso.

Escreva em prosa ou em verso. Escreva sobre assuntos alegres, tristes, sombrios. Escreva sobre o menino que chorava pedindo pão; escreva sobre um homem que andava dentro da noite, pela cidade indiferente, à procura de um sentido para sua vida; as mulheres sugerem poemas de amor e encantamento: escreva sobre mulheres, Marias ou Pancrácias, não importa; escreva alguma coisa séria, para que os outros riam; escreva mensagens de ternura e esperança ao coração dos homens cansados e vazios, e, talvez, você consiga salvar alguma alma desesperada.

Escreva, meu amigo, sobre qualquer coisa, mas, por favor, eu lhe imploro, não escreva sobre sua vida triste e banal.

ufa

Por que me fano do meu País

Nunca vi um brasileiro que não fosse sabido, valente, bacana e não deixasse as mulheres doidas por ele.

Que me perdoem a má intenção, mas este é um País fabuloso. Fabulosamente tragicômico. Tudo nele é grandioso. A miséria, o futebol, o carnaval, o humor, o analfabetismo; a doença, a beleza das mulheres, o tamanho, a democracia (tamanha democracia deixa o estrangeiro com água na boca), as possibilidades e as liberdades. É por isso que me ufano do meu país.²⁰ Nossos bosques têm mais flores, nossas vidas mais amores.

Amamos as mulheres, mas, em público, demonstramos nosso desamor. Já é uma instituição nacional falar mal das mulheres e do governo. As mulheres, ah... as mulheres. Coitadinhas. Chamem o Pedro nos momentos de tédio e aborrecimento, que ele tem o elixir da felicidade, do amor à vida. Nunca vi um brasileiro que não fosse sabido, valente, bacana e não deixasse as mulheres doidas por ele. Todas são gamadas por ele, e ele por nenhuma. Nunca vi um que tivesse apanhado. Todos os meus amigos são campeões em alguma coisa, dizia Fernando Pessoa.

Em São Paulo, o senador Auro Moura Andrade,²¹ comandante em chefe do mercado da carne verde (é verde ou

²⁰ Ironia com *Por que me ufano do meu País*, livro “patriótico” do conde de Afonso Celso (cofundador da Academia Brasileira de Letras), publicado em 1900.

²¹ Na noite de 1º para 2 de abril de 1964, com o presidente João Goulart em Porto Alegre, o senador Auro Moura Andrade, que presidia o Congresso Nacional, cunhou a frase calhorda que consolidou o golpe: “Declaro vaga a Presidência da República”. O deputado Tancredo Neves, habitualmente cortês, perdendo as estribeiras, gritava: “Canalha! Canalha!”

vermelha?) protesta contra o aumento do preço da dita cuja. Isto é que é democracia. Aqui, o destemido Lucílio Bastos²² manda brasa no aumento do preço da carne, na emissora do deputado Paulo Nunes – um manso, como diz zé povo, um que tem pouco gado...

Pagamos mais caro o preço da carne nossa de todo dia, mas dormimos satisfeitos com estes belos gestos de democracia. Ademais, já afirmam as escrituras, nem só de pão vive o homem. A medida, por sua vez, afeta pouca gente, pois estatísticas recentes demonstraram que poucos brasileiros comem carne. Daí...

Este é um país fabuloso, repetimos, desde meninos, ser o país do futuro, essencialmente agrícola, de samba gostoso e mulatas dengosas. Bilac tinha razão: criança, nunca verás um país como este. Pode ser que tenha um dos mais altos índices de mortalidade infantil do mundo, mas tem um céu tão lindo... E o céu é também morada de crianças. Perdoem a minha má intenção, pois de boas intenções está cheio o inferno. Tudo é grande em meu País. Maior do que ele só meu amor por você, menina.

²² Radialista nascido em Feira de Santana. Lá, teve problemas com a ditadura militar, mudando-se para Itabuna – onde se tornou o mais famoso comunicador de sua geração. Morreu de infarto, em fevereiro de 2014.



Meu jornal

Mulher feia não aparecerá no jornal,
a não ser que passe sobre o meu
cadáver. Feio por feio, vote em mim.

Se algum dia conseguir financiamento, vou fundar meu próprio jornal. Com ele descobrirei a pólvora e ensinarei padre-nosso a vigário. Contudo, não choverei no molhado, para não fazer concorrência à chuva. Vou desmascarar essa história de chover no molhado. O indivíduo passa o dia todo enfrentando o sol, batendo sua picareta, e vem o compadre aconselhá-lo a mudar de profissão, porque ele está chovendo no molhado...

Não ficarei só nisso. A cor do cavalo branco de Napoleão e se foi a galinha ou o ovo quem nasceu primeiro serão temas de primeira página. Vou demonstrar que voar uma andorinha só faz, verão. E eu voarei com meu jornal por todos os lares desta cidade e das circunvizinhanças mais vizinhas. Lerão os alfabetizados mais analfabetos, isto é, todos lerão meu formidável jornal. Distribuirei óculos especiais para os leitores lerem nas entrelinhas tão faladas, mas nunca dantes navegadas.

Uma das melhores seções do jornal será a secretaria, ou, melhor acentuando o assunto, a secretária. Não será qualquer sirigaita, farei testes com milhares de candidatas de vários países do mundo, incluindo Sergipe. Eu mesmo tirarei as medidas, centímetro por centímetro, o peso, a cor dos olhos, o jeito de andar. Um bom dono de jornal deve conhecer bem seus funcionários.

Mulher feia não aparecerá no jornal, a não ser que passe sobre o meu cadáver. Feio por feio, vote em mim.

O jornal terá uma página em Inglês, pois, como vocês observam, a colônia americana aumenta na cidade. Esterilização só pra brasileira: lá eles continuam seguindo o 13º mandamento: “Crescei e multiplicai”.

jornal

Não haverá podridão parda no meu jornal, apesar dos esforços da Ceplac. Por outro lado, o Dr. Carrilho²³ será substituído na primeira página por monumentais louras dolicocéfalas, importadas da Alemanha.

As notícias políticas ficarão do lado esquerdo do jornal às segundas, quartas e sextas-feiras; e ao lado direito, às terças, quintas e sábados, pois não tenho preconceitos políticos. No sétimo dia, como Senhor do jornal, descansarei, que ninguém é de ferro.

A página esportiva será a mais democrática possível. Todos os clubes serão divulgados com o mesmo destaque e a mesma igualdade. Assim, anunciarrei em manchete, com letras garrafais, tanto as vitórias do Flamengo quanto as derrotas do Janízaros e do Fluminense. A minoria inconformada denunciarrei como subversiva.

Serei o melhor repórter do jornal. Enxergarei dois palmos adiante do nariz e descobrirei antes da polícia que quem morreu é que é a vítima. Também não quero linotipista, essa interessante figura que ganha para ler em primeiro lugar as notícias que os assinantes pagam para ler depois.

²³ Engenheiro Jorge Ribeiro Carrilho, de ampla folha de serviços prestados a Itabuna. Dirigiu, dentre outras entidades, a Associação Comercial e a Sulba.

erna esperança

7

188



Balões

Parece que o progresso vai retirando,
uma a uma, as nossas alegrias.
O homem perdeu a capacidade
de ligar o cérebro ao coração.

Saboreio uma bala Elieme (Marcel,²⁴ aguarde a conta) e vou, filósofo desocupado, observando as coisas perdidas. Dá vontade de escrever um tratado, à la Proust, em busca das coisas perdidas. Burguesamente refestelado numa poltrona, leio os jornais neste chuvoso tempo junino.

A notícia vem berrante, insólita, agressiva, na página policial, tão mal paginada. Será preso quem soltar balão. Não é rima nem solução. Se fosse soltar rodinha ou busca-pé (o busca-pé entrou nesta história só pra disfarçar) ainda vá lá. Mas balão, essa não, seu delegado.

A campanha contra os balões, coitadinhos, é recente. Surgiu assim, sem muita vontade e coação. “É proibido soltar balão”. E ninguém ligava. Arranjaram até empresas publicitárias para a batalha. Balão no céu, perigo na terra. Nada disso adiantava. A turma continuava intimorata e in temerata (isto eu li, há muito tempo, num discurso de Rui, quem quiser o significado vá ao *Aurélio*, pois chega de explicações, falo de balões).

Como ia dizendo, a polícia resolveu engrossar. Primeiro, era proibido soltar somente nas capitais (soltar balões, claro). Depois, ampliaram a proibição para o interior.

Quando eu era menino, não havia tal proibição. Ao contrário, até a polícia soltava. A gente tomava puxavante de orelha, para não derrubar balões, com nossos ilusórios espelhos.

²⁴ Referência ao empresário Marcel Midlej.



Os céus se enchiam de balões de todas as cores possíveis e impossíveis, para alegria nossa e de todos os anjos que lá em cima habitam.

Hoje, tudo é proibido. São as mesmas fazendas de outrora, apenas ficaram incendiáveis. Parece que o progresso vai retirando, uma a uma, as nossas alegrias. O homem perdeu a capacidade de ligar o cérebro ao coração. Será que o progresso da humanidade vai nos custar todas as nossas pequenas alegrias, todas as coisas simples, que são as boas coisas da vida?

Lá se vão os piões, as arraias, os balões, as bolas de gude. Só nos resta o iê-iê-iê, nem ao menos o ioiô. Breve proibirão o busca-pé, a rodinha (no que estão certos), as inofensivas chuvinhas e, talvez, quem sabe, nosso inviolável, pessoal e intransferível direito de sonhar.

Chupo outra bala e vejo dezenas de balões subindo, desafiando as proibições do homem, e aí percebo que sou um velho reacionário, pois é o que diz a revista ilustrada paulista: quem tem medo de dentista está com cem anos de atraso.

Eu gostaria de explicar ao redator da *Realidade*,²⁵ que meu caso não é de medo, mas é que eu sou um homem de grande sensibilidade. Tenho dito.

²⁵ Revista da Editora Abril, criada em 1966. Notável, revolucionária, nos primeiros dois anos de circulação: matérias rigorosamente apuradas, histórias bem contadas, claras, objetivas, com texto literário. A Censura (o famigerado AI-5 saiu em 1968) e dissidências internas levaram o periódico a encerrar as atividades em 1976.



O menino engraxate

Dizem outras coisas mais a respeito
de calçados, inclusive que seus
preços estão pela hora da morte.

O m
e

Desço do hotel, em Nanuque, e sou assaltado por uma multidão de meninos que querem engraxar meus sapatos. Não sou lá muito de engraxar sapatos. Reputo tarefa supérflua, embora todos achem que conserva mais o calçado e dá ao sujeito melhor aparência e prestígio com as mulheres.

Dizem até que o sapato indica a personalidade do indivíduo. Dizem outras coisas mais a respeito de calçados, inclusive que seus preços estão pela hora da morte. Voltamos ao hotel mineiro.

Desço e, após o assédio da criançada, cedo, ante a insistência de um garoto. É a tal história de não ter o que fazer. Interrogo, timidamente, o menino, que se chama Juscelino de Jesus. Recebo uma resposta agressiva, tipo “que lhe interessa?” ou “pra que o senhor quer saber?”

Aos poucos, vou ganhando sua simpatia. Talvez ele me julgue um rico fazendeiro de cacau, embora não tenha cara disso (tenho cara de quê, espelho meu?). E talvez seja gentil, por uma gorjeta maior. É o que dá esse mundo velho: a gente fica desconfiando até das crianças.

Juscelino de Jesus tem onze anos, mãe lava-deira, o pai viajou há muito tempo, quando ele era desse tamanho, assim, ó... Seu engraxamento serve para ajudar no orçamento familiar. Conseguiu passar no exame de admissão, depende, apenas, do consentimento do juiz de menores para cursar o primeiro ano ginasial, no turno da noite. Se Sua Excelência não der, abandonará os estudos, pois a família depende muito do seu trabalhinho. Fará tudo para estudar, melhorar de vida, formar-se, talvez, quem sabe, chegar

menino-engraxate

à Presidência da República, como seu homônimo. E aí, eu pensei, entre maldoso e gaiato: para que tanto esforço, se o fim é cassação?

Em Governador Valadares, os meninos também me atacaram para limpar meus cansados sapatos. Lembrei-me de que, em Itabuna, os meninos-engraxates marcam sua presença na paisagem da cidade.

São os mesmos meninos, em Nanuque, em Valadares, em Itabuna, em Roma, em Nova Déli, a mesma idade, a mesma família pobre, o mesmo desejo de romper o círculo de miséria que joga, inexoravelmente, sua irmã “na vida” e sua mãe no desespero e que, talvez, quem sabe, vivemos de incertezas, permita que ele seja alguém no futuro.

Em frente, o rio Mucuri, como todos os rios do mundo. Passa carregando em suas águas barrentas as mágoas dos homens pobres deste rico país, caminhando para o mar da esperança numa vida melhor. Subo para meu quarto e sinto que estou mais velho, o corpo cansado. Estou só e tenho a alma triste.



Às jovens do PontaZinho

Há sinais de que a tempestade
cesse, porque a aurora logo rebenta
e, breve, mergulharemos na clara
manhã de verão.

Longo e duro foi o inverno, amigas. As crianças tiraram de frio e o vazio encheu o coração. O inverno deu adeus no começo da madrugada, quando a primavera se anunciava. A atmosfera esteve pesada e o povo abafado, voz e corpo. Mas há sinais de que a tempestade cesse, porque a aurora logo rebenta e, breve, mergulharemos na clara manhã de verão.

Um novo sopro de vida envolve todos. Eis que é tempo de flores, tempo de vocês, que são flores também. Flores feitas de simpatia e jovialidade, alegrando a cidade na manhã batida de sol. Então, cantaremos nessa primavera, pois, como o poeta, é preciso cantar mais que nunca, amigos. “E a tristeza que a gente tem, qualquer dia vai se acabar”.²⁶

E todos vão sorrir, porque na mesa do pobre não faltará pão, e a solidão fugirá dos olhos dos tristes. É preciso, pois, cantar, com a certeza dos que sabem o amanhã. Um canto de amor e de paz. Juntos, desde a garota de Ipanema ao camponês da China, da Turma do Pontalzinho aos beatiniks nova-iorquinos, todos cantaremos uma canção melhor. Canção de esperança no triunfo do homem contra a dor. Canto de luta pela construção da felicidade humana. Cantaremos uma canção para os que ouvem sem preconceitos, nesta primavera, preparação do futuro.

²⁶ O cronista cita *Marcha da quarta-feira de cinzas*, de Carlos Lyra e Vítorino de Moraes/1963. A canção faz uma espécie de “protesto premonitório”: mesmo antes do golpe, descreve a tristeza que tomaria as ruas do Brasil a partir de 1964. Coisa de poetas.

Às jovens do Pontalzinho

Após os temidos tempos de inverno, tempos de violência, amanheçemos primavera. E os muros madrugeram enobrecidos com as palavras do futuro: Pão, Paz e Rosas. Cuidemos que elas não fiquem apenas escritas nos muros, mas se tornem esplêndida realidade.



Coisas de bar

No meio do barulho
esfumaçante, o poeta se levanta e
brada por um minuto de silêncio
pelos sonhos que morreram.

Histórias de bar dariam para encher grossos volumes. Coisas vividas na madrugada, quando o dia é apenas uma esperança. Segundo velha canção, bar é um estranho sindicato dos sócios da mesma dor.²⁷

E parece que o número diversificado de bebidas corresponde ao número de dores individuais. Poetas, escritores de fancaria, salvadores da pátria, filósofos do nada, políticos em disponibilidade, boêmios de todos os matizes e procedências formam a extensa fauna que habita os bares salpicados na noite.

Há os que só bebem de dia e os que só bebem de noite. Estes é que são os verdadeiros senhores da noite. Surgem quando ela ainda é menina, penetram em seus mais recônditos lugares e dominam os mistérios na sua maturidade, juntando-se às notí vagas mulheres que lhe darão um instante de amor e um remorso no dia seguinte.

Existem também os especialistas de bar. Aquele só bebe cachaça da ruim, a famosa “rinchona”, aquela que matou o guarda. E disso se vangloria, que o diga o Caboclo Alencar, que conhece o alfabeto das virtudes etílicas. Há os sabatistas, só bebem aos sábados. A bebida mais acariciada é a cerveja, chamam-na loura suada, como se fosse irrequieta e sôfrega mulher.

No meio do barulho esfumaçante, o poeta se levanta e brada por um minuto de silêncio pelos sonhos que morreram. A noite vai ganhando dimensões de velhice, e chega a hora, como quer o poeta, em que todos os bares se

²⁷ Versos de *Bar da noite*, de Haroldo Barbosa e Bidu Reis/1953.

Coisas de bar

fecham e todas as virtudes se negam. É a hora em que o boêmio retardatário se confunde com a devota que vai purificar a alma.

O bebedor de cerveja merece um estudo à parte, quer da sociologia, quer da psicologia social. O assunto fica na sugestão, para os entendidos. Eu apenasuento fatos, pequenas coisas de bar, na madrugada longe. Como daquele indivíduo que entrou no bar, bateu forte na mesa e exigiu:

– Quero cerveja Brahma, gelada, casco escuro.

Respondeu o garçom, entre indiferente e mal humorado, que tinha casco verde, antártica e quente.

– Desce duas! – ordena o viciado em cerveja, sem pestanejar.

Há o barzinho da esquina. Há os exóticos, que bebem leite, diante da farra monumental, algum hyppie desgarrado. Há os alcóolatras anônimos, que ninguém vê beber, mas aparecem bêbados.

Tudo isso são conversas que a noite ouve, na falta de assunto melhor. Longe, uma estranha mulher canta uma nostálgica canção de amor.



Nosso medo

Vivemos sob o signo do medo,
não há dúvidas. Uns têm medo
da liberdade, eu temo os que
têm medo da liberdade.

Vivemos sob o signo do medo, não há dúvidas. Uns têm medo da liberdade, eu temo os que têm medo da liberdade. Alguns temem as mulheres, outros temem os homens. Há quem tenha medo de rato, barata, andar de avião, medo de perder o que tem, comer ovos com banana. Eu, entre tantos receios, tenho verdadeiro pavor ante a possibilidade de ser enterrado vivo, ou ser preso por um crime que não cometí.

São situações angustiantes, que nos amortecem a alma, só com a possibilidade de sua existência. Pedro Nava,²⁸ em poema, já falou do enterrado vivo, se não me engano. Franz Kafka, no seu monumental livro *O processo*, que os leitores já devem ter visto transplantado para o cinema por Orson Wells, cuida da situação do homem envolto em processo por crime que jamais imaginou existir, quanto mais cometer.

No Brasil, é por demais conhecido o caso dos irmãos Naves, de Minas Gerais, que, após o cumprimento de pena de 26 anos de reclusão, foram soltos, com o aparecimento da suposta vítima.²⁹ Seu longo sofrimento foi

Nossos

²⁸ O poema referido é *O defunto* (“Quando morto estiver meu corpo/ evitem os inúteis disfarces...”). Pedro Nava (1903-1984) é mineiro de Juiz de Fora.

²⁹ Trata-se de um “clássico” erro judicial, ocorrido na ditadura getulista: os irmãos Naves (Sebastião e Joaquim) foram presos e submetidos a vários tipos de tortura (tiveram também a mãe, dona Ana, estuprada pelos policiais), até confessar um assassinato que não cometeram. Sobre o assunto, Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet fizeram o filme *O caso dos irmãos Naves*, em 1967.

medo

erna esperança

recompensado (?) por um caminhão que lhe deu o Estado.

Tudo isso bem a propósito de uma notícia que os jornais da semana nos lançam na cara, como uma adaga cortando nossa burguesa tranquilidade. A notícia é por demais chocante para que se alargue em maiores comentários. Vou transcrevê-la como os jornais a publicaram:

“São Paulo – Condenado por um crime que não cometeu, o biscoateiro Aldo Francisco Santana deixou ontem a Penitenciária do Carandiru, nesta capital, onde cumpriu cinco dos 19 anos de reclusão a que fora condenado na cidade de Batatais, acusado de matar o vigia de um instituto de menores, para roubar o abastecimento.

O biscoateiro confessou a autoria do crime, por não resistir às torturas, nas quais a polícia usou até cães pastores. Em 1968, os verdadeiros criminosos foram denunciados pela mulher de um deles. A liberdade de Aldo, entretanto, somente agora foi concedida pelo Tribunal de Justiça do Estado. Num pedido de revisão criminal julgado procedente. Seus advogados já iniciaram uma ação contra o Estado, por perdas e danos morais”.

É triste e angustiante uma notícia destas. E é bom que ela tenha publicidade, para a reflexão daqueles que pregam a violência, que admitem a tortura para obter a confissão do preso, que são a favor da pena de morte. É triste também ver que a Justiça, tão pressurosa em condená-lo, levou dois anos para conceder-lhe a liberdade.

Que Deus nos livre de tal situação.

7

2013

Co

Sdinome: Macuco

Manoel viveu a maior parte de sua
vida em Buerarema, onde deixou
muitos amigos e admiradores.

Codinhos

Manoel Lins era ligado a Buerarema quase umbilicalmente. Para lá sua família o levou, ainda na primeira infância. Fez os estudos primários numa escola que entraria para a história da cidade, o Ateneu Sul Baiano, do pastor (batista) José de Freitas Ramos – o mesmo que, com o médico Elias Couto Almeida, fundaria o Ginásio Henrique Alves, em 1954.

Certamente pela falta do Henrique Alves, o menino Manoel seguiu o caminho comum aos filhos da classe média da época: foi fazer Admissão em Salvador, em 1949, e, em seguida, cumprir o curso ginásial (o Henrique Alves, já se sabe, só seria fundado sete anos depois).

Sempre que estava de férias, ele voltava a Buerarema, ao seio da família de lojistas, quando ajudava no atendimento aos clientes do já mencionado Empório do Sul. Era o tempo dos “babas”, das renhidas disputas entre o Brasil Esporte Clube e a Associação Estudantil de Buerarema (da qual ele vestia a camisa 10),

Macuco

o papo com os amigos, dançar de rosto colado no Líder Social, o magistério no Ginásio Henrique Alves (GHA), seresta para as meninas na janela, quando a lua era de prata, a longa cerveja noite adentro no Pingo de Ouro e outros bares.

Nunca desatento à questão política com que todos temos compromisso – certo filósofo de Estágira/Grécia já dizia, há mais de três séculos a. C, que o homem é um animal político – Lins criou em Buerarema, na companhia do hoje sociólogo Solon Fontes, com a ajuda modesta de Antônio Lopes, o jornal *Mensagem* (antes, na UFBA, dirigira o *Unidade*).

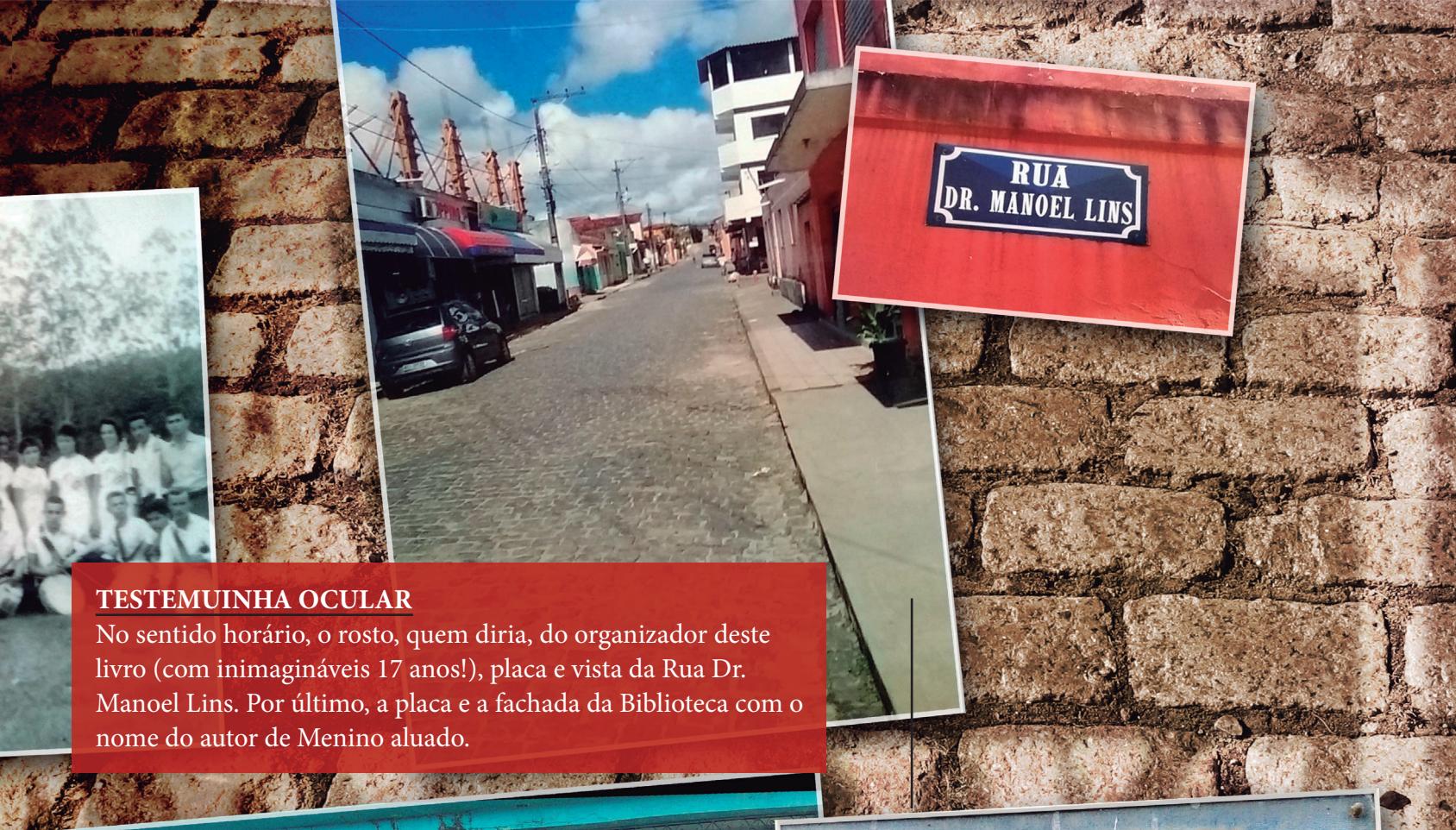
Em outra época, já trabalhando em Itabuna (como advogado e funcionário do DNER), ele continuou em Buerarema, como professor de francês no GHA e com os muitos amigos. Quando decidiu, sabe-se lá o motivo, criar um codinome para assinar suas crônicas, escolheu Pedro Macuco: mais uma evidência de que Manoel Lins, nunca saiu de Buerarema – e, pelas fotos a seguir, Buerarema nunca saiu dele.



CAMISA 10

O futebol era uma das paixões de ML, que o praticou, principalmente, na Associação Estudantil de Buerarema.





TESTEMUNHA OCULAR

No sentido horário, o rosto, quem diria, do organizador deste livro (com inimagináveis 17 anos!), placa e vista da Rua Dr. Manoel Lins. Por último, a placa e a fachada da Biblioteca com o nome do autor de Menino aluado.



θ⁻

dom de escrever

Não posso mais chamar de
amor o que sinto por ela. É
assim uma espécie de ternura...

Hoje, quase todo mundo escreve. Desde cartas familiares a tratados de física nuclear, passando por bilhetes, romances, poemas épicos, compêndios de metafísica, arte de fazer amigos e chatear pessoas, modelo de carta amorosa e outras muitas maneiras de dizer alguma coisa ou não dizer nada.

Basta saber escrever. Os jornais estão cheios de crônicas sociais, artigos políticos, comentários esportivos. Diz certo historiador que no Brasil Imperial era suficiente o sujeito aprender a ler e a escrever, para fundar um jornal.

O leitor menos avisado pensa, talvez, que é muito fácil escrever. Engano. Escrever é difícil. Escrever bem, queremos dizer. Escrever bem, no caso, significa aquela perfeita identidade entre o que se sente e o que se transmite. Há indivíduos que possuem estilo admirável, outros escrevem liricamente, encantando corações femininos, outros, ainda voam como condores, arrebatando o público. Mas, em muitos deles não coincidem sentimentos e palavras.

Eu também escrevo, como óbvio. Cometo minhas crônicas despretensiosas, às vezes ferindo profundamente a gramática.

Tudo isso escrevo hoje, para mostrar a impossibilidade de fazer a crônica que imaginei ao colocar o papel na máquina, pensando em dirigir minha pobre escrita a alguém que já mereceu minha afeição. Mas queria que minhas palavras chegassem sem equívocos a essa pessoa, exprimindo com exatidão meus sentimentos. Não posso mais chamar de amor

O canto da eternidade

O m de escrever

o que sinto por ela. É assim uma espécie de ternura, um desejo imenso de vê-la feliz. Uma grande vontade de acariciar seus cabelos, contemplando sua face triste. Ah, sua tristeza é o meu tormento.

Mas não sei explicar, não sei, não posso, não devo. Perdi-me no labirinto das palavras. Gostaria apenas que, se acaso ela lesse esta crônica, sorrisse, um daqueles sorrisos de que eu tanto gostava. Seria o bastante para me deixar contente.

]

Discurso à moça rica que dorme

Vinde e eu vos traduzirei a
mensagem das flores, dos
pássaros, do vento, das águas,
das coisas simples.

D
i
s
c
ri

Moça bonita, que dormis o sono burguês e respeitável, vinde comigo e vos mostrarei coisas que ainda não vistes.

Vinde comigo e vereis o sol nascendo e, com ele, os homens simples dos campos, que partem com enxadas às costas para o trabalho cotidiano e honesto.

Vinde comigo e ouvireis canções de boêmios na madrugada, apitos de trem, ais de amor de casais apaixonados.

Vinde comigo e vereis o sol se pondo, as estrelas, a lua surgindo. Vinde e eu vos traduzirei a mensagem das flores, dos pássaros, do vento, das águas, das coisas simples, mas desconhecidas por vós.

Vinde comigo e vos mostrarei mais coisas, te direi outras coisas que sei, com palavras ternas e reivindicatórias, e as coisas que conheceis terão outro sentido.

Moça bonita de *cadillac*, que dormis o sono tranquilo dos que sabem o amanhã, vinde comigo e também vereis outras moças, moças como vós, mas que andam de bonde e a pé, que não vão a bailes elegantes, não saem em colunas sociais, moças de vossa idade, mas já velhas, cansadas, doentes, desnutridas e, muitas delas, analfabetas, que não possuem o vosso sorriso de menina rica, mas um outro riso, amargo e triste, moças que neste instante dormem o sono sem sonhos em camas duras.

Vinde comigo e vos mostrarei as mesas dos pobres, e vereis açucareiros sem açúcar, pão sem manteiga, café sem leite, pratos vazios.

escursão à moça da que dorme

Vinde comigo e vereis tantas coisas tristes que chorareis, e o vosso pranto será percebido por outras moças ricas, que acordarão e virão chorar convosco, e das lágrimas vossas eu farei um elixir que acabará a miséria, o desespero, a fome, a doença – e todos os cegos verão, todos os surdos ouvirão, todos os aleijados andarão e todos os mudos falarão, para abençoar vossas milagrosas lágrimas; cantareis e brincareis com outras moças, que agora sorriem, e os homens duros e graves, vendo o vosso gesto, chorarão também; então, os pássaros farão a sinfonia da fraternidade eterna, os vossos pecados seculares serão redimidos e o amor reinará para sempre.

Desperta, moça bonita, que a aurora vem surgindo.



Sonhos, telefone e fada

Alô, é de minha cidadezinha de
Buerarema? Então ligue pro Ateneu
Sul Baiano, do Pastor Freitas.

Sonhos

Neste mundo prático, todo mundo faz alguma coisa. Eu, que nada tenho pra fazer, sonho. Ultimamente, tenho tido uma multidão de sonhos, ou, falando linguagem mais moderna, posso dizer que há uma inflação de sonhos na vida modesta deste despretensioso cronista.

São sonhos de todos os tipos. Amargos, desesperadores, alegres, confusos quase sempre, sonhos que nem Freud explica.

Há poucos dias tive um belo sonho, em que havia uma formosa fada. Não sei porque todas as fadas são formosas, talvez seja lembrança da infância. Mas deixemos a infância e falemos da fada. Esta entregou-me um telefone e explicou que o mesmo falava para qualquer lugar e para qualquer época, no passado ou no presente. Só não falava com o incerto futuro. Bendita fada! Bendito Graham Bell!

Alô, alô, é de São Paulo? São Paulo da garoa, do Viaduto do Chá, onde um dia eu encontrei Pola? É? Então me ligue para aquele barzinho do Braz, onde certa vez um rapaz bebeu um chope, sentado naquela mesa do canto, alheio aos problemas do mundo e esperando a mulher que não veio.

Alô, é isso mesmo. Quero falar com Maceió, com a Rua do Comércio, praia do Sobral, Pajuçara, Colégio Batista, lagoas serenas, Gogó da Ema... Alô, o que? O Gogó da Ema morreu?³⁰ Está bem, o que vamos fazer nós, pobres mortais?

³⁰ Coqueiro muito alto, torto, quase em “S”, na praia de Ponta Verde, Maceió. Morreu em 1955, vitimado pela idade, e com a ajuda do homem e do mar.

os, telefone e fada

Alô, então me ligue para os coqueirais da Ponta da Terra e avise a Marisa que estou vivo. Depois ligue para meu antigo colégio, que eu quero pedir perdão ao professor de francês, sobre o caso daquela bomba...

Alô, é de minha cidadezinha de Buerarema? Então ligue pro Ateneu Sul Baiano, do Pastor Freitas. Eu quero avisar à turma que depois da aula vai haver banho no rio, no Poço do Meio, e que antes vai ter pelada no Campinho. Alô, é do Ateneu? Digam ao diretor que não vou hoje, estou doente.

Alô, cidade da minha infância, onde estão meus companheiros? Minhas bolas de gude, meu pião, minha arraia vermelha? Alô, tenha um pouco de paciência, ligue para o cemitério e chame seu Correia... Alô, seu Correia... Olhe, vá até as sepulturas dos meus amigos de infância e diga-lhes que não vale se esconder em covas. Quem já viu brincar de se esconder em cemitério? Alô, estão todos mortos? Pobres crianças indefesas, num mundo tão perigoso...

Alô, alô! Chame, por favor, minha infância, preciso falar com minha infância. Já passou? Alô, responda, responda, por favor, quem souber, cadê minha infância? Ah, entendi... Ela já morreu, definitivamente.

Maldito Graham Bell, maldita fada formosa.



Os construtores da aurora

Quando te disserem que não
adianta tua luta, pois que é longa
e tormentosa a noite, esclareça
que a Aurora se constrói com a
vontade de madrugar.

Para Hélio³¹

Quando a noite cair sobre tua solidão, não desespere. Lembra que o antigo já dizia que a toda noite vence o dia; quando faltar o pão na tua mesa, não lamente, antes erga os olhos para certo amanhã; quando te disserem que não adianta tua luta, pois que é longa e tormentosa a noite, esclarece que a Aurora se constrói com a vontade de madrugar; se te maltratam e te perseguem, perdoa, que não é do homem, em sua natureza, oprimir o irmão; ele é simples instrumento de um mundo caduco, que se despedeça; se te mal pagam o duro trabalho, cujo resultado foge do criador, compreenda que o trabalho é que modela o homem – essência que perdura, que cria e recria, constrói e transforma – e, por isso, urge que o trabalho volte ao criador; se plantas e divides, não divididas, mas plante, plante a áspera semente no tempo noturno, soturno e áspero tempo, porque passarão muitas luas, mas a colheita não há de tardar; ensina teu filho a falar claro e exato – a palavra conforme o pensamento; se o fuzil aponta para teus olhos, não temas, pois é do homem o dedo no gatilho, convença-o de que é seu irmão – irmão não mata irmão, sangue do mesmo coração; persiste na convicção de que é o homem quem constrói a fábrica, a máquina, a casa, o fuzil, o pão, a roupa, o trem, a vida, a moral, a política, o mundo, e tudo isto, em resposta, constrói o

³¹ É impossível saber se o cronista se refere a Hélio Pitanga ou Hélio Nunes, ambos seus amigos e militantes políticos.

instrutores da aurora

homem; se o mendigo, o ébrio e a prostituta te aborrecem a visão, não desvie o olhar, mas busca e crê num mundo novo, sem mendigo, sem ébrio e sem prostituta; canta e dança, como Zorba,³² na noite de grande tristeza, para espantar os malefícios das bruxas que devoram teus sonhos de criança; ama sóbrio, nobre e digno tua mulher, teu companheiro e teu irmão, pois só os de coração limpo e alma pura construirão e herdarão a Aurora.

³² *Zorba, o grego*, filme de Michael Cacoyannis (grande sucesso de público), com Anthony Quinn e Irène Papas/1964.



Soluções

A solução de todos os problemas,
de terra, mar e ar, civis e
militares, presentes, passados
e futuros, está ao alcance de
qualquer um, a preço módico.

O

industrial preocupa-se com a retração do crédito; o comerciante, com a duplicata vencida; o estudante, com as lições; o agiota, com o atraso do seu cliente; este, com os juros exorbitantes; o filho, com o pai, este, com a mãe e esta com o pai.

Você, amigo leitor, talvez esteja preocupado com a mulher bonita que lhe nega o amor. Todos temos nossos problemas. Até os que não têm. Têm o problema de não ter problemas.

Cada um procura sua solução. Uns apelam a Deus, outros chamam o Diabo. No entanto, a solução de todos os problemas, de terra, mar e ar, civis e militares, presentes, passados e futuros, está ao alcance de qualquer um, a preço módico.

Passo na rua, perdido na multidão de meus problemas, e um garotinho me entrega a chave de todos os problemas. Eureka. Um papelzinho onde se oferece, a preço de liquidação, a solução de nossas dificuldades.

“Lede, que vos interessa, e passai a outro”. Leio, na minha santa credulidade, e passo a notícia aos leitores. Sou fã incondicional da propaganda, esta maravilhosa invenção do século. A bula do remédio cura mais do que o próprio. Então, em verdade vos digo, acredito em videntes. Nas madames e professoras da ciência oriental. Nas cartas, bola de cristal, ou lendo as nossas desamparadas mãos, as cartomantes, as videntes e as quiromantes vão desvendando o sombrio passado, o bonançoso futuro e o aflito presente do crédulo cidadão.

Ademais, quando tudo está tão caro, faz um bem danado a gente pagar dois cruzeirinhos apenas, para

Soluções

saber de um amor contrariado, um desastre que já aconteceu e uma fortuna que nos espera daqui a alguns anos.

Aprecio o trabalho dessas pessoas honestas. Além de cobrar barato, elas reservam para o cliente toda a fortuna do mundo. Nunca soube de uma vidente que tivesse tirado a sorte grande na loteria, elas que sabem o presente, o passado e o futuro. Isto, porém, não as desmerece, ao contrário, afirma a sinceridade do seu trabalho. Se quisessem, estariam ricas, mas guardam a sorte para você, incrédulo leitor.

Deseja saber de sua vida? Do seu futuro? É infeliz com sua família? Nos negócios? Alguma preocupação? Seu time não ganha uma? O casamento está difícil? Procure Madame X e ela terá a solução do seu problema. Se, por acaso, ela errar, não se aborreça com ela, o culpado foi você, que não teve fé.

“”
T
C

“Comando estado”

Em Itabuna, o advogado Manoel
casa-se com a professora Ivone.

República Federativa do Brasil

Estado da Bahia

Comarca de Itabuna

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO DO REGISTRO DE CASAMENTOS
TABUNA-BAHIA

CERTIFICO DO 1.º OFÍCIO DO REGISTRO DE CASAMENTOS

CASAMENTO N.º 6.270

Eu, GERSON SOUSA, Oficial do Registro de Casamentos do 1.º Ofício da Cidade de Itabuna, Estado da Bahia, na forma da lei, etc.

CERTIFICO que às fls. 216v do livro n.º B-27 de registro de casamentos, consta o termo do matrimônio de MANOEL SAMPAIO LINS e de IVONE SANTOS CAVALCANTE, que passou a assinar-se IVONE CAVALCANTE LINS, realizado no dia cinco (05) de outubro de mil novecentos e sessenta e sete (1967), pelo regime de COMUNHO DE BENS e contraído perante o Exmo. Sr. Dr. IGNACIO A. MOURA, Juiz de Direito da Vara de Casamentos desta Comarca e as testemunhas Ernandi Sampaio Lins, D. Chrisdete Monteiro de Almeida Lins, Ariosto Espírito Santo Kruschewsky e Maria das Graças Kruschewsky Kruschewsky.

O contraente é solteiro, de profissão Advogado, nascido no dia quatro (04) de fevereiro do ano de mil novecentos e trinta e sete (1937), residente em União, Estado de Alagoas, filho de Ildefonso Carvalho Lins e de Otávia Sampaio Lins.

A contraente é solteira, de profissão Estudante, nascida no dia dois (02) de agosto do ano de mil novecentos e quarenta e sete (1947), residente em Ruy Barbosa, Estado da Bahia, filha de Joaquim Cavalcante da Jesus e de Lindaura Santos Cavalcante.

Observações:

Cartório do Registro Civil
— 1º OFÍCIO —
GERSON SOUSA - Oficial
MARIA JOSÉ DOS SANTOS - Sub-Oficial
ITABUNA - BAHIA

Gráfica Brasília - Fone 7762-1410

O referido é verdade e dou fé

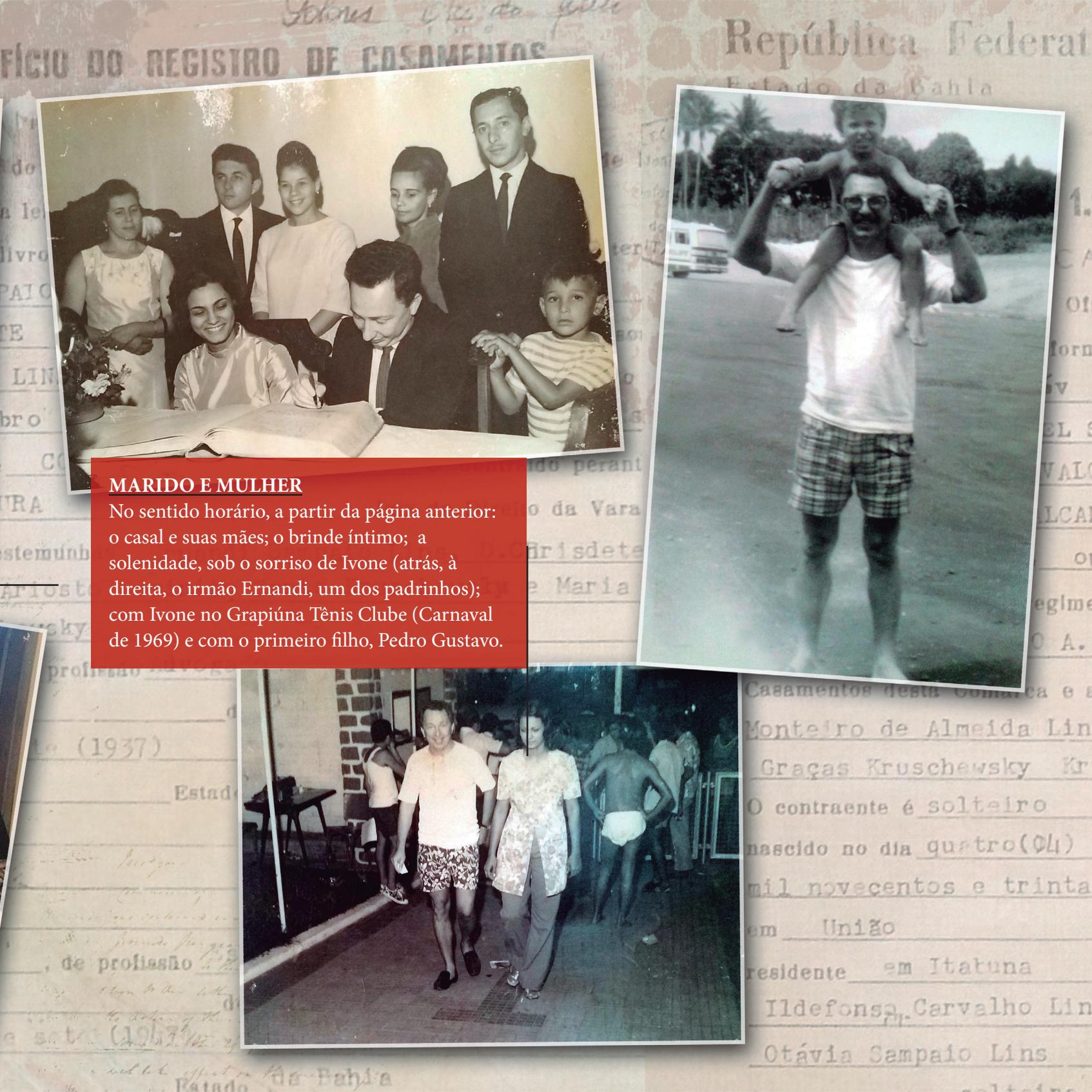
Itabuna, 15 de abril de 1975.
Gerson Souza
Oficial do Registro Civil

CERVEJEIROS

Certidão de casamento assinada pelo amigo (e companheiro de cervejadas) Gerson Souza.

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO





MARIDO E MULHER

No sentido horário, a partir da página anterior:
o casal e suas mães; o brinde íntimo;
solenidade, sob o sorriso de Ivone (atrás, à
direita, o irmão Ernandi, um dos padrinhos);
com Ivone no Grapiúna Tênis Clube (Carnaval
de 1969) e com o primeiro filho, Pedro Gustavo.

Pa

asseio à infância

Sentarei, cansado, na colina do
goiabal, ali onde uma clareira
permite descortinar a cidade,
embaixo, com seus telhados
mortícos e maltratados.

Passe

Prepares os cavalos da fantasia, que vou cavalgar pelos campos infindos da infância. Chegarei assim pela noitinha, pé ante pé, para não perturbar os adultos contritos na Ave-Maria. À noite, juntarei os meninos todos da vizinhança e brincarei de esconder atrás dos grandes pilares construídos para a Igreja que não chegou a ser.

Manhãzinha, tomarei banho no rio. Cantarei a ciranda, cirandinha, sem saber que o amor é tão grande para tão curta vida³³.

Não sei se caberão mais as calças curtas, a farda do Ateneu³⁴, e a roupinha de marinheiro. É verdade que engordei um pouco e cresci um tanto.

Abrirei a porta do quarto e me aguardam os brinquedos todos. Poucos e fiéis brinquedos de menino pobre. Minhas bolas de gude continuam serenas, dentro das “cidades”; a bola de borracha, vermelha, descansa de seu trabalho honesto; minha arraia azul repousada dos ventos inquietos; meu pião com a enfeira; meu badoque estragado por vinte anos de desuso.

Os companheiros de infância habitam o quarto como fantasmas prisioneiros da memória. Todos os meus sonhos de menino estão trancados no quarto. Alguns esca-

³³ Visita ao soneto *Sete anos de pastor Jacó servia*, de Camões [1524 (?) – 1580].

³⁴ Ateneu Sul Baiano, do Pastor José de Freitas Ramos, em Buerarema, onde o cronista estudou.

seio à infância

param e morreram no redemoinho da vida.

Irei à escola. Irei, sim. Sentarei bem atrás, para jogar bolinha de papel na menina de tranças negras. Ah, paixão de infância, paixão indolor.

Depois, irei ouvir os passarinhos. Sentarei, cansado, na colina do goiabal, ali onde uma clareira permite descortinar a cidade, embaixo, com seus telhados mortiços e maltratados. Ali pousarei, ouvirei o gorgorio dos curiós, no seu cumprimento de uma árvore à outra. É bem verdade que as casas invadiram nosso reduto de caça e brincadeiras. Porém, sejamos imaginativos. Nada nos custa uma viagem de volta.

À noite, formarei o exército da turma cá de cima contra a turma lá de baixo. Seremos generais, capitães e tenentes, na noite da fantasia.

Que minha mãe prepare meu bolo de chocolate e o doce de mamão, que nos regalaremos todos. E seu Antônio do Cancelão passará a mão que não tinha sobre meus cabelos e dirá: “Benza-te Deus, cabelo vermelho!” E o eco de sua voz me acompanhará pela existência inteira. Não sei se me caberão mais a camisa de meia, os sapatos de tênis da parada de Sete de Setembro e o terno de linho azul-claro. Sei apenas que me custa longa e penosa viagem pelos caminhos da recordação.



Uma vez Flamengo

Um amigo meu, marxista,
dizia que quando o Flamengo
é campeão a revolução social
atrasa em dez anos.

Uma

Domingo passado, quando este modesto cronista chegava a Salvador, o Vitória perdia o campeonato baiano. Meu coração rubro-negro nada sentiu. É bem verdade que o Flamengo fazia bonito em São Paulo. Mas nada disso me comovia. Era indiferença total. A notícia pra mim era a mesma da morte de um rei da Cochinchina ou do governador da província de Koko, na Coreia.

Estarei eu perdendo a sensibilidade, a espontaneidade brasileira? Isto é o que me preocupa. Já sofri muito pelo futebol. Desde as peladas com bola de meia, no Campinho, às jogadas inesperadas de Pelé em busca do gol na Copa do Mundo, que não saiu.

Antigamente, tive pruridos vascaínos. Foi um namoro de criança, curto e inconsequente. Já homem maduro, meu clube seria o Flamengo. Time do povo, diziam. O Flamengo irmana o país. Não precisa de jogadores, as camisas jogam por si. E fui entrando na saga rubro-negra. O pretinho vendedor de amendoim abraça o gordo comerciante na hora do gol de Almir Brasinha. Uma grande torcida, espalhada pelos quatro cantos da Pátria. Uma torcida que não cede que o time é o maior, mesmo quando ele está entrando pelo cano. É a alegria do povo. O povo mais humilde torce pelo Flamengo, como uma libertação. Um amigo meu, marxista, dizia que quando o Flamengo é campeão a revolução social atrasa em dez anos. Clube de gente boa, solidária, amiga. É certo que o marechal Castelo Branco acreditava ser Flamengo. Bem, no Flamengo, a democracia atingiu o máximo...

Eu escrevia um dos meus exercícios literários, talvez, quem sabe, um embrião de romance, colocando em

— vez Flamengo

questão o problema de Deus e da crença, fazendo uma abordagem do condicionamento social na escolha da religião, quando pus em cena um menino, talvez eu mesmo, fazendo suas orações. Domesticado, ensinado, e sempre assistido pela mãe, declamava o padre-nosso.

Certo sábado, véspera de Fla-Flu, um cochilo da mãe, ele bradou, livre: Deus, ajudai o Flamengo amanhã! Foi a primeira coisa que me ocorreu para fugir do hábito e da rotina entorpecente.

Pelo Flamengo já perdi 32 unhas e pelo Vitória já fiquei 17 vezes rouco. Hoje, sou um demissionário. E me pergunto, nesta noite soteropolitana, o que aconteceu. Estou gasto. Estarei realmente, ou é o mundo que nos obriga a perder a vibração interior pelas pequenas e belas coisas da vida?



Estabilidade

A instabilidade invadiu tudo no Brasil: a economia, as finanças, o canto, a dança, os laços afetivos e os sentimentos, as águas do rio e o sorriso das mulheres.

O governo ameaça os trabalhadores, com a extinção da estabilidade. Não vai ficar só nisso. Voariam, depois, como as pombas de Raimundo,³⁵ a indemnização, o aviso prévio, o décimo terceiro salário, a Justiça do Trabalho, enfim, dezenas de conquistas sociais. Quanto a mim, estou de pleno acordo. E não vai nisso vontade de bajular, que não é deste mister a gente de Macuco.

É que o governo está sendo, apenas, coerente – e não se pode censurar ninguém por ser coerente. Já não há estabilidade na loja, na fábrica, na roça, na escola, no lar, nos bolsos, nos corações. Tudo é inseguro, seguro é apenas a falta de dinheiro. Não há razão, pois, para continuar a estabilidade dos trabalhadores.

A medida atinge, também, este modesto Pedro. Sou operário. Trabalho com palavras. E bem sabeis, cultos leitores, que elas andam doidas, mudam de significado constantemente, não têm mais estabilidade. Reparem nas palavras democracia, liberdade, patriotismo, para não citar outras. Minha matéria-prima não tem mais segurança. Meu barro, minha pedra e cal, não passam de areia movediça.

Neste humilde ofício de juntar palavras, sinto que o terreno se torna fugidio e temerário. Às vezes queremos externar ternura por uma pessoa e, ao contrário, semeamos discórdia e mal-entendidos. A gente escreve mostrando os

³⁵ Raimundo da Mota de Azevedo Correia (1859-1911) e *As pombas* (“Vai-se a primeira pomba despertada...”), famoso soneto publicado em 1883.

Estabilidade

eros de alguma autoridade e dizem que falamos mal, quando queremos é ajudar a concertar o errado. Não somos nós, são as palavras.

A instabilidade invadiu tudo no Brasil: a economia, as finanças, o canto, a dança, os laços afetivos e os sentimentos, as águas do rio e o sorriso das mulheres. A estabilidade desapareceu. Os homens aborrecem o amor. O vinho já não é o mesmo, nem o custo de vida. Daí não haver razão para tanta celeuma em torno da propalada extinção da estabilidade. Não, meu amigo trabalhador, não desespere. Siga o conselho dos bem-instalados na vida. Enfrente a crise com um sorriso. Não há motivo para preocupação. Há muita gente tentando salvar o País. Para isso fizeram até uma revolução, há coisa de dois anos...

Não gaste seu tempo e sua massa cinzenta, quando tantos ilustres pensam por nós. Verdadeiros pais da pátria, veneráveis senadores romanos redivivos. Você precisa acreditar, pois as escrituras dizem que a fé remove montanhas.

Ademais, pensa este escrevinhador menor que um homem despedido do emprego nesta terra vai fazer uma ginástica dos diabos para encontrar outra colocação. E, segundo asseguram sumidades médicas internacionais, a ginástica faz bem à saúde. A pátria necessita de homens fortes e sadios.



Ano Novo

Em 1966, muitos enriqueceram,
muitos empobreceram, alguns
perseguiram, outros foram
perseguidos; alguns amaram,
outros odiaram.

Acabamos de enterrar esse melancólico 1966, ao tilintar das taças nos lares, nos bares e nas boates. Que o Diabo o carregue. Muitas coisas aconteceram nesse finado 1966, que não concebe nossa vã filosofia. A música mais cantada, símbolo do ano, foi *Tristeza*.³⁶ O certo é que envelhecemos mais um ano e a terra deu uma volta completa em torno do sol, numa revolução sem generais e sem correção monetária.

Em 1966, muitos enriqueceram, muitos empobreceram, alguns perseguiram, outros foram perseguidos; alguns amaram, outros odiaram; as mulheres aborreceram o amor e os homens ficaram mais mesquinhos, por causa do feijão. Não morreram, mas os ricos tiveram muita raiva e os pobres muita fome.

Início de ano novo. Tempo de previsões e estatísticas. Quantos morreram? Quantos nasceram? Quantos amaram e quantos impediram, com seus preconceitos, que outros amassem? Qual o saldo do ano que passou? Lucros ou perdas? Houve especulação em tudo. Com o nosso pão de cada dia, com as ideias, com o crédito, com os imóveis. Subiu o custo de vida e baixou nossa fé.

No ano passado, o homem continuou sua caminhada pela imensidão do espaço. O homem, fugindo da

³⁶ De Niltinho e Haroldo Lobo, a música é de 1963, mas só “estourou”, de fato, em 1966. Cantada no Brasil e no exterior, teve mais de 200 gravações diferentes. Devido ao grande êxito do samba, o compositor passou a se chamar Niltinho Tristeza.

mon Novo

mesquinhez da terra, ganhou nesses últimos anos a imensidão do espaço. Consigo levou o sonho humano para junto das estrelas. Sonho de ser estrela. Estrela humana, ao lado das estrelas de Deus. Sejam russos ou americanos, com eles voaram a esperança de milhões de seres que acreditam na integração total do homem.

Quem sabe, nas naves espaciais, é o homem ganhando o tempo, o espaço, a dimensão universal de sua grandeza. E Gagarin³⁷ continua como o maior poeta do século, com sua revelação: a terra é azul. É o primeiro poeta sideral. A terra é azul. Azul no azul. Deus é azul. A cor do

³⁷ Iuri Alekseievitch Gagarin, cosmonauta soviético, primeiro homem a viajar pelo espaço. Sua aventura se deu a bordo da nave Vostok I, em 12 de abril de 1961.

Ano]

vestido da amada é azul. Nossos sonhos de pureza são azuis. Azul é o século. Nem vermelho, nem verde, nem preto. Mas azul, azul da cor da grandeza humana.

Eis que falávamos do ano que passou e a situação da terra nos obrigou a viajar para o espaço. Só nos resta desejar que 1967 nos seja leve e que o marechal Costa e Silva nos ampare, pois no ano findo a barra esteve pesada.

Que o pobre e o perseguido tenham esperanças e ânimo de luta. Que os donos da vida, os poderosos de circunstâncias, os bem-nascidos, percam sua ânsia de ganhar

250

7

Manoel Lins
O canto da eternidade

Novo

cada vez mais e olhem para este povo bom, humilde, doente, pobre e analfabeto do meu Brasil. Que os bons continuem bons e os ruins melhorem um pouco. Que haja mais tolerância e perdão com os semelhantes. Que as mulheres fiquem mais belas, isto sim, e amem com mais confiança. Que os de coração insensível sejam cassados para todo o sempre, amém.

No mais, é o espanto da amada na cantiga de espera: “Se chegasses agora encontrar-me-ia abraçado contigo”.

(

Cantiga da volta

O poeta amava profundamente sua noiva, quando a satânica barbárie nazista tentava esmagar o mundo.

Contei, há poucos dias, a história muito triste de um soldado norte-americano que foi para a guerra na Argélia e voltou sem pernas, encontrando o lar vazio.³⁸ Um amigo, lendo a crônica, lembrou-se de várias histórias semelhantes. Entre elas a desse poeta russo que lutou heroicamente na última guerra mundial – Konstantin Simonov. Sua história é bem mais feliz.

O poeta amava profundamente sua noiva, quando a satânica barbárie nazista tentava esmagar o mundo. Sendo Konstantin convocado para defender a pátria,³⁹ o receio de morrer em combate preocupava ambos, poeta e noiva.

Dono de significativo acervo de produções poéticas, ele criou o poema que hoje publicamos, dedicado à sua noiva.

É um poema de fé, amor e esperança. Todas as manhãs, a moça lia o texto, como uma oração, até que, vencido o inimigo, o poeta regressou, são e salvo. Eis o poema:

³⁸ V. pág. 46.

³⁹ Ligeiro deslize do cronista: o poeta, jornalista, romancista, dramaturgo e ensaísta soviético Konstantin Mickailovitch Simonov (1915-1979) não foi soldado, mas correspondente de guerra. Seu poema *Espere por mim* (*Espera-me*, na norma lusitana) é até hoje recitado com fervor patriótico. Lins cita apenas uma parte, talvez metade. A tradução mais conhecida é a do poeta português José Sampaio Marinho (1929-1998), especialista em poesia russa.

antiga da volta

*Espere por mim,
que voltarei!
Mas é preciso que espere com fé
e de todo o coração!
Espere por mim
na tristeza infindável dos dias de chuva.
Espere por mim
nas horas uivantes em que a neve cai.
Espere por mim
na ânsia sufocante que vem do calor.
Espere por mim,
mesmo que todas as outras
que esperam por outros
já tenham cansado de esperar...
Espere por mim.
Espere, sim,
que hei de enfrentar a morte,
mas voltarei!*

erna esperança

7

255

Ir

Esses cabeludos incomprendidos

Contra os rapazes da chamada
Jovem Guarda só quem pode se
aborrecer são os cabeleireiros.

Gentil leitora pede a opinião deste colunista sobre os “cabeludos”. Evidentemente, estamos tratando dos cabeludos músicos, compositores e cantores. Eu não conheço, sequer, uma clave de sol, mas arrisco um palpite. Se todo mundo dá palpite, por que não eu? Contra os rapazes da chamada *Jovem Guarda* só quem pode se aborrecer são os cabeleireiros. Não há nada demais nisso. E a moda é bem antiga. Se duvida, dê uma olhada na Santa Ceia ou numa nota de cinco mil cruzeiros.⁴⁰ E Castro Alves, hein?

Do ponto de vista musical, eu abro um crédito de confiança aos rapazes. Este Macuco, pássaro sem ninho, tem o coração grande demais. Tolerante como ele, nunca se viu. Fato é que os homens têm aversão a tudo de novo que surge. Os eruditos denominam Misoneísmo a essa atitude. Mas isto é palavrão, e nessa seara Pedro não entra. Quando João Gilberto começou com suas dissonâncias, a grita foi intensa. Hoje, todos reconhecem que a Bossa-Nova trouxe real contribuição à nossa música popular. Vivificou, desbolerizou, nacionalizou. A pintura moderna também foi aquele Deus nos acuda.

Talvez a música de Roberto Carlos e seus amigos não resista à menor análise dos entendidos; talvez seja resultado de transplantação cultural, dizem que quando norte-americano espirra, o brasileiro fica gripado; talvez seja a continuação daquele divórcio do homem e da sociedade, que

⁴⁰ Tal cédula, que circulou de 1990 a 1994, traz a figura do compositor Carlos Gomes (1836-1896), ostentando vastíssima cabeleira, além de um bigode dos mais espessos.

beludos incomprendidos

levava Baudelaire a pintar os cabelos de verde, *pour épater le bourgeois*;⁴¹ talvez a hostilidade a esse gênero de música seja fruto de histeria das “macacas de auditório”, com seus chiliques e faniquitos.

Talvez haja inúmeros talvezes. O fato é que a beatlemania invadiu o País e esses rapazes pretendem dizer alguma coisa. O seu tema maior é o amor, e contra isso ninguém se aborrece. É bem verdade que num país grande, doente, pobre e analfabeto a única forma de amor aceitável para alguns é a superação desse estado de coisas. Daí, o sucesso da música participante (Vinícius, Carlinhos Lyra, Nara e outros) em certa faixa.

O problema da responsabilidade social da arte é motivo para outra crônica,⁴² o espaço é curto e o tempo é pouco, amável leitora. O que é bom mesmo, em forma de arte, fica. O tempo é o melhor juiz.

Talvez, no fim do ano, estejamos cantando *A jardineira*, *Chão de estrelas*, *As pastorinhas*, *Ai que saudades da Amélia* e outras – e a música dos “cabeludos” esteja sepultada nos sarcófagos dos tempos, como dizia aquele orador exaltado. Talvez.

⁴¹ “Para impressionar o burguês” (em francês literal).

⁴² V. “Missão e função da literatura”, págs. 11 a 13.



Mundo, vasto mundo

São tempos de espanto e desespero;
tempos de homens fragmentados,
de mundo dilacerado.

Hoje nasceram muitas crianças no mundo. Nasceram para o conhecimento da dor. A dor é o mundo inteiro. Pois são tempos de espanto e desespero; tempos de homens fragmentados, de mundo dilacerado. Um dia, porém, chegará um tempo em que as crianças nascerão para a alegria e a felicidade.

As notícias dos jornais formam um extenso mural de dor e confusão. Os aluguéis subiram mais de 35%, e o padre Irineu Leopoldino acusa o governo, no caso, a Mannesman, enquanto a Associação Brasileira de Imprensa pede anistia para os jornalistas presos, exilados ou com direitos políticos cassados, mas sobem alguns centímetros as saias femininas, mostrando novas paisagens que os joelhos enfeiam, e a Sunab admite a alta brutal no custo de vida, Roberto Carlos manda brasa, dizendo que prefere o MDB, e Narinha Leão quase entra pelo cano, dando sua *Opinião*, opinião de gente madura, Costa e Silva é escolhido⁴³ para presidente da República e Nelson Rodrigues diz que nunca viu um candidato tão eleito e tão empossado, e mesmo com a barra suja o ministro Roberto Santos planeja, mas quem ganha o concurso da melhor piada do mês é o Sr. Guilherme Borghoff, aconselhando aos brasileiros: comam mais galinha e menos feijão, que o feijão está caro.

A China tem a bomba H e foguetes, e a França explode sua bomba no pacífico, enquanto De Gaulle aprende a

Mulher

⁴³ Nada sutil, o cronista, ao dizer que o general foi “escolhido”, não que foi “eleito”...

do, vasto mundo

falar russo. Em São Domingos, continua a confusão, no Vietnã o desprezo pela vida humana atinge sua plenitude e dos Estados Unidos informam que continuam os trabalhos de aperfeiçoamento do coração artificial.

Nós, os homens simples, dia a dia somos envolvidos na tragédia deste instante de transformação que passa a humanidade. Tudo é mecânico, artificial. Perdemos a noção das coisas simples, que são as boas coisas da vida. Perdemos o calor humano e o sentimento da beleza das coisas. Coisas simples, como um trem apitando na curva, um pouco de doce de mamão, um pássaro cantando numa mangueira da infância, um sorriso de criança, o gosto de molhar os pés no regato límpido, a brisa batendo na cara suada e o contemplar do clarão da lua nos olhos da amada.

O escritor

Manoel Lins, em 1968, lança
o livro de estórias curtas
Menino aluado, em Itabuna.



MONOGRAFIA

Ao centro, com o professor Rivaldo Baleeiro, da Faculdade de Filosofia de Itabuna. À direita a capa de um estudo sobre Direito Municipal.

Estudos
de Direito
Municipal

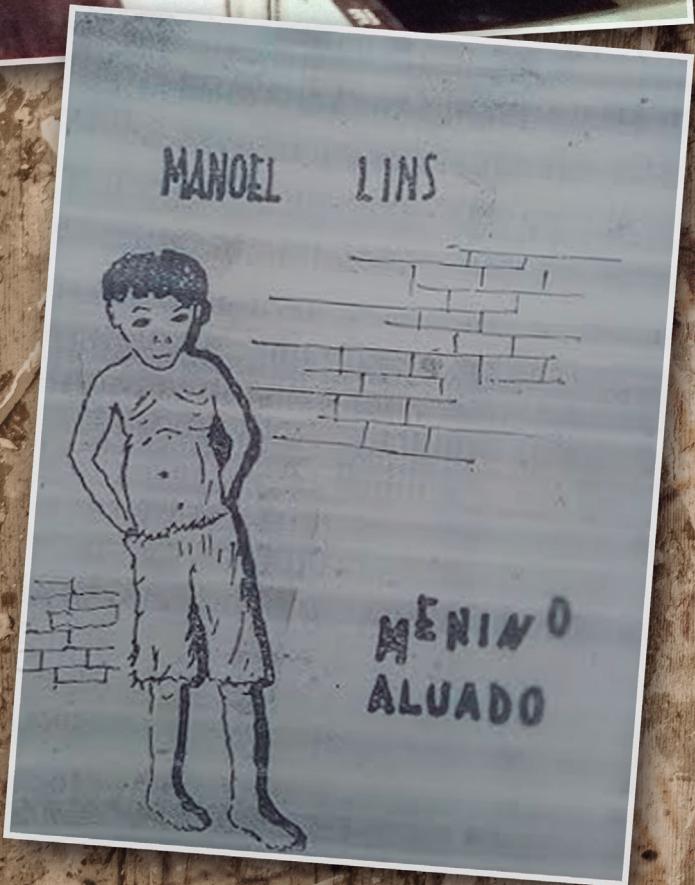
Itabuna - Bahia

1972

MANOEL LINS

MENINO ALUA
No lançamento
de *Menino alua*
(Livraria Teixeira,
Itabuna), Lins é
saudado pelo pro-
de linguística Rio
Baleiro. No alto
direita, enquanto
autografa, identi-
meio rosto do er-
prefeito de Itabu-
Félix Mendonça.

UADO
o
ado
eira,
é
professor
Rivaldo
lto, à
nto Lins
ntifica-se
então
buna,
ça.



A

As moças em flor

A cidade dorme satisfeita
por nada fazer neste mundo;
dorme, ronca, enquanto outras
despertam. Dorme tranquila no
seu conformismo.

As moças em flor invadiram a cidade toda, na manhã de segunda-feira. Vestidas de azul e branco, trazen-do um sorriso franco,⁴⁴ elas ressurgiram como letra de samba velho, mas em ritmo de iê-iê-iê.

A primavera no Brasil é agora, na reabertura das aulas, alguém já deve ter dito isto. As flores mais singelas desfilam nas ruas e avenidas da cidade. Eu queria fazer um pedido ao marechal Costa e Silva, que dentro de poucos dias nos governará. Não deixe que as colegiais mudem de uniforme; que o azul e branco sejam as cores da juventude, para todo o sempre, amém. O branco simboliza a pureza, a incorruptibilidade dos moços, e o azul representa as esperanças num mundo melhor, pleno de felicidade.

É bem verdade que, em outros estados, o ano não começou bom para os estudantes. No Sul, muitos foram ver o sol nascer quadrado, enquanto em algumas capitais as aulas foram suspensas para evitar agitação, dizem.

Aqui, em nossa mansidão provinciana, nada acontece. Tudo é silêncio. Tudo é silêncio, na densa e ver-

⁴⁴ *Normalista*, melodia de Benedito Lacerda, letra de David Nasser, de 1949. DN fez dezenas de letras, estando entre as mais conhecidas *Atiraste uma pedra*, *Canta Brasil*, *Confete*, *Vermelho 27*, *Hoje quem paga sou eu* e *A camisola do dia*. A ele deve-se a criação do neologismo “normalista” (= estudante do antigo curso Normal). Versos de uma canção dele com Joubert de Carvalho, em homenagem a Francisco Alves (“Tu, só tu, madeira fria/sentirás toda a agonia/do silêncio do cantor”), estão na lápide do chamado Rei da Voz. Teve um disco LP só com músicas suas gravado por Ângela Maria, privilégio dedicado a poucos.

moças em flor

dejante terra grapiúna. Os rios lentamente andam; as árvores esperam, submissas, o tempo da colheita; os passarinhos cantam, nostálgicos, uma espécie de fox-blue; o vento sopra preguiçosamente; a cidade dorme satisfeita por nada fazer neste mundo; dorme, ronca, enquanto outras despertam. Dorme tranquila no seu conformismo.

Verdade é que dorme, por vezes, intranquila com a conta do armazém, com a promissória protestada, a falta de crédito bancário, o custo de vida subindo, subindo... Mas a cidade, no máximo, resmunga e esquece as suas dores no primeiro bar.



Apresença inevitável

Que importa a um homem que
irremediavelmente perdeu a
mulher amada, e pensa nela
impossivelmente, que importa a
ele que um avião caia?

Decididamente, o tempo não estava para brincadeiras. O avião tentava vencer o temporal. Descia e subia. Parecia iminente um desastre. Os passageiros, assustados, procuravam fazer alguma coisa. Um mais apressado e pessimista começou a fazer o testamento. Uma senhora muito religiosa gritava, aparentemente em vão, por São Judas Tadeu. Uma criança ao lado, indiferente ao espetáculo, brincava.

E aquele homem, só e inquieto, resolveu pensar na amada. Talvez fosse a única coisa importante que lhe restava fazer. E isso ele sabia fazer. Uma das coisas boas que sabia fazer.

Recostou-se na cadeira, alheio à tragédia iminente, e começou a lembrar. Fechou os olhos e viu-se, de súbito, cercado de inumeráveis recordações. Ora eram lembranças de fatos supostamente esquecidos, ora eram recordações várias, umas amargas, outras tristes. Revia completamente o instante inesquecível de sua vida. Era como se estivesse condenado à morte e lhe fosse dado satisfazer o último desejo: pensar na amada.

Que importa a um homem que irremediavelmente perdeu a mulher amada, e pensa nela impossivelmente, que importa a ele que um avião caia? Esse homem sabe que é inútil procurar a amada que passou, mas uma leve esperança o acompanha sempre.

Ele espera que o telefone toque e ouça uma voz antiga murmurar seu nome com infinita doçura, dizendo apenas: "Estou de volta". Ou aguarda que um dia o correio traga uma carta daquela que partiu. Mas essa carta não chega

Apre

presença inevitável

e esse telefone não toca. E, inutilmente, o homem espera, a longa espera pela mulher que não vem nunca.

Assim é o homem que amou uma mulher com seu mais puro e devotado amor, e um dia a perde. Ele jamais pode esquecê-la. Ela será sempre uma presença inevitável. Sempre um nome dito bem baixinho, como numa prece, nas horas mais calmas da madrugada.



Sábado faminto de poesia

Surpreendo-me com
a explosão lírica que
resplandece de minha
biblioteca e recolho-me ao
baú dos fantasmas, em busca
de ser o que sou.

Osábado chega, com uma vontade maluca de poesia. Poemas de amor, somente. O sentimento deste sábado é de poesia de amor, de amor. O sábado não é apenas o dia em que se dorme mais tarde, em que se pechincha nas feiras. A melancolia das tardes de sábado contribui para aumentar a tensão poética. O cronista, poeta sem versos e sem jeito, vai procurar nos outros a mensagem deste sábado amoroso. Vou perlustrando a velha estante e os olhos viajados pousam no poema de amor: Ouve-me com teus olhos/ Porque a minha queixa é muda/ Acaricia-me com teu pensamento/ Porque o meu corpo está imóvel”.⁴⁵

E, mansamente, vem a voz nostálgica de Neruda, cantando o amor que se foi: “Posso escrever os versos mais tristes esta noite/ Pensar que não a tenho. Sentir que já a perdi/ Já não a quero, é certo, mas talvez ainda a queira/ É tão curto o amor e tão longo o olvido”.

Garcia Lorca, das entranhas da terra de Grana-
da, explode: “*Comigo se hay vuelto loca toda la anatomia. Soy todo corazon*”. Paulo Mendes Campos passa a mão nos cabe-
los, lamentando a efemeridade do tempo: “Que sofrimento
olhar o tempo, quando se ama”. E Vinícius, cercado de belas,
interroga, aflito: “Quem pagará o enterro e as flores/ Se eu morrer de amores?”

E à última angústia na noite longa em que vi-
vemos, responde Geir Campos, como num sermão: “Não faz

⁴⁵ Adalgisa Nery (1905-1980), “in” *Mundos oscilantes*, 1962.

lo flaminto de poesia

mal que amanheça devagar/ O que nos cabe é ter enxutos os olhos/ E a intenção de madrugar”.

Surpreendo-me com a explosão lírica que resplandece de minha biblioteca e recolho-me ao baú dos fantasmas, em busca de ser o que sou: “Sou restos de um menino que passou/ Sou rastros erradios num caminho/ que não segue, nem volta, que circunda/ a escuridão como os braços de um moinho”.⁴⁶

⁴⁶O poema é de Paulo Mendes Campos.



A reconstrução

Urge, pois, a reconstrução, com o mesmo ardor da construção. Para isto, bastam duas mãos e um olhar de fé no futuro.



Aágua foi embora. Agora, só resta reconstruir a cidade querida. Itapé, Mangabinha, Bananeiras parecem regiões do Vietnã deslocadas no espaço. A terra arrasada. A terra de ninguém. Urge, pois, a reconstrução, com o mesmo ardor da construção. Para isto, bastam duas mãos e um olhar de fé no futuro.

É bom lembrar aqui o texto de um líder chinês, exaltando o voluntarismo, intitulado, “Yu Gong desloca montanhas”. Trata-se de uma história antiga de um velho descontente com a presença de três grandes montanhas diante da porta de sua casa. Deve atravessá-las sempre que tem de ir a outro lugar, e também o sol elas lhe negam. Um dia, reúne a família e diz: “Não há outro jeito, é preciso deslocar as montanhas”. Sua mulher retruca que é impossível; mas, não obstante, eles decidem iniciar o trabalho. Arrancam as pedras com as mãos, lançam-nas ao mar, e trabalham, trabalham... Os anos passam. Um amigo do velho vai visitá-lo, e zomba dele: “Você é velho e maluco, acredita então que vai deslocar as montanhas?” E Yu Gong responde: “Eu estou deslocando as montanhas; se não conseguir, se meus filhos não conseguirem, se os filhos dos meus filhos não conseguirem, um dia alguém conseguira”

⁴⁷ Carlos Eduardo Sodré, advogado e servidor público. Chefe de Gabinete da Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização do Governo do Estado. Assina depoimento nas págs. 27 a 31.

reconstrução

Esta história parece que está em ligação estreita com o princípio bíblico de que a fé remove montanhas.

Na história da humanidade há inúmeros capítulos de destruição. Mas cada capítulo de destruição corresponde ao heroico capítulo de reconstrução. A Segunda Guerra Mundial espalhou destruição por toda parte. Entre os mais belos episódios de resistência da raça humana está a luta pela posse da cidade de Stalingrado. Arrasada rua por rua, casa por casa, pedra por pedra, Stalingrado não caiu nas mãos dos nazistas. E mais bela ainda foi a reconstrução da cidade.

Na época, o poeta Drummond de Andrade cantou, em poema imortal, as esperanças e a determinação do povo em fazer ressurgir a sua cidade. Eis-lo: “Pedra por pedra reconstruiremos a cidade./ Casa e mais casas se cobrirá o chão./ Rua e mais rua o trânsito ressurgirá./ Começaremos pela estação da estrada de ferro/ e pela usina de energia elétrica./ Outros homens, em outras casas,/ continuarão a mesma certeza/Sobrarão apenas algumas árvores/ com cicatrizes, como soldados./ A neve baixou, cobrindo as feridas./ O vento varreu a dura lembrança./ Mas o assombro, a fábula/ gravam no ar o fantasma da antiga cidade/ que penetrará o corpo da nova./ Aqui se chamava/ e se chamará sempre Stalingrado./ – Stalingrado, o tempo responde.”⁴⁸

⁴⁸ “Telegrama de Moscou”, em *Rosa do povo*/1945.



O sedento

As fontes secaram, os céus não
atenderam, as portas se fecharam.
E eu não desesperei, pois de
esperança é feita a vida do homem.



Em pleno sono, a sede chegou⁴⁹. E eu, sedento, bati nas portas, clamei aos céus, busquei as fontes. As fontes secaram, os céus não atenderam, as portas se fecharam. E eu não desesperei, pois de esperança é feita a vida do homem.

Varei a cidade toda, procurando os amigos. Alguém irmão que me socorresse com um copo d'água. Uns ficaram indiferentes. Outros, medrosos, fugiam. Batiam a porta em minha cara.

Eu era um homem só, na cidade deserta. As ruas, sozinhas, suportavam o eco dos meus passos. Estava só, numa cidade estrangeira. Os rostos não me eram familiares. Não entendida a linguagem reticente dos retardatários que buscavam os caminhos dos abrigos domésticos. Um, que tinha a cara de um primo meu, tentou indecisamente, entregar-me um pouco de água. Vacilou e a água derramou do copo plástico americano.

Segui para a praça, que a praça é do povo. Não havia uma alma, nenhum fantasma, nenhuma criatura de gesto humano. Gritei a plenos pulmões. Que povo é esse, quevê um pobre homem sedento e lhe nega a água que sai das entradas da terra ou desce dos esquecidos céus? Onde a mão irmã, para saciar a sede de um pobre perseguido? Que covardia é essa, que engoliu todas as coragens e virtudes de um povo valente e bom?

⁴⁹ Outro belo exercício de “simbolismo”, com uma conclusão óbvia para aquele momento: “com a polícia não se brinca”...

sedento

O povo procurava sossego, que ninguém é de ferro, e fui preso. Na prisão, continuei pedindo água, pois um homem consciente é livre, mesmo dentro das grades, enquanto outros, em liberdade, não passam de escravos de todas as circunstâncias políticas.

Um general nacionalista mandou-me beber guaraná; um obeso comerciante sugeriu coca-cola; um barbudo, vestido de mandarim chinês, me deu água. Água barrenta. Recusei. “Quero água clara (quase digo Santa Clara), vendedores de meias-verdades, pescadores de águas turvas. Quero água límpida como a liberdade que tentam me tirar”.

Depois disso, resolvi acordar, porque com a polícia não se brinca, e a sede estava mesmo de rachar.



Campinho

Campinho era um terreno
que ficava em frente à minha
casa, onde se travaram as mais
renhidas pelejas futebolísticas
de minha meninice.

Eu digo Campinho e os homens desta cidade grande não me entendem. Mas entendem os que comigo estiveram na infância.

A vós outros, eu explico. Campinho era um terreno que ficava em frente à minha casa,⁵⁰ onde se travaram as mais renhidas pelejas futebolísticas de minha meninice. Eram “babas” monumentais, sem tempo, eternos.

Ali, Domingos da Guia e Heleno, ídolos da época, eram esquecidos e superados. Dir-se-ia que o Campinho era uma escola de jogadores, cujos alunos revezavam-se, contando-se alguns permanentes. Jogava-se a qualquer dia e hora. Bem cedinho, meio-dia, à tarde e até ao anoitecer. Só ameaça de surra nos tirava do Campinho.

As bolas nem sempre eram bolas. Felicidade geral quando conseguíamos uma “argentina”. Laranjas, bolas de meias, bexigas de boi, tudo servia para saciar nossa “fome”.

De ordinário, porém, a esférica (como a chamava o negro Juca) era de borracha. Era o que mais pedíamos a Papai Noel. Na época ainda existia Papai Noel. Muitas vezes com listas de contribuições conseguíamos adquirir uma. Cedo aprendemos quanto vale um esforço conjugado.

Severa vigilância era exercida contra a súbita aparição de seu Nozinho, o guarda. O lema udenista em voga de que o preço da liberdade é a eterna vigilância, foi por nós adotado. Nossa liberdade era o futebol, no mais puro sentido sartriano.

⁵⁰ Em Buerarema.

Campinho

Muitas reputações foram desfeitas no Campinho. De jogadores e de brigadores. Os jogos memoráveis contra a “turma lá de baixo” quando nós, a “turma cá de cima”, sempre ganhávamos. Que me perdoem os amigos por fazer essa revelação histórica.

Naquela época o valoroso povo de Campinho não pensava em namoro. Éramos todos futebol, contar histórias, caçar passarinhos. Vez por outra, alguma garota nos despertava a atenção momentânea. Ensaiávamos, de longe, um amor irrevejado que acabava com a emoção do primeiro chute, deixando apenas um nome ou um rosto na memória. Mas, eis que mudamos de assunto. Xô, mulher!...

O certo é que eu vos falava do Campinho, uma escola que não deu nenhum doutor para Seleção Nacional.



Vida e morte de Pedro Macuco

Falava de rosas e estrelas,
porque belas; lembrava
das mulheres, porque não
suportava vê-las sozinhas.

Cumpro o doloroso dever de informar o falecimento, diria melhor, a morte de Pedro Macuco, extremado irmão, a quem iremos substituir nestas mal traçadas linhas dominicais.

Pedro Macuco, ave sem ninho, arribou desta para melhor. Porto inseguro onde frágeis embarcações erradias buscaram pouso inutilmente. Deixou a vida cansado de sofrer. Sofrer pelos outros. Seu lema era o do apóstolo Paulo: o melhor combate é o que se combate pelos outros. Combateu pelos pobres, porque há muitos; falava de rosas e estrelas, porque belas; lembrava das mulheres, porque não suportavavê-las sozinhas.

Matou-o a Lei de Imprensa, ou matei-o eu? Homicídio justificado, pois Pedro já estava abusando de minha amizade. É certo que, lá na nuvem em que repousa, dirá que morreu em holocausto, com licença da palavra, à liberdade. Ele era dessas coisas.

Todo homem tem o poder de matar o que cria. A confusão generalizada me prejudicava. Fernando Riela já me chamava de Pedrinho; Hermes, de Zé Macuco; na rua, todos os detetives da cidade me perguntavam: é você o Pedro Macuco? Isto esgota até paciência de cágado (cuidado com o acento, Nelito!).⁵¹

Outro dia, passando pela Cinquentenário, ouvi um cidadão dizer a outro: esse aí é o possidônio de Pedro

⁵¹ Jornalista Nelito Carvalho, criador do lendário *SB – Informações e Negócios*.

morte de Pedro Macuco

Macuco... Fiquei intrigado com tamanha prosopopeia (não vá ao dicionário, que a confusão aumenta). É bem verdade que cada um tem o “possidônio” que merece, sem querer fazer frase para livrinho de pensamentos. Mas é muita manteiga para o meu pão.

Pedrinho era um gênio. Foi o primeiro homem que aprendeu a escrever logo que nasceu, ou melhor, nasceu escrevendo, ou, ainda melhor, escrevendo, nasceu. Com menos de um ano de vida deixou escritas algumas páginas neste jornal. Há gente que aos 70 anos não sabe ler, nem mesmo nas entrelinhas que ficam entre uma linha e outra.

Pedrinho, oh alma santa, está morto. Ele nasceu de uma necessidade de criar. A personalidade dupla, porém, é incômoda. Se eu fui o seu pai o mais paterno, serei seu assassino o mais frio possível, apesar do calor. Está morto, morto de morte matada. Mortinho da silva quadros.⁵² Que Deus ou o Diabo o guarde, para nosso descanso, amém.

⁵² Brincadeira com o então presidente Jânio “da Silva Quadros”.



O preço de uma vida

O correspondente da agência UPI (...), que visitou a aldeia situada na selva, afirmou que 70% das casas foram convertidas em ruínas fumegantes.

Era eu ainda menino de ginásio, quando perguntei à professora quanto vale uma vida humana. Ela, perturbada, respondeu que o ser humano não é porco, porco é que tem preço. Só Deus, o Criador, é que pode avaliar uma vida.

Os jornais, porém, desmentem a professora. Noticiam que dois aviões a jato norte-americanos bombardearam, por engano, a aldeia sul-vietnamita de Lang Vei, na fronteira do Laos, matando 150 pessoas e ferindo outras 175.

A Casa Branca classificou o caso como “lamentável acidente”, acrescentando que tais erros são inevitáveis numa guerra, e que causam “muitos aborrecimentos”.

“Viam-se cadáveres e feridos por todos os lados, sendo muito difícil entrar no calor gerado pelo fogo”, declarou John J. Duffy, capitão das Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos, que tentou prestar socorro à população.

O correspondente da agência UPI (*United Press International*), Robert Taylor, que visitou a aldeia situada na selva, afirmou que 70% das casas foram convertidas em ruínas fumegantes.

Este é, apenas, um episódio dentro dessa guerra pavorosa do Vietnã. A matança é feita até por engano, além da terra totalmente arrasada, inútil para a semente. A fome ronda os lares, de um lado e do outro, do Vietnã do Sul e do Norte. Tudo isso eu tiro dos jornais de ontem, eis que escrevo numa plácida tarde bueraremense.

E um militar americano fez-me recordar a professora esquecida num canto da memória. Horas depois do

reco de uma vida

bombardeio, uma companhia americana de ação cívica chegou a Lang Vei e seu comandante, William Marley, anunciou que dará uma indenização de cinquenta dólares à família de cada morto e de dez a quarenta às famílias dos feridos.

Cinquenta dólares, eis o preço de uma vida humana, professora. E o jornal ainda informa, desencantado, que uma autoridade sul-vietnamita, cujos dois filhos estavam entre os mortos no bombardeio, chorava à noite, dizendo: “Agora, não tenho mais filhos, nem lei, nem casa, nem amigos”.

Cinquenta dólares. Cento e trinta e cinco cruzeiros novos. Nove arrobas de cacau. Eu creio que, lá do seu celeste abrigo, Deus esteja a pensar que o homem deseja tomar Seu lugar. O que mais nos revolta e desencanta é a matemática. O cálculo, a frieza, a desumanidade da oferta.



O cronista viaja

A noite encobre a covardia
dos homens e as conversas
inconsequentes dos namorados.

O cronista viaja, sombra desapercebida, e chega à Bahia para uma revisão da infância e adolescência. Penetra nos caminhos do encantamento. E revê o Carmo. O bairro de Santo Antônio Além do Carmo. Permanência na memória do tempo que não volta. Bairro do Carmo: famílias árabes conversam numa língua estranha e longínqua; casarões antigos enfeitados de janelas, moças nas janelas enfeitam a rua, janelas enfeitadas de gente para ver o desfile do Dois de Julho. O Caboclo, a Cabocla, a Banda dos Fuzileiros, o major Cosme de Farias. Um mundo de janelas e de saudades. Saudades de mim mesmo.

Meninos jogam bola na rua e o guarda compreensivo olha a infância. As ruas calçadas de pedras têm um cheiro de religião e de mistério. Praça dos Quinze Mistérios, mistérios dos meus amores. Cruz do Pascoal, elevador do Pilar, imagens perduráveis na retina. A noite encobre a covardia dos homens e as conversas inconsequentes dos namorados. O vento nos traz o gemido de desalento dos que moram nos cortiços fétidos. Casarões tristes e feios, como triste e feia é a miséria dos seus moradores.

Ouço ainda as novenas do Santo Antônio. Há sempre alguém indo à missa nessas ruas do Carmo. Um violão chora na madrugada lírica da Bahia, e um boêmio canta uma canção de amor, último e nostálgico seresteiro. E eu me mantendo fiel à minha turbulenta adolescência e percorro, num instante, com a alma pura, os longos caminhos da noite morna e mágica da Cidade de Todos os Santos e Todos os Pecados.

Ah, gostaria que estivesses comigo nestas minhas pobres andanças pelos mistérios e belezas desta cidade

Brônista viaja

amada. Deverias habitar na minha adolescência. Passearíamos de mãos dadas, ladeira acima, praia afora, respirando o ar poético das madrugadas que se foram; fecharia teu corpo no candomblé de Mãe Senhora, para evitar o mau olhado; mostraria minha valentia de menino na capoeira da Festa da Conceição; dançaria o samba de roda na segunda-feira da Ribeira e banhá-la nas águas de Janaína seria último gesto de afeto.

Hoje, homem maduro, tenho apenas estes garços olhos tristes para te ofertar. Àquele tempo, eu não tinha este rosto assim magro, assim triste,⁵³ esta ruga de espanto na fronte. É madrugada e eu a revejo em pensamento, bela como um rubro e orvalhado amanhecer.

⁵³ Cecília Meireles, no poema *Retrato*, de 1937: “Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro...”



Jornais que sangram*

*Título escolhido pelo organizador.

Na Grécia, estudantes foram
condenados à morte pela Junta
Militar que governa o país.

Meu amigo Pedro Macuco pede notícias deste fabuloso mundo-cão, lá de uma nuvem onde repousa, após atribulada e curta existência aqui embaixo, neste vale de lágrimas.

Apanho os jornais nesta friorenta noite bueraremense, para poder informar melhor o ex-confrade. Pego-os com cuidado para não molhar as mãos de sangue, pois os periódicos, se espremidos, sangram.

Mas, vamos às notícias. Um atentado em São Domingos, República Dominicana, quase mata um ministro de Estado. Continua a reação nacional contra, perdoe o palavrão, o ignominioso crime praticado por americanos de esterilização de mulheres na região amazônica. Em Campinas, morreu a primeira mulher vítima do DIU (Dispositivo Intrauterino), a famosa “serpentina”.

O governador Israel Pinheiro está seriamente preocupado com o atraso no pagamento do funcionalismo público de Minas Gerais, que já atingiu onze meses. O irmão de Alzirô Zarur foi atropelado, talvez por algum espírito de má vontade. O campeão dos pesos-pesados, Cassius Clay, que se recusou a lutar no Vietnam, sob o argumento de que era ministro muçulmano, está sendo julgado pelos tribunais americanos. No Rio, o comerciante João Nicolau foi encontrado morto com 49 balaços, prova de que nem os pistoleiros confiam mais no produto nacional. No Vietnam, a luta continua, com mortes diárias para cada lado. O Papa pede paz. Suicídios, assassinatos, atropelamentos, desastres. Fique por lá, Pedro.

Na Grécia, estudantes foram condenados à morte pela Junta Militar que governa o país. Foi preso

também um dos maiores poetas do nosso tempo, Iannis Ritsos.⁵⁴ O mesmo aconteceu com o romancista Vassilikos⁵⁵ e o compositor Theodorakis, autor da música de *Zorba, o grego*, acusado de subversivo. Do filme, só não foi preso até agora Anthony Quinn. A mesma junta grega proibiu a minissaia.

Aqui, na pátria bem-amada, vozes de Deus se levantam contra a miséria e a estagnação. Dom Avelar Brandão Vilela, presidente da Comissão Episcopal para América Latina, reuniu seu pensamento sobre as reformas a se efetuarem nas estruturas sociais do Continente em “Direito de todos no uso de bens materiais, correção do acúmulo de riquezas nas mãos de poucos e necessidade de um sindicalismo livre”.

Estando assim as coisas, não o convido para voltar. Aqui, nesta terra de Buerarema, é a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores no mesmo jardim⁵⁶ e a estrela da manhã pousando, serena, sobre nossa tristeza municipal, numa pálida e tênue esperança.

⁵⁴ Yannis Ritsos (1909-1990) foi preso em três ditaduras militares na Grécia: 1936, 1948 e 1967. Na primeira, teve seu livro *Epitaphios* queimado em praça pública; na segunda, foi levado aos campos de tortura de Limnos e Makronisos, onde escreve *Diários do exílio*; na última, é enviado ao campo de Gyaros, sendo proibido de publicar até 1972.

⁵⁵ Vassilis Vassilikos (1934...), escritor e ativista grego, é autor dos livros *Z* (que, levado ao cinema, ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro de 1970) e *Como ser anjo*, dentre outros.

⁵⁶ O cronista nos lembra de *A praça*, de Carlos Imperial/1967.



O viúvo

Nesta foto, apareces com aquela
tua colega, de quem não declino o
nome para não te recordares dum
instante amargo de nossas vidas.

Acasa guarda tua memória. Os móveis continuarão cobertos de poeira para eternizar tua presença. Limpo, apenas, ficará o espelho, o espelho grande do guarda-roupa. É diante dele que observo minhas faces magras. Um sulco na fronte assinala a passagem do sofrimento. As janelas estão fechadas, cerradas mais ainda pelas cortinas. Não as abrirei, para que o vento inconstante não varra tuas lembranças impregnadas nas coisas, nem a chuva molhe teus antigos caminhos, do quarto à sala, do banheiro à cozinha.

Tua beleza está gravada na memória das coisas. Abro a gaveta de baixo do guarda-roupa antigo, presente do teu pai, lembras-te? Aqui estão gravadas no papel fases de nossas vidas. Imagens amáveis de um tempo que foi. Teu retrato de colegial que me dedicastes afetuosa mente. Tuas cartas de menina enamorada. Teu rosário, oferta da Madre Superiora, no dia da tua formatura. Pouco o usastes, pouco fostes à igreja, poucos eram os teus pecados.

Nesta foto, apareces com aquela tua colega, de quem não declino o nome para não te recordares dum instante amargo de nossas vidas. Lembras-te dos teus ciúmes pueris? Rasgastes o retrato. Hoje, ela não é mais do que uma sombra no meu passado, um esquecido fora da fotografia. A roupa negra do luto não cobriu apenas meu corpo, mas inundou todo o meu ser. O demônio tem me tentado, como fez ao Cristo Homem. A vizinha da esquerda telefona diariamente. E logo ela, que era tua amiga. Resisto, crente em nosso amor eterno.

Hoje, digo tudo isto, porque temo a vacilação do meu ser. A promessa que te fiz de não amar outra. Sei que

O viúvo

te inquietas, onde quer que estejas, mas saiba que resistirei.
Tenha fé em mim.

Diante do espelho do guarda-roupa olho minhas faces tristes. O telefone toca. É a vizinha da esquerda. É o demônio, mas ele tem os olhos tão lindos... Vou atender por educação, não te preocupes.



Depois do Carnaval

Agora, ao pó o homem retorna,
pois do pó saiu e na poeira da vida
afaga suas alegrias e tristezas.

Escrevo ao entardecer da quarta-feira de cinzas, quando as brumas carnavalescas se desvanecem nos olhos cansados do folião. A memória lembra, apenas, imagens fugidas que surgem e morrem de repente, numa sucessão desconexa que o torpor e o abandono embaralham, despreocupadamente.

É nelas que tu passas, formosa colombina, instante fugaz de um reino de curta alegria, imagem amável da vida, torturando o coração do pierrô prostrado em insuporável ressaca.

Hora crepuscular por excelência, esta em que escrevo. Agora, ao pó o homem retorna, pois do pó saiu e na poeira da vida afaga suas alegrias e tristezas. Agora é cinza, tudo acabado e nada mais.⁵⁷

E nessa hora de despertar para o mundo, procuro recordar-te, fatigado leitor ou distraída leitora, que a vida, nesses três dias de esquecimento, pulsava cá fora dos salões, como se nada tivesse acontecido.

Que restou do carnaval, índia provocadora de amores desvairados? E tu, caubói desgarrado no tempo e no espaço, que desatinos praticaram tuas mãos, armadas de carícias? Ó, pierrô apaixonado, que farás da desilusão do amor contrariado? E tu, palhaço de mil anos, por que as lágrimas de saudade do carnaval, sem nenhuma alegria? Arlequim, arlequim de retardatários amores na madrugada fresca de quarta-feira, que irás dizer às amadas doutros carnavais? E

⁵⁷ Refrão de *Agora é cinza*, samba de Bide e Marçal/1934.

Folios do Carnaval

tu, folião anônimo, de amor vário e fugaz, guardaste o sorriso das princesas, das escravas e das odaliscas?

Aqui fora a vida continuou inexoravelmente, marcando na fronte os sulcos para uma colheita horrível, a dos anos vindouros. Enquanto brincavas, trôpego folião, o mundo marchava. A lua deslizava no tapete azul, anunciando o triunfo do homem. No Vietnã, a morte continuou como um ato diário e invencível. Os jornais noticiam que morreram dezenas de seres humanos, e que em Baraúna, no Rio Grande do Norte, em mil nascimentos morrem trezentas crianças, antes de completar um ano.

E tu, pobre travesti de milionária fantasia, não cansaste de desfilar o macerado corpo pelos palcos da vida que erigistes em perene carnaval?

A manhã virá linda e o orvalho vai molhar os cabelos da intangível mulher. A tristeza corta a alma, como adaga afiada, enquanto a gasolina sobe e a esperança desce.



O trabalhador f^úr^{al}



Da região para São Paulo, de São Paulo, para a região, os mais ousados melhoram, apenas, a conversa, que ganha um ligeiro e ridículo sotaque à paulista.

Em todas as discussões que se travam em torno do problema cacau, um nome é esquecido, talvez deliberadamente: o do trabalhador rural. Para ele, a crise é a mesma, se faz sol ou se chove; se há podridão, ou não; com Ceplac ou sem Ceplac; se a safra é boa ou ruim.

No eito, de sol a sol, ele espera o domingo, quando visita os compadres e bebe uma cachacinha, que o abate ainda mais, ele subnutrido. As calorias que consome por dia estão abaixo do normal exigido. Sua alimentação consiste em feijão, farinha de mandioca e, às vezes, miúdos de boi. Carne mesmo, só por acaso, ou nem dia de eleição.

Ganha, mensalmente, uma média de 60 cruzeiros novos, trabalhando os cinco dia da semana. Com família, quase sempre, numerosa, ele é um gênio das finanças, pois consegue equilibrar o orçamento, sem neuroses nem infarto do miocárdio. Se fôssemos mais inteligentes, nomearíamos um deles para Ministro do Planejamento e da Fazenda, e estava salva a Pátria.

É, contudo, um homem cheio de esperanças. Acredita nos políticos, embora varie de gosto a cada eleição, a cada desencanto. É um otimista. Crê que a coisa vai melhorar. Da região para São Paulo, de São Paulo, para a região, os mais ousados melhoraram, apenas, a conversa, que ganha um ligeiro e ridículo sotaque à paulista.

Em face de sua grande mobilidade social, é difícil precisar o seu número. Nenhum estudo, ao que se sabe, foi feito a seu respeito, embora a região conte com uma escola de sociologia, e a Ceplac tenha um departamento de pesquisas sociais.

O trânsito

labalhador futebol

Abandonado, ele vai vivendo, graças a Deus, em quem acredita, como seu irmão da Idade Média, o servo da gleba. Velho, triste, doente e alquebrado, ele chega ao fim da vida como um farrapo humano, sem amor, sem bens e sem história.



Os homens vazios

Os homens olharam os palacetes,
onde mulheres e homens, depois
de uma noite de festa, dormiam o
tranquilo sono burguês.

Os homens levantaram-se das camas duras, passaram água nos olhos, escovaram os dentes com dentífrico americano, tomaram café sem leite e esperança. Apanharam a marmita e ganharam a rua. Esperaram o ônibus das 6h45. Este chegou com a mesma cor de todos os dias, com seus avisos e propagandas. Os homens subiram automaticamente – aquele era o ônibus das 6h45. O ônibus correu pelas ruas e avenidas. Os homens olharam os palacetes, onde mulheres e homens, depois de uma noite de festa, dormiam o tranquilo sono burguês.

“Faça o favor, cavalheiro”, “É proibido fumar”, “Viva feliz com as pílulas...”, “Olhe o ponto, motorista”.

Os homens saltaram e entraram nos lugares costumeiros. Assinaram o ponto e trabalharam.

Meio-dia. Os homens descansaram. Almoçaram suas marmitas frias e conversaram muito. Falavam de coisas banais e de coisas que o patrão não gostaria de ouvir. Alguns não falavam, apenas sonhavam.

Ao anoitecer, os homens regressaram no mesmo ônibus de sempre, olhando as mesmas caras de todos os dias, recebendo e distribuindo empurrões, soltando os palavrões habituais.

Chegaram em casa sujos e cansados. Comeram alguma coisa e alguns foram para o bar mais próximo. Outros foram dormir. Os filhos choraram durante a noite e os homens não tiveram forças para acalentá-los.

Os homens levantaram-se das camas duras, passaram água nos olhos, escovaram os dentes...

Os homens

homens vazios

... e, assim, todos os dias, em todos os anos,
com os mesmos homens, repete-se esta história chata e cruel.

erna esperança

7

323



A notívaga muricoca

Vejo que estranho e
maravilhoso é o mundo.
Belo e trágico. Histriônico e
maltrapilho. E então, perquiero
sobre o mistério da criação.

Deitar-se eternamente em berço esplêndido e divagar, eis o supremo sonho da espécie humana. De-vagar e sempre, eis o lema de todo homem de bom senso. Sentado nesta espreguiçadeira, vou enchen-do o ócio dominical com problemas de alta transcendência. Perco-me em longas divagações gnoseológicas. Aborrecia-me um problema há muito tempo: qual a origem daquele zumbido da muriçoca. Finalmente consigo apanhá-lo. Per-corro ilustres tratadistas, enciclopédias, escritores de todas as escolas e sem escolas também. Sinto-me um predestinado. Quero legar às gerações futuras essa sensacional descoberta, fruto de minhas especulações metafísicas.

Vejo que estranho e maravilhoso é o mundo. Belo e trágico. Histriônico e maltrapilho. E então, perquiri sobre o mistério da criação. Por exemplo, como a muriçoca adquiriu aquele singular zumbido. Em tempos imemoriais ela era muda. Pertencendo à ilustre família dos culicidas, re-cebeu na pia batismal o nome de *Diptero hematofago*, que, por ser feio demais, foi popularizado para muriçoca. Como todo brasileiro, recebeu diversos apelidos: meriçoca, muru-çoca, sovela, pernilongo, carapanã-pinima e jatium.

Cientistas do mundo inteiro investigaram a origem daquele barulhinho chato que ela faz perto de nossos ouvidos. É um problema de conotações metafísico-musicais digno da atenção dos gênios os mais cabeludos, que se aca-bam nos laboratórios, enquanto vocês, sôfregos leitores, deliram no carnaval.

Quem disser que o problema é de somenos im-portância, ou é da oposição sistemática ou tem o ouvido torto.

Não há esse bom que não tenha sofrido com a muriçoca. O cidadão deita, após um dia de exaustivo trabalho, “com um cheque para cobrir” na cabeça e, a noite toda, é um tal de rumar a mão na cara e soltar aquela que é, na opinião dos filósofos e quejandos, a maior interjeição da língua portuguesa, já com algumas versões para o árabe, o ídiche, o javanês e o inglês, claro.

O espaço não dá para fazer um resumo das pesquisas efetuadas em torno do assunto, em que utilizei uma equipe de sábios os mais sabidos. Meu *Tratado de Muriçocologia* estará em breve nas melhores livrarias do país, assim conclua o décimo volume. Este último volume trata (eis um verbo no lugar certo) de refutar, em 2.500 páginas, a teoria do japonês Henxi Sako, que defende a tese de que o zumbido da muriçoca surgiu como acalanto para ninar as noites dos insones. Eta, alienaçãozinha boa...

Para saciar a curiosidade dos leitores, vou explicar, em síntese, o que se deu. Deu-se que conhecido gordo desta amada cidade costumava dormir com a cabeça descoberta e verificava todas as manhãs diversas manchas vermelhas no rosto. Resolveu cobrir a cabeça, deixando os pés descobertos. A muriçoca procurou um lugar para morder, só encontrando os pés do nosso herói. À mordida, reagiu, ante o odor, com aquele secular zumbido, que é pequeno tormento de nossas noites: *tuimmmmmm...*

Quem quiser saber maiores detalhes, que compre meu *Tratado de muriçocologia*, à venda nas melhores livrarias. Só nas melhores, advirto.

tívaga
muriçoca

erna esperança

7

327



Um bicho solitário

Nada temos com os
tuberculosos, nem com
as bombas atômicas, nem
com os analfabetos do
nossa amado Brasil.

Uma chuva interminável nos confrange. Na casa, como bichos, nos abrigamos. Somos sal e pedra. Nada nos atinge, a chuva, o frio, o vento, nem o desespero do mundo. Somos bichos amargos tecidos em pedra. Lá fora, podemos desviar o olhar pudico das dores do povo. Mas custa o gesto. Em nossa furna, não vemos o mundo em sua gelatinosa realidade. Com um movimento repulsivo fechamos o jornal que fala de mortalidade infantil, tuberculose, verminoses. Nada temos com os tuberculosos, nem com as bombas atômicas, nem com os analfabetos do nosso amado Brasil. Pelo menos, tentamos nos convencer. O Papa fala da miséria do mundo e da fraternidade universal. Silenciamos o rádio. A casa é o asilo inviolável do indivíduo. Debaixo de nossos cobertores não ouvimos o choro do mundo. Lá fora a cidade imersa na chuva e em sua tranquila tristeza. Seus varões e suas mulheres ilhados em sua própria casa, fortaleza inexpugnável feita de angústia e egoísmo. Triste arquipélago. Somos animais acuados, mansos bichos solitários que se retesam contra o mundo. E uma chuva interminável nos confrange.

As mulheres estão ficando mais tristes. Eis que é chegado o inverno. As mulheres se escondem em seus agasalhos. No verão, elas são mais alegres, mais exuberantes de vida. O sol lhes doura a pele e ilumina a alma. Ah, essa nostalgia do verão, das praias. Quando nos deparamos com um desses estonteantes exemplares, ficamos gratos à Polícia que permite trafegar pelas ruas pessoas tão subversivas.

Elas subvertêm todos os nossos valores éticos e estéticos. As belas mulheres são eloquentes testemunhos de

bicho solitário

vida. Só nos resta desejar que este inverno seja breve e leve. Que tenhamos forças para esperar o verão. Que nosso guarda-chuva infiel não nos abandone no primeiro boteco. Que o pobre tenha esperanças e ânimo de luta. Que haja mais perdão e tolerância. E mais amor, pois o amor é a vitória da vida contra a morte. Que os homens se proponham a fazer a vida plena de luz, de calor humano, de beleza.

Na verdade, para certas mulheres, é sempre belo e eterno verão. O inverno talvez esteja em nós.

erna esperança

7

331

1

Tranquillamente

Tranquilo estarei,
porque cada dia mais me
convenço de que certo
estava o sábio, ao dizer
que não há noite que não a
vença o dia.

Dormirei tranquilo esta noite, porque o serviço de meteorologia avisa que os ventos são favoráveis, o amanhã será bom e a distensão política tende a melhorar, se o MDB se comportar.

Tranquilo, porque voltei a estender as mãos a poucos e renitentes leitores que, lendo as minhas mal traçadas linhas, dirão, por certo: ele escreve suas bobagens, mas não é mau sujeito. E perdoarão uma ou outra covardia e os meus momentos de tédio e aborrecimento.

Dormirei tranquilo, bela e inacessível mulher, porque a revi por um instante apenas, é verdade, mas desses instantes que inundam a vida do seco coração de um homem perplexo ante a brutalidade do cotidiano.

Tranquilo estarei, porque cada dia mais me convenço de que certo estava o sábio, ao dizer que não há noite que não a vença o dia. O que é preciso é não perder o caminho da aurora, mesmo quando a escuridão tenta prolongar-se, massacrando os vagalumes e contornando a lua, porque há sempre, na noite densa, alguém que diz não.

Dormirei tranquilo, porque aprendi com um sábio hindu que se misturar pé de espinheiro-de-leite, árvore kantaka, excremento de macaco e raiz em pó de langalika – e jogar essa mistura numa mulher, ela o amará para o resto da vida. Amemos, pois, amados leitores, porque o amor nos liberta da miséria humana.

Tranquila para mim será a noite, porque todos parecem perceber agora, como o cantar do poeta, que o que fermenta o medo e a rebelião é o esperar prolongado e mais

inquietamente

aflito do filho, sem saber se trará o pão ao pai que a vida toda
plantou o trigo.

Dormirei tranquilo esta noite, com um disco
de Chico e um poema de Drummond.

erna esperança

7

335



Manoel, o confinado

Quem nunca sonhou em
ficar num lugar isolado,
junto com as pessoas e as
coisas de que gosta?

Aúltima palavra em prisão é “confinamento”. Dele já provou o confrade Hélio Fernandes, enquanto Flávio Tavares, da *Última Hora*, descansa numa prisão militar, confortavelmente protegido pelo Exército.

De um tipo de confinamento a outro a diferença é pouca. Em melhores condições está Hélio, pois recebe a visita da mulher. E homem sem mulher é como peixe sem água. Que o diga Flávio Tavares.

Contudo, a vida está tão dura aqui fora que o confinamento do jornalista da *UH* é mais invejável. Parece uma ilha, cercado de militares por todos os lados. Ali, não o procura gente chata, cobrador, amigo falso. Estou fascinado com o confinamento dos jornalistas. Não vejo razão para lamentos.

Com a situação aqui de fora, só um imbecil não estaria sonhando com uma ilha deserta. Esse sonho, aliás, me persegue há muito tempo. Serei o Robinson Crusoé redivivo em qualquer dessas sextas-feiras. Quem nunca sonhou em ficar num lugar isolado, junto com as pessoas e as coisas de que gosta?

Manuel Bandeira, xará e muito mais poeta, sonhou com Pasárgada, onde ele era amigo do rei. Alguns sonham com Paris, Rio de Janeiro, Nova Iorque, Moscou, Cuba e Honolulu. Outros se imaginam na praia, no campo, fazenda de gado. Eu não quero Piraçununga (ou Pirassununga?) nem Fernando de Noronha. Quero uma ilha deserta, para onde levarei as coisas e as gentes que me são caras.

Com a nova instituição democrática do confinamento, tudo ficou mais fácil. Basta mandar brasa no governo, e pronto, ganha-se, gratuitamente, uma linda e

noel, o confinado

atraente temporada turística numa ilha qualquer. Se o governo deixasse a gente escolher o lugar, eu tentaria.

Estou já preocupado com minha bagagem. Certamente levaria o volume *Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, meu primeiro livro de leitura; alguns amigos, poucos e sinceros; o segredo da mais amada das amadas; uma miniatura da estátua da liberdade, sem qualquer ironia; as músicas de Caymmi, principalmente a que diz ser “doce morrer no mar”; os Atos Institucionais, para um estudo mais profundo da alma humana subdesenvolvida; levaria você, Amada, para a ilha onde não há momentos de tédio nem de aborrecimento. Por fim, já ia me esquecendo, levaria minha guarda militar, pois confinamento que se preza tem que ter policiamento. Levaria um pelotão da Policia Feminina, sem quaisquer intenções, ou melhor, sem segundas intenções.

N

Minhas histórias

Sei coisas tristes. De homens
desabraçados. De mãos fugindo
do aperto. Do beijo frustrado
no lábio intocado. De lenços,
acenando nas partidas.

A gente vai vivendo e aprendendo. Aprende-se, primeiro, em casa, depois na escola; mais tarde, na vida. Há coisas que não nos ensinam, mas aprendemos. Coisas individuais, pequenos e grandes mistérios do homem, do mundo. Há gente que sabe alguma coisa, poucos sabem tudo e muitos nada sabem. Eu sei muitas coisas. Importantes e insignificantes. Mas, coisas minhas.

Sei, por exemplo, de criança cantando antigas canções, numa infância remota. Sei histórias de mulheres. A de Lurdinha, a de Araci, a de Ninha, a de China e a de outras noturnas mulheres de olhos infinitamente tristes. Olhos que nos falam de miséria, incompreensão humana e desespero.

Sei também, um preto velho me contou, que todo homem mau vira lobisomem. Sei histórias de assombração.

Sei coisas tristes. De homens desabraçados. De mãos fugindo do aperto. Do beijo frustrado no lábio intocado. De lenços, acenando nas partidas. Sei histórias de desamor, de tédio e desesperança. Sei histórias de guerra. Sei Hiroshima.

Sei também histórias de ternura e pureza, como a de Leda, a que foi anjo de procissão e hoje é anjo no céu.

Sei de um menino chorando na praia deserta. O mar teve pena dele e veio. Levou-o. E o menino é hoje o mais alegre peixinho que habita as águas de Iemanjá.

Sei estórias que entraram pela perna do pinto e saíram pela perna do pato, e o Senhor El-Rei mandou que só contasse até quatro.

M
I
D
L
S

minhas histórias

Sei densos mistérios das noites de encantamento da Bahia, quando os atabaques anunciam a libertação dos fantasmas dos antigos escravos que povoam a Cidade do Salvador.

Sei as lendas de Lampião, Antônio Silvino e Lucas da Feira (heróis ou bandidos?) que atormentaram meu sono de menino.

Sei mais coisas ainda. Só não sei uma coisa. Não sei, ó Morte, os teus caminhos, não sei que chão ou que céu recebe o carinho dos teus passos.



A P̄indesejada

Foi aí, ó Morte, que reconheci
Tua vitória. A vida não é mais
do que um instante fugaz.

Era assim pelas seis horas, quando a tarde anoitecia. O lusco-fusco das horas dolentes. Os sapos não coxam na lagoa. As mulheres contritas na Ave-Maria. Os plácidos bois pastando na campina. O casal de namorados, de mãos dadas, contempla a fugacidade dos dias iguais. O homem caminha, passos de dúvida, no chão dormente das tarde morrediças, buscando a aurora entressonhada. Um nó na garganta, que vai esquentando até a véspera do pranto.

Uma sufocação geral e a vontade indomada de ir embora para não sei onde. E o homem se sente só e desamparado. É na mansidão das horas tardias que o homem tem consciência de sua própria solidão. A cigarra cantando na tarde morrente, pobre tarde, marca o compasso da dor humana.

Foi aí, ó Morte, que reconheci Tua vitória. A vida não é mais do que um instante fugaz. É necessário sorvê-la aos poucos, para que não se extinga. Vivê-la lentamente e nos monótonos dias semelhantes.

E eu ergui os olhos desertos de lágrimas. Perto, os amigos cantam e bebem a vida, esquecidos de que a vida é o caminho da morte. Aqui, outrora, os mais velhos da cidade beberam e cantaram. Amanhã, outros virão cantar. Os instantes imperecíveis saltam para dentro de minhas retinas. O sentimento da tua presença encrava-se na lembrança. A memória fixa o momento para o absurdo da saudade. Breve, mudarão os bancos, as mesas, os fregueses, também os olhos de garapa da empregada. Por isso ninguém olha tua face vitoriosa. Onde está, ó Morte, teu prazer?

A Phndesejada

E sentimos nossa fragilidade. Descobrimos que estamos sós. Que somos simples crianças perdidas na solidão da praia deserta. Os fantasmas dos amigos mortos desfilam em nossa mente, lembrando a efemeridade da vida.

O olho enorme de Deus vigia nossos passos de angústia. A tortura de Sua ausência nos atinge, como uma forte rajada de vento na noite tempestuosa.

Uma voz chama baixinho nossos nomes. É tua voz, esquálida voz, inexorável. Nos preparamos, como o poeta, para tua chegada:

*Quando a Indesejada das gentes chegar
(não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
— Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer
(a noite com os seus sortilégios).
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
a mesa posta, com cada coisa em seu lugar.⁵⁸*

⁵⁸ Na citação que o cronista faz de “Consoada”, poema de Drummond, foram omitidos os dois versos entre parênteses.

A

A súbita tragédia

A Indesejada colhe Manoel
Lins em 1975, aos 38 anos
(mais dois meses e cinco dias)
em plena ascensão pessoal
e profissional.

A OPINIÃO PÚBLICA DA

11 - Itabuna, Quinta-feira,

Morte de M... Constern...

**Manoel Sampaio Lins, adv...
militante em Itabuna, 2**

**INFORMAÇÕES
E NEGÓCIOS**

ANO IX — 13 de Abril de 1975 — N° 407 — Itabuna — Bahia

Mundo cultural grapiúna perde com Lins um de seus maiores expoentes

O mundo cultural itabunense está de luto. Morreu, na última quarta-feira, dia 9, vítima de violento acidente automobilístico, numa passagem de nível em Santo Amaro, quando seu carro foi abalroado por uma locomotiva, o conhecido advogado, jornalista e funcionário federal Manoel Sampaio Lins. Uma das maiores expressões culturais em nosso meio, advogado militante e de grande conceito, professor de Direito Constitucional na Universidade de Santa Cruz, autor do livro de crônicas "O Menino Aluado", Lins — como era conhecido nos meios intelectuais e jurídicos — deixou mulher e 2 filhos, além de um enorme vazio nos setores da arte e da cultura grapiúna.

Manoel Lins diplomou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, tendo sido colega de turma do cineasta Gláuber



Tribuna do Cacau

64 - A OPINIÃO PÚBLICA DA REGIÃO CACAUERA 75
Ano 11 - Itabuna, Quinta-feira, 10 de Abril de 1975 - N° 2831

Morte de Manoel Lins Consternava Itabuna

Manoel Sampaio Lins, advogado militante em Itabuna, 2 filhos, funcionário do DNER, professor de Direito Constitucional na Universidade de Santa Cruz, fundador e sócio efetivo da Sociedade Itabunense de Cultura, faleceu na última terça-feira, vítima de um acidente.

Poesia de Telmo Padilha vista por Drummond

Carlos Drummond de Andrade, o maior poeta vivo do Brasil, recentemente apresentado como candidato ao Prêmio Nobel de Literatura, emitiu o seguinte consagrador parecer sobre os ilustres "Onde Tombam os Pássaros" e "Ementário", de Telmo Padilha, recém-lançados por uma

editora do Rio de Janeiro: "Em ambos, principalmente no segundo livro, a poesia se faz sentir e amar pela concentração e pelo poder de toque: poesia que se comunica".

Drummond se refere, ainda, ao poema "As Impurezas do Branco", incluído em "Ementário" e inspirado no seu último livro, classificando-o de "lapidar".

O depoimento de Carlos Drummond de Andrade sobre a poesia de Telmo Padilha assume relevância maior quando se sabe que ele quase nunca opina sobre poetas, mesmo aqueles que mais admira.

do, a SIC, reunida extraordinariamente na tarde de ontem, resolveu suspender a exibição do filme "MORRER DE AMOR", que seria exibido na noite de hoje, às 22 horas, no Cine Marabá, como pesar pelo falecimento de um dos seus fundadores.

Manoel Lins, tam-

tro "O Menino

eu corpo ve-

rum Rui Bar-

de, a partir

de, devendo

o de mais

Cemitério

A família

ncias dos

ários da

A exce-

Rocha, entre outros. Funcionário do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), há muito vinha igualmente desportando como um dos melhores advogados, de ampla clientela e idoneidade moral e profissional inatacável. Cronista dos melhores do país, escrevia no SB — Informações e Negócios, tendo se afastado por uns tempos da militância jornalística para atender às conveniências de sua profissão. Fundador, sócio efetivo e consultor jurídico da Sociedade Itabunense de Cultura, a contribuição cultural de Manoel Lins (o Pedro Macuco das crônicas de jornal) foi das mais significativas. A região ainda está sentindo o grande pesar pela perda de um de seus filhos mais ilustres, alagoano de nascimento e baianense/itabunense de coração. (Leia "Lins: Um Humanista Desaparecido", na última página desta edição). A foto é de Sabino.

Acidente mata advogado itabunense

Morreu às 12 horas de ontem, no Pronto Socorro do Hospital Getúlio Vargas em Salvador, o advogado itabunense Manoel Sampaio Lins. Ele foi vítima de acidente na Rodovia Santo Amaro — Salvador, quando no cruzamento da Estrada de Ferro Leste Brasileiro, seu carro se chocou com uma locomotiva.

Manoel Lins foi transportado para a cidade de Santo Amaro, depois para Salvador, onde já chegou em estado de coma, vindo a falecer ao meio-dia.

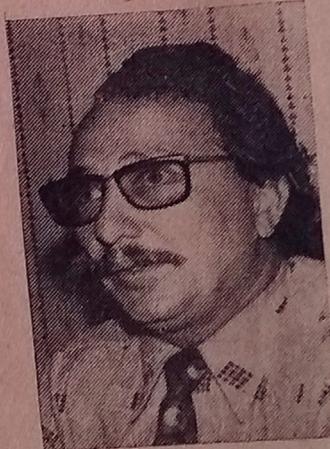
Seu corpo foi transladado para esta cidade, sendo velado por colegas, parentes e amigos no saguão do Forum Rui Barbosa, ocorrendo o sepultamento na tarde de hoje.

QUEM ERA

Nascido em União dos Palmares, Alagoas, em 4 de fevereiro de 1939, veio para Buerarema aos cinco anos, onde sua família fixou residência. Em Macuco passou toda a sua infância e fez o curso primário. Formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, turma de 1964.

Em Salvador foi também jornalista no 'Jornal da Bahia', mas como funcionário do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem foi transferido para Itabuna, onde passou a advogar para várias empresas e firmas comerciais.

Deixou dois livros publicados, 'Menino Aluado', uma coletânea de crônicas e 'A responsabilidade dos Prefeitos à Luz da Lei 201'. Aqui colaborou ainda com vários jornais, as-



sinando uma crônica semanal com o pseudônimo de 'Pedro Macuco'.

UNIVERSIDADE

Ser professor universitário era um dos seus sonhos, e há apenas um mês tinha assumido a Cadeira de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da Fespi, onde vinha se destacando como um bom professor.

Manoel Lins era casado com a professora Ivone Cavalcante Lins que lhe deu dois filhos. Ele deixou vários irmãos dentre os quais Fernando Lins, Prefeito de Buerarema, Linsmar Lins, noticiarista da Televisão Aratu e Ernóel Lins, funcionário do Banco do Brasil e locutor de rádio em Salvador. Era filho de Idelfonso Carvalho Lins e de D. Maria Olávia Sampaio Lins, residentes nesta cidade.

Mundo curioso Lins um de seus maiores

Na quinta-feira, 10 de abril de 1975, o *Diário de Itabuna*, principal jornal da região, deu em sua manchete de primeira página: “Acidente mata advogado itabunense”.

O texto, considerando a dificuldade de apuração na época (sem internet e com telefonia precária), reunia fártas informações, com alguns desvios, perfeitamente justificáveis:

“Morreu às 12 horas de ontem, no Pronto-Socorro do Hospital Getúlio Vargas, em Salvador, o advogado itabunense Manoel Sampaio Lins. Ele foi vítima de acidente na Rodovia Santo Amaro-Salvador, quando, no cruzamento da estrada de Ferro Leste Brasileiro, seu carro se chocou com uma locomotiva.

Manoel Lins foi transportado para a cidade de Santo Amaro, depois para Salvador, onde já chegou em estado de coma, vindo a falecer ao meio-dia.

Seu corpo foi transladado para esta cidade, sendo velado por colegas, parentes e amigos no saguão do Fórum Rui Barbosa, ocorrendo o sepultamento na tarde de hoje”.

Em seguida, o jornal informa que Lins nasceu em União dos Palmares, Alagoas, em 4 de fevereiro de 1939,⁵⁹ aos cinco anos veio para Buerarema, ali fez o curso primário, formando-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, turma de 1964. Cita ainda o *DI* o trabalho de Manoel Lins no

⁵⁹ O equívoco repetido: ele nasceu em 1937.

DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) e no *Jornal da Bahia*, e que, em Itabuna “passou a advogar para várias empresas e firmas comerciais”.

O jornal faz referência também ao livro *Menino aluado* (publicado em 1968) e à monografia *A responsabilidade dos prefeitos à luz da Lei 201*.⁶⁰

Esta informação fecha a matéria: “Era filho de Idelfonso Carvalho Lins (um erro recorrente: o nome é *Ildefonso*) e de D. Maria Otávia Sampaio Lins, residentes nesta cidade”.

Brilhante advogado

O tabloide *Tribuna do Cacau*, na mesma data, dedicou cerca de 35% do seu pequeno espaço da primeira página ao trágico acidente de Santo Amaro: “Morte de Manoel Lins consterna Itabuna”, diz a manchete. Cheia de boas intenções, a notícia consagra erros existentes em apressadas biografias sobre Lins. Diz que ele era filho de Buerarema (na verdade, de União dos Palmares/AL) e autor de *O menino aluado* (o título é *Menino aluado*). Lembra o jornal ser Lins “funcionário do DNER, professor de Direito Constitucional da Universidade de Santa Cruz (*sic*), fundador e sócio efetivo da SIC – Sociedade Itabunense de Cultura (SIC)” e que

⁶⁰ Não encontramos o título mencionado. É provável que o jornal se refira a *O vereador em face do Decreto-Lei nº 201/67*, de 1969, ou *Estudos de direito municipal* (sete comentários), de 1972, publicados por M. L.

“vinha se projetando como um brilhante advogado, além de ser um dos melhores cronistas do Sul da Bahia”. Noticia a TC que “a SIC, reunida extraordinariamente na tarde de ontem, resolveu suspender a exibição do filme *Morrer de amor*,⁶¹ que seria exibido na noite de hoje, às 22 horas, no Cine Marabá, como pesar pelo falecimento de um dos seus fundadores, onde exercia o cargo de consultor jurídico”.

Idoneidade inatacável

O mítico SB – *Informações e Negócios*, editado pelo jornalista Nelito Carvalho, chega às bancas no dia 13, com uma manchete que não deixa dúvidas sobre o grande dano que a morte causara aos meios intelectuais da região: “Mundo cultural grapiúna perde com Lins um de seus maiores expoentes”.

O texto se refere a Manoel Lins como “uma das maiores expressões culturais em nosso meio, advogado militante de grande conceito, professor de Direito Constitucional na Universidade de Santa Cruz (*sic*)”.

Mais adiante, o jornal destaca Lins como um dos melhores advogados, de ampla clientela e de idoneidade inatacável, além de “cronista dos melhores”.

⁶¹ Filme francês (*Mourir d'aimer*, no original), de 1971, dirigido por André Cayatte. Trata do envolvimento amoroso de uma professora e seus alunos, tendo como pano de fundo os protestos de maio de 1968, em Paris.

Após mostrar um currículo preciso do seu colaborador – que “deixa mulher e dois filhos, além de um enorme vazio nos setores da arte e da cultura grapiúnas” – o SB conclui: “A região ainda está sentindo o grande pesar pela perda de um dos seus filhos mais ilustres, alagoano de nascimento e bueraremense/itabunense de coração”.



Considerandos

Amigos, colegas e familiares de
Manoel Lins, em oportunidades
diversas, ao longo desses
40 anos, prantearam a
ausência do cronista.

7

Manoel Lins
O canto da eternidade

A Manoel, com saudade

Maria Otávia Sampaio Lins, mãe

Aqui eras um sol de primavera
Primavera de luz, de sol tão purpurino...
Alegre, disposto – e ainda eras,
Dentre outros, um forte e bom menino.

Cresceste, foste moço dedicado,
Lutaste em prol de um direito adquirido,
Chegaste a ser grande advogado
Para servir a um povo tão querido.

Foste sempre bom filho e bom irmão,
Muito forte, cuidadoso, não covarde,
Pois tinhas na alma coração,
Cabeça e pensamentos, sem alarde.

Quero aqui prestar minha homenagem,
Agradecendo a alguns amigos teus
Que nos jornais ainda lembram tua imagem
Todos bem-vindos, também amigos meus!

Uma palavra aqui quero dizer:
Paulo Gustavo, Pedro Afonso, os teus filhos,
Relíquias do teu lar, meu bem-querer,
Neles se refletem os teus brilhos.

A Ivone, minha gratidão, por ter orientado os meus netos, preparando-os para um futuro com dignidade e caráter.



A Matriarca

Dona Otávia, mãe dos Lins, comemorou 101 anos em dezembro de 2016, quando ganhou da filha Ildemar a publicação de textos que estavam engavetadas (*Meus amores*. Maceió/AL: Gráfica e Editora Mascarenhas). Em foto de 1999, ela e o organizador deste livro.

360

7

Manoel Lins
O canto da eternidade

Brincando com os pássaros

Em sua coluna “Conversa de terraço”, no *SB* (11 de maio de 1975), Eduardo Anunciação (que se tornaria, em anos vindouros, o mais lido cronista político da região) diz que foi chamado para substituir Manoel Lins, “mui conhecido como Pedro Macuco, golpeado absurdamente pela vida” – mas que se recusa a fazê-lo:

“Assim sendo, sendo assim, prefiro não falar em substituição. Digamos, digamos, por exemplo, que o cronista maior destas bandas, o advogado decente e brilhante, necessitou fazer uma viagem mais demorada em terras distantes, apreciar as ondas de longínquos mares, brincar com os pássaros em outras árvores, defender os fracos e oprimidos em outras Juntas de Conciliação, porque, aceitando o convite desse modo, ou a meu modo, posso amenizar minhas dores e fazer de sua ausência, da ausência de Manoel Lins neste espaço, um acontecimento passageiro, que tão logo será regularizado com o regresso do seu titular.

(...) Afinal de contas, Manoel Sampaio Lins está passeando por aí, com uma gravata mal arrumada na gola da camisa esporte, um monte de jornais ou processos embalado no braço. Ele está por aí, papeando política em qualquer esquina. Eu o vejo brincando com os pássaros nas serras esverdeadas de Buerarema, ou Macuco, como queiram, onde, de galho em galho, nuvens batem em seu rosto avermelhado com suas mensagens de paz e ternura. Ou ilusões. Então, por favor, deixem-me iludido diante do real, porque, meus amigos, a realidade é imensamente louca.”

SÉLHO PENT
ATRONATO DE PRESOS

N.R. Manoel

ampião Lins
do Patronato de Presos e Egressos
E. da Bahia
19 set. 1961



EEF MONTE
DEL SAMPAIO LINS
INAUGURADA NA AG
MPAIOLINS-PREFE
BISPO DOS SAN
E-PREFEITO

lina
Nome
Título
de
Colação
Nacion
Filiação
Assinatura do Titular da Carteira

Nome
Título
de
Colação
Nacion
Filiação
Assinatura do Titular da Carteira



“Só tenho tristeza”

Manoel Lins foi vice-presidente da OAB – Subseção de Itabuna, de novembro de 1974 até a morte, em abril de 1975. A Ordem local tinha como presidente e secretário, respectivamente, os advogados Rafael Briglia e Gabriel Nunes. Dr. Rafa, como é tratado pelos amigos, guarda ótima impressão do seu vice. “Manoel Lins era muito simpático, estudioso, corajoso e preciso – não perdia tempo com o que não interessava”, relembra. Para o ex-presidente, a essas qualidades Lins somava “um forte sentido de solidariedade de classe”.

Conta Dr. Rafa que, por iniciativa do vice, chegou mesmo a fazer um encontro na OAB, iniciando um programa de integração que, segundo Lins, “pretendia unir a classe, para que o problema de um advogado de Itabuna fosse problema de todos os advogados de Itabuna”.

“De Manoel, só tenho tristeza”, lamenta, por não ter fotos ou documentos, pois a convivência dos dois foi muito curta. “Era uma liderança emergente, um nome novo, sinalizando mudanças na ‘velharia’ que dirigia a Subseção, tinha futuro brilhante, como advogado, professor e líder classista, só que o Destino não quis que esse potencial fosse realizado”, deplora. “Quando ele morreu, naquele acidente em Santo Amaro, eu estava em Salvador, para onde ele ia, e sofri muito com notícia, difícil de acreditar”, depõe Dr. Rafa.

Buerarema em construção

*Linsmar Sampaio Lins**

O grande desejo de Manoel era prestar concurso para juiz substituto, pois isto lhe daria tempo para escrever, sua grande paixão. Devido às ligações dele com a esquerda, não conseguia se inscrever. A coisa estava braba, naquele tempo.

Certa vez, logo após os militares assumirem o governo, fui visitá-lo na pensão onde ele morava (Avenida Sete, 8 – Ladeira de São Bento) e vi na cabeceira da cama um livro do Papa Pio XII. Suponho que era uma forma de enganar os que fossem vasculhar seu quarto, afinal ele era, na época, redator do jornal *Unidade*, do Diretório Estudantil da Faculdade de Direito da UFBA.

De outra feita, fui a um departamento do Exército em Água de Meninos (já não lembro o porquê) e um militar me chamou a um canto, para mandar um recado, a propósito das pretensões de Manoel:

– Diga a seu irmão que é melhor ele desistir – disse o oficial, sem nenhuma sutileza.

Infelizmente, tenho pouca coisa sobre meu irmão, de quem tanto gostávamos. Cheguei a ter, entre os meus guardados que o tempo e a vida destruíram, um esboço manuscrito de *A cidade em construção*, o livro que ele planejava escrever sobre Buerarema. Era um grande cara, muito admirado, muito querido, parece que, como se fosse hoje, ainda

o tenho em minha frente. Foi muito triste ter que levá-lo de Salvador para o sepultamento em Itabuna, coincidentemente, no dia do primeiro aniversário do meu filho mais novo.

* Jornalista. Irmão menor de Manoel Lins

Primeiro o texto; depois, o autor

Depõe Ramiro Aquino, jornalista, radialista e membro da Academia Grapiúna de Letras (AGRAL):

“Conheci os textos admiráveis de Manoel Sam-paio Lins (ou Pedro Macuco, como queiram) um pouco an-tes de conhecê-lo pessoalmente. Da família, já conhecia o irmão Ernandi e, mais tarde, outros da prole, como o craque de futebol Amail e o bancário Ernoel.

Manoel era dessas figuras com quem dava gos-to conviver. Humilde, tímido (até conhecer melhor a pessoa), bom papo e um dos melhores textos que já tive o prazer de ler.

O ‘Menino Aluado’ não era uma pessoa co-mum. Sua intelectualidade não parecia combinar com sua atividade de funcionário público do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), mas sim com a de jorna-lista e de escritor talentoso.

Conversar com Pedro Macuco era como beber água límpida, sorver o néctar da cultura, do conhecimento, da sabedoria.

Manoel foi efêmero. Nos deixou muito cedo quando ainda tinha tanto a produzir. De 1965 guardo comigo ‘O homem e o mar’ (SB, 25 de dezembro), quando o ho-mem triste ‘contempla a eternidade do mar e a efemeridade da vida’.”

Ou quando, ainda, descreve conceitualmen-te a literatura (SB, 8 de agosto) ‘Só o homem desprovido de

consciência histórica pode compreender o mundo como um campo em ruínas'.

Assim era Manoel Sampaio Lins, por sobrevivência funcionário público, que viu muito cedo que as estradas da vida, não as do DNER, o levariam melhor à literatura e ao jornalismo".

A última viagem

O advogado itabunense Gabriel Nunes era muito ligado a Manoel Lins. Amigos e colegas, foram dirigentes da OAB-Itabuna no mesmo período, estiveram juntos na véspera do acidente fatídico. “Ele me disse que aquela era sua última viagem”, Gabriel anota, como se fosse uma premonição. “É que Lins não gostava de estar a todo momento na estrada, o que tinha de fazer, devido à necessidade de defesas, audiências, sustentações, essas coisas que dependiam da presença dele, sobretudo em Salvador”, explica. O autor de *Menino aluado* era, naquele começo de 1975, uma estrela em ascensão, com grande carga de trabalho: advogava para prefeituras, empresas e o Sindicato dos Bancários de Itabuna, escrevia para jornais e ministrava aulas de Direito Constitucional (substituía o professor Soane Nazaré de Andrade nessa cátedra) na Fespi.

Manoel Lins tinha imensas qualidades intelectuais e morais, porém dirigir carro não estava entre suas habilidades, não sendo injusto chamá-lo de “barbeiro”. Além do mais, agora é Gabriel Nunes quem fala, Lins e a mulher, a professora Ivone, tinham dois carros, um Opala e um Fusca – e ele preferiu viajar com o carro menor, o que aumentou o efeito do acidente.

Gabriel, que estava no Banco do Brasil, em Itabuna, quando foi surpreendido pela notícia da morte do amigo, conta o episódio: “Era uma locomotiva, com vários vagões carregados de cana. Lins, ao perceber a passagem do

último, avançou, ultrapassando um automóvel parado à sua frente, sem perceber que aquele último vagão não era o ‘fim’ do comboio, mas que havia um lastro, uma espécie de carroceria – foi esse lastro que ele atingiu com o Fusca”. Foi como se ele, com o Fusca, houvesse “atropelado” a locomotiva.

Gabriel recorda que, cuidadoso, seu colega e amigo escolheu dormir em Santo Amaro, para não enfrentar a estrada naquela noite, em 8 de abril. Apesar dessa precaução (ou por causa dela?), ao atravessar uma passagem de nível, ao nascer do sol do dia 9, sofreu o acidente fatal. Não falta quem diga que, pelas características do evento, o impacto sobre Lins seria bem menos danoso, se ele estivesse com o Opala.

Gabriel Nunes, permitindo que se perceba uma pontinha de misticismo, diz que “essas coisas não encontram explicação no plano concreto”.

Desce mais uma!

“Era nossa academia, o bar Pingo de Ouro, de Munelar Guimarães Falcão, de família tradicional de cacaucultores (o lendário Oscar Marinho era seu tio), homem intelectuado, politizado, mais tarde foi vereador, grande papo e grande copo, autor de umas teorias que hoje não fariam muito sentido entre os adeptos da vida saudável. A mais repetida delas dizia ser o álcool um elemento indispensável ao bom funcionamento do organismo, tão indispensável quanto água do pote. E já sei que os pragmáticos vão dizer que esta é uma conversa típica de dono de bar, sem nenhum valor científico. Não sei, não sei. Vá que eu, por ser novo e meio bobinho, achasse esta teoria muito profunda e revolucionária... Mas o que dirá essa gente sem poesia ao saber que o cronista, jornalista, grande causídico e professor de Direito Constitucional da Fespri, Manoel Sampaio Lins, copo de alta responsabilidade, também aplaudia, entusiasmado, o discurso de Munelar? Pois é, como disse o poeta.

Lembro-me de certa vez em que Manoel Lins, olhos marejados, a sensibilidade tocada pela peroração do dono do bar, quis bater palmas, desejou dar o seu aprovo de maneira ruidosa, mas foi traído pela emoção, não mais dominava o sentimento, e tudo que conseguiu dizer, com a voz embargada, a garganta parecendo amarrada por um nó de marinheiro, mas ainda com registro suficientemente forte, foi:

– Desce mais uma!

Dito assim, sem o colorido ambiente da oralidade, parece pouco. Mas em verdade vos digo que a frase

aparentemente simples teve o condão de ser ouvida, àquelas primeiras horas do dia, quando o sol já despontava nos lados da Serra do Padeiro, pelas beatas da missa das seis do Padre Granja, pelas meninas do Ponto Certo que encerravam sua noite de trabalho, pelos bêbados da Casa de Maria K Te Espero e pelos matutos que chegavam do Maruim para a feira do sábado e que para o Maruim voltariam, à tarde, feira feita e cabeça cheia de cachaça, felicidade e sonhos.

– Desce mais uma! – repetiu, como se fosse necessário, o causídico.

Aí foi a vez de Munelar. Homem de grande sentimento poético, também se comoveu, mandou descer não uma, mas meia dúzia, botamos, ainda por sua iniciativa, Manoel Lins no pódio (não havia um pódio – que querem? – tivemos de erguer o cronista – que não era pesado – sobre uma mesa de mármore) e demos-lhe um banho de cerveja.

O dono do bar, do alto de sua sabedoria, declarou, alto e bom som, para que nenhuma dúvida no ar pairasse, que jamais ouvira, em três décadas de vender bebida e defender sua tese de que álcool é remédio porreta para prevenir doenças variadas, jamais, repetia, de dedo em riste (a voz já um pouco complicada, não se sabe bem se pelo excesso de “remédio” ou pela emoção de que era tomado), jamais ouvira nenhuma aprovação mais eloquente e erudita, mais sucinta e clara, mais cristalina e irrespondível, inquestionável, sensata e definitiva do que aquele gutural ‘desce mais uma!’, proferido em instante de grande inspiração pelo autor de *Menino aluado*.

(LOPES, Antônio. *Luz sobre a memória*, 2^a edição.
Ilhéus: Mondrongo, 2013)

De Manoel, lembrança ou fantasia

*Naomar de Almeida Filho**

Manoel Lins, alagoano de nascimento, era tão ligado a Buerarema quanto eu, que ali nasci, mas era de uma geração anterior à minha; nos meus quinze anos, ele estava entrando nos trinta. Seu irmão mais velho, Ernandi, tinha se casado com Crisdete, minha prima. Ernandi, que depois se tornaria prefeito, era professor polivalente do Ginásio Henrique Alves e, junto com Pastor Freitas, Petrônio e o próprio Manoel, foram meus primeiros modelos de intelectual. Por essa diferença de idade – grande lapso de tempo para o inquieto e quieto adolescente que fui – pouco convivi com ele. Por isso, tenho lembranças fugazes daquela pessoa culta, educada e simples, mas guardo memórias de Manoel que às vezes me parecem fantasia ou quiçá aquilo que os psicólogos estadunidenses, numa moda velha de um certo tempo, chamaram de memória reconstruída. Posso dizer que ele fez parte do meu imaginário infantil, como alguém que representava saberes e poderes intelectuais, como, por exemplo, falar outra língua.

Nos quinze anos, cheio de dúvidas, pendulava entre querer ser um cientista como Paulo Alvim e Pedito Silva, escritor, como Telmo Padilha e Manoel Lins, ou professor, como Plínio de Almeida e Litza Câmera. Realista quanto às verdadeiras chances de conseguir ser uma coisa ou outra ou outras, me preparava para não ser nada daquilo.

De manhã, estudava no Colégio Divina Providência, à tarde trabalhava (fui da Gráfica Popular à Farmácia Lupani, daí ao Laboratório Dilson Cordier – nos fins de semana, nas estradas do Sul, ajudava Lourdes, minha mãe, a vender nas feiras as confecções da Marlu Modas) e à noite estudava Contabilidade (como Naomar, meu pai) na Escola Técnica de Comércio de Itabuna, dirigida pelo Padre Nestor. No meio das dúvidas, tinha como certo que faria algum concurso do Banco do Brasil ou da Ceplac (isto mais remotamente, pois meu pai há muito rompera os laços com a vida rural cacaueira, quando a cooperativa de agricultores que ele liderava faliu na grande seca de 1951).

Lembro (ou acho que lembro) de ter conversado algumas vezes com Manoel sobre tais escolhas e incertezas; não sei se lhe teria mostrado algum escrito, talvez tenha compartilhado uma ou outra inquietação sobre política, assunto que começava a me interessar. Lembro (ou acho que lembro) tê-lo encontrado num almoço de sábado, dia de feira, na casa do tio Cristovaldo (casa que me parecia enorme – depois de crescido, lá voltei várias vezes e vi que nem tão grande era), conversando com meus pais sobre como era a vida na capital, pois dava como certo que eu deveria sair para estudar na universidade. No ano seguinte, mudei-me para Salvador e nunca mais vi Manoel, apenas tinha notícias dele pela parentada quando, com muita frequência, voltava à casa em fins de semana e feriados, nas rodas da Sulba. Soube de sua morte com atraso de semanas. Lembro (ou acho que lembro) de ter ficado triste e saudoso e com uma sensação de que deveria tê-lo conhecido melhor.

Lembrança ou fantasia, não importa. Meus pais frequentemente falavam do jovem Manoel como exemplo de quem perseguiu sonhos parecidos com os meus e que, nisto, teria sido bem-sucedido e que, ainda assim, sempre voltava à terra e à família. Minha trajetória de professor, pesquisador e, numa certa medida, escritor, certamente teve Manoel Lins como inspiração; muito naqueles momentos precoces de decisão de vida, mais ainda agora, nesse meu retorno à querida terra grapiúna, semeando e cultivando uma universidade de excelência, pública, popular e socialmente referenciada.

* Reitor da Universidade Federal do Sul da Bahia, médico, Ph.D em Epidemiologia, mestre em Saúde Comunitária, Doctor of Science Honoris Causa da McGill University, Canadá. Ocupa, na Academia de Letras de Itabuna, a Cadeira nº 38, que tem como Patrono Manoel Lins.

Buerarema contristada

Em artigo na *Tribuna do Cacau* (10 de abril de 1979), o poeta Ivo Celso Fontes, então morando em Vitória/ES, fala de sua emoção ao rever Buerarema, sua terra:

“Olhei e revirei tudo, não ficou lugar. Algumas sensíveis melhoras em nossa Macuco. Mocidade vivaz e inteligente, rebentos notáveis que despertam formosos e seguros para o mundo encantado das artes”. O poeta cita Marcelo Ganem, “fluente e inspirado compositor”, Ramon e Thales, “literatos precoces e conscientes”. “Mas algo estava faltando para coroar de êxito o passeio” reclama Ivo.

“Faltava o autor inconfundível de *Menino aludado*, o poeta, escritor e pensador, amigo e irmão, com sua calma imperturbável, conciliador e bondoso, liderando nosso bate-papo com amor e companheirismo, sempre a sopitar esperanças em nossos corações, não obstante as dificuldades e vicissitudes da vida cotidiana.

Nós sentimos sua falta, Lins. É fato incontestável que quando desaparece um poeta, a terra na qual moureja fica contristada, triste e saudosa, até que surja um novo bardo, no caso, um substituto de Pedro Macuco, com a mesma envergadura e amor, para cantar como você cantou, querido e saudoso irmão, nossas alegrias, angústias e dores”.

O último bilhete

Cansado, o cronista pede
férias, sem saber que o
Destino lhe programara
licença definitiva.

INFORMAÇÕES
E
NEGÓCIOS

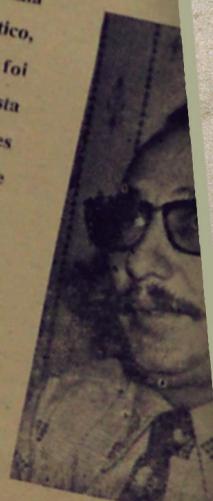
SB

ANO II — 13 de Abril de 1975 — Nº 407 — Itabuna — Bahia

Mundo cultural Lins um de seus

O mundo cultural itabunense está de luto. Morreu, na última quarta-feira, dia 9, vítima de violento acidente automobilístico, numa passagem de nível em Santo Amaro, quando seu carro foi abalroado por uma locomotiva, o conhecido advogado, jornalista e funcionário federal Manoel Sampaio Lins. Uma das maiores expressões culturais em nosso meio, advogado militante e de grande conceito, professor de Direito Constitucional na Universidade de Santa Cruz, autor do livro de crônicas "O Menino Aluado", — como era conhecido nos meios intelectuais e jurídicos — sua mulher e 2 filhos, além de um enorme vazio nos setores da cultura gráficas.

Manoel Lins diplomou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, tendo sido colega de turma do cineasta Gláuber



nento número de portadores
hepatite infecto-contagiosa

a Jacintho Cabral de
mou ao SB que nos
meses tem atendido
de crianças porta-
patite infecto-conta-
meses de fevereiro
conhecido pediatra
de 10 casos. As
incidência da do-
especialista, são
banhos de mar, É
foz de rios. É

o próprio pediatra quem assevera: "o que se deve fazer para evitar a hepatite nas crianças é não levá-las a banhos de mar em bacias, foz de rios e piscinas. As praias do Pontal e Av. Soares Lopes, em Ilhéus, são altamente condenáveis. Os banhistas devem procurar as praias da costa, pois nessas o perigo de contaminação é bem menor".

GANHE 6 mil mensais

O Aero Clube de Ilhéus, no plano de expansão de suas atividades, está proporcionando aos jovens itaburenses a oportunidade de abertura de uma carreira brilhante e rendosa. Trata-se do curso de piloto promovido pelo ACIL, com inscrições abertas.

interjei:
Sexta-feira Vou
desse lado férias, poi
não faço mais nenhum
calendário para
meu trabalho.
Lins

"Jorge:
Gostaria que você me desse umas férias, pois
os afazeres não permitem uma colaboração permanente.

Um abraço de
Lins"

O canto da ete

Oração por Manoel

Jorge de Souza Araujo*

Mil lágrimas não bastarão.
Para lavar a desgraça de perder um amigo,
qual o valor das palavras?

A que férias tu te referias, Manoel? Na segunda me escreves, requerendo um descanso a que afinal merecias na quarta...

Dez mil palavras que eu escrevesse agora não te restituiriam à vida nem ao convívio dos teus. Sei desta impotência nossa de traduzir em palavras escritas a profunda perda de um ente querido. Sei quanto me move a sensação de querer-te de volta às páginas do SB, humanizando o domingo, com tua doce ironia. Inútil sensação, já se vê. Definitivamente nós te perdemos, Manoel. Malgrado nossa estupefação, perdemos teu riso herético e teu rosto vermelho de alagoano itabunense. Enfim, perdemos o Pedro Macuco, cronista sem fardão, artista da palavra, a mais bela e fera.

Pedias substituição, por algum tempo, em teu último bilhete. Na tentativa de fazer a tua vez, ocupando o teu lugar num espaço por todos reconhecido com o teu, pude fazer muito pouco, Manoel. Aliás, curvo-me ante o inescapável. São bem poucos os cronistas neste imenso País que dispõem da formidável arma do humor de que dispunhas, meu pobre amigo. De tua pena – que querias modesta,

mas que era digna dos melhores – saíram autênticas joias literárias. De *Menino aluado* ao *Camelô de pau d'arco*, de *Manoel, o confinado* ao *Tratado de muriçocologia*. Em ti repontava um fino humor e a ironia sutil, imperceptível aos guardas medievos da moralidade burguesa. Tinhais pela vida uma admiração antiga, e pela liberdade uma verdadeira idolatria. Em teu mundo de compreensão entre os homens, paz, bem-estar e justiça social. Um mundo que, afinal, nem chegaste a adivinhar.

E para preencher o ócio aos domingos, escrevias levezas entremeadas com sabedoria original, uma experiência de quem sabe até onde nos pode conduzir o sorriso.

É impossível dissociar a emoção que marca este meu escrito. Até aqui não consigo desvendar os motivos pelos quais conservei teu bilhete, pedindo férias, mas a que férias tu te referias? À primeira de tua morte, dada assim, abruptamente, esmurrei o ar, proferi cobras e lagartos contra um Deus que não sabe escolher os seus mortos. Por que logo a ti pôde recair tal escolha, Manoel? Há alguma lógica para o assim absurdo de uma locomotiva te alcançando numa cidade estranha a teus sentidos? Não será absolutamente ilógico esse teu desaparecimento, próprio da absurdade desses tempos bicudos, que ainda vivemos.

Diante desse fato, diante da fatalidade de tua perda, só nos resta a longa caminhada de continuação, a permanente trincheira da palavra escrita, do jornal feito nas horas mortas de cada dia triste, cada dia melancólico, feito também de paisagens humanas aterradoras, entre outras bonitas e sensíveis, cada dia feito de miséria e opressão, injustiça e

insegurança, fome, dor e morte. Sei que aprovas esse refluir da vida como ela é, sem mistificações ou retoques, sem retratos coloridos, sem mitos, sem heróis, sem crenças numa estabilidade social fantasmagórica. E queres, no meio de nossas preocupações diárias, uma atenção para esta cidade devasta- da pelo desleixo e pela inapetência, um cuidado para evitar a derradeira debacle.

Não pretendo que esse seja um documento literário, pois sei antecipadamente que não o é. Quero apenas prestar-te uma homenagem, Manoel Lins, e a deste jornal, juntamente com a parcela da população desta cidade que em ti veem a figura humana excepcional. Não – nativo como tu, aqui igualmente me sinto em casa, de alguma forma marcan- do minha presença (como tu) na luta pelo desenvolvimento integral de nosso meio.

Encerrados em cela comum, temos nossas ân- sias de liberdade ainda cerceadas. De alguma forma, te mani- festavas, um pouco por mim, um pouco por nós todos que ainda cremos no idealismo (talvez suicida) de um mundo mais humano e menos tenebroso.

Vai, Manoel, ser flor no outro mundo. Cuida de tuas absolvões – que as tens tantas. Vai te embalar em rede doce do Ceará (Alagoas fabrica redes?) – finalmente descan- sando um descanso que não queríamos, que nem mesmo tu querias, Pedro Macuco de grandes e abertos olhos em terra de cego. Terás, enfim, a tua paz, a que não encontraste nes- te mundo dos (muito) vivos. Com os teus amigos fica uma profunda lembrança, a de ter privado de teu afeto, de um teu calor humano sinceríssimo, tão dificilmente encontrável no

comum das relações sociais hipócritas, calculistas e interesseiras. Com tua morte, Manoel, morre também um pouco de nossas alegrias – as últimas, talvez – e fica a certeza de tua presença no interior de cada peito, como na receita que sabiamente deste um dia:

*Amemos, pois, amados leitores porque
o amor nos liberta da miséria humana.*

* Professor universitário, doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, poeta e prosador, autor de mais de 15 títulos, em prosa, poesia e pesquisa. À época, editor do jornal *SB – Informações e Negócios*, onde foi publicado este texto.

erna esperança

7



IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA